



Testemunho de Fé

11 a 17 de outubro de 2020 - Ano XXVIII (XX) - n° 1.183 - Edição semanal n° 1.024

**Celebremos com
alegria no coração a
Solenidade de Nossa
Senhora Aparecida,
Padroeira do Brasil.
Que Ela nos cubra com
seu manto sagrado e
conduza até Deus.**

PÁGINAS 3, 28 A 30

CARLOS MOIOLI



Santa Teresa D'Ávila e os professores

No próximo dia 15 de outubro comemoraremos o Dia do Professor, precisamente porque nesta data nós católicos celebramos a sua padroeira, Santa Teresa de Ávila. Mas quem é esta grande mulher, Virgem, Santa, Doutora que marcou a história da Igreja e hoje figura como uma das maiores personalidades da história da Humanidade?

Teresa se sentiu fortemente chamada à vocação religiosa desde a mais tenra idade, contudo, ingressou no convento carmelita da Encarnação em Ávila, na Espanha, somente aos 20 anos, em 1535, num período em que a vida religiosa na Espanha se encontrava em franca decadência, visto que as comunidades já muito se tinham afastado do primeiro fervor. A jovem carmelita Teresa começou a ir ao encontro desta lamentável realidade a partir de uma prodigiosa experiência mística com a qual foi agraciada; quando, em certa ocasião, ao deter-se diante de um crucifixo muito ensanguentado, perguntou: *“Senhor, quem vos colocou aí? Então ela escutou uma voz que lhe dizia: “Foram tuas conversas no parlatório que me colocaram aqui, Teresa”*. Era comum naquela época os religiosos receberem visitas nos conventos e mosteiros, e passarem longos tempos nos parlatórios, recintos onde recebiam estes visitantes, que muitas vezes lhes traziam mimos do mundo cá fora. Ela caiu em prantos e nunca mais voltou a perder tempo com conversas inúteis e amizades que não conduziam à santidade. A partir deste evento maravilhoso, Teresa iniciou um processo de verdadeira reforma de sua vida pessoal. Mas, não se contentou

apenas com a reforma de sua própria vida e, por isso, acabou por se lançar num movimento de reforma dos costumes e da vida religiosa como um todo, chegando a fundar a Ordem das Carmelitas Descalças, não sem encontrar muitas dificuldades e perseguições.

Teresa foi de fato grande reformadora dos costumes e da vida religiosa carmelitana, não somente por seu testemunho de vida, mas também por suas célebres obras que se mantêm ainda hoje como referência para a vida religiosa e para a teologia mística. Tais obras suas, especialmente as mais conhecidas (Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Moradas e Fundações), trazem consigo uma doutrina que abraça toda a vida espiritual, desde os primeiros passos até à intimidade com Deus. Suas cartas revelam um coração sensível aos problemas mais básicos. Sua doutrina sobre a união da alma com Deus é bem firmada na trilha da espiritualidade carmelita, que ela tão notavelmente soube enriquecer e transmitir, não apenas a seus irmãos, filhos e filhas espirituais, mas à toda Igreja, à qual serviu fiel e generosamente. Ao morrer sua alegria consistiu em proclamar: *«Morro como filha da Igreja»*. O que é de capital importância, visto que no século XVI, por conta da Revolução Protestante, muitos foram os que querendo reformar a vida religiosa, que de fato precisava ser reformada, como também de fato o foi pelo Concílio de Trento, romperam com a Igreja fundando seitas religiosas, ao passo que Teresa empreendeu uma verdadeira reforma a partir de dentro, sem

nunca se distanciar de sua Mãe Igreja, a grande Mãe Católica.

Com efeito, Teresa é ainda hoje considerada um dos maiores nomes da mística católica. Até mesmo protestantes, agnósticos, ateus e livres pensadores se curvam à sua notável inteligência, aos seus sólidos e persuasivos argumentos, ao seu estilo vivo e atraente e à sua maturidade humana e cristã.

Teresa, como perene mestra de espiritualidade e hoje padroeira dos professores, é, sem dúvida alguma, um modelo em que todos os profissionais de educação podem se mirar, sobretudo neste tempo de decadência em que vive a educação brasileira, o que leva muitos professores ao desânimo, ao cansaço e à falta de esperança. À semelhança de Santa Teresa d'Ávila, é preciso reconhecer que a dura realidade em que vivemos só poderá ser transformada a partir de dentro, a partir do momento em que cada um de nós descobre, reconhece e explora a sua capacidade de iniciativa, empenhando o melhor de si em vista do ensino e aprendizado.

Se por um lado é preciso sim exigir de nossas autoridades o cumprimento de suas responsabilidades e compromissos para com a educação, por outro é necessário que a sociedade, como um todo, se empenhe em fazer a sua parte, também assumindo as suas responsabilidades sem transferi-las a terceiros, como tem ocorrido atualmente na relação entre pais e mestres, em que os muitos pais, superocupados em progredir no mercado de trabalho, acabam por delegar a parte que lhes cabe no processo

educacional aos professores que são mal remunerados, diga-se de passagem, para o ensino. Os professores, por sua vez, não admitem assumir como função sua aquilo que cabe aos responsáveis e que os alunos deveriam trazer de casa para as escolas. E assim nasce um conflito de papéis e cresce uma juventude desorientada, sem referências e sem limites.

É grande o desafio para os nossos professores, que legitimamente lutam por salários justos e melhores condições de trabalho. Mas maior ainda é a nobreza e a dignidade de sua vocação em transmitir conhecimento e abrir as mentes das novas gerações a novos horizontes, também assim enchendo-lhes o coração de novas esperanças. Pois é exatamente isso o que o conhecimento e a relação ensino-aprendizagem têm a prodigiosidade em fazer: abrir a mente e lançar o olhar para horizontes que estão para além das limitações de nosso tempo, fazendo a esperança transbordar em cada coração.

Que nestes tempos difíceis para a educação brasileira possa a gloriosa Santa Teresa d'Ávila interceder por todos os profissionais de educação, para que tenham resistência e firmeza na luta contra as dificuldades, coragem para mudar aquilo que pode ser mudado e, acima de tudo, muito amor para que recordem sempre o que ensina a Palavra de Deus: *Os que são esclarecidos resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça brilharão como as estrelas por toda eternidade (Dn 12,3)*.

PADRE VALTEMARIO S. FRAZÃO JR.

PARABÉNS

O Jornal Testemunho de Fé congratula-se com todos os aniversariantes desta semana e suas comunidades

NATALÍCIO

DIA 11

- Pe. Clebio Tosta Junior
- Pe. Fortunato F. Araújo

DIA 12

- Pe. Frei Juan José O. Garmêndia, OAR
- Pe. Frei Vilmar Potrick, OAD
- Pe. Frei Wellington Clébio Faria Porfírio de Barros, OAD
- Diác. Marcos A. Gomes da Silva

DIA 13

- Pe. Liseu Spohr, MSF
- Diác. Eduardo da Silva

DIA 14

- Pe. Darci Geraldo de Souza
- Pe. Hélio Cláudio da Silva Lima

- Pe. José Roberto G. Costa
- Pe. Rafael Kizimia Fantini, LC
- Diác. José Carlos C. Silva

DIA 15

- Pe. Frei Emerson C. Silva, OSA
- Diác. Waltair de Paula Freitas

DIA 16

- Pe. Carlos Henrique Müller, SJ
- Pe. Frei Edson B. Brito, OAR
- Pe. Evandro Ruiz Alves Costa
- Pe. José Carlos dos Passos
- Pe. Serafim de S. Fernandes
- Pe. Frei Washington L. B. Silva, OCD
- Diá. Orlando Pimentel

DIA 17

- Pe. Adenilson C. Campos
- Pe. Alexandar P. P. Bas, LC
- Pe. Antônio José dos Santos

- Pe. Givanildo Luiz de Andrade
- Pe. Paulo de T. Rodrigues, CRSP
- Pe. Raimundo P. Santos, PODP
- Diác. Alcides Martin

ORDENAÇÃO

DIA 11

- Pe. William Bernardo da Silva

DIA 12

- Dom Joel Portella Amado
- Mons. Antônio José de Moraes
- Mons. Luiz A. Pereira Lopes
- Pe. Alex S. Santos Irineu
- Pe. Clebio Tosta Junior
- Pe. Frederico Witte Guerra
- Pe. Geraldo M. Souza Lima
- Pe. Gilmar Florentino da Silva
- Pe. José Edilson de Lima

- Pe. José P. Francis (Kalapura)
- Pe. José R. Santos Pastura
- Pe. Omar Raposo de Sousa
- Pe. Pedro Eduardo Silva Lira
- Pe. Sebastião G. Silveira
- Pe. Sebastião N. Rezende
- Pe. Vanderson de Oliveira

DIA 13

- Diác. Gleiciano de F. Silva
- Diác. José B. Rodrigues Neto

DIA 14

- Pe. Frei Wilson G. Nascimento, OCD
- Pe. Jairo Dias de Oliveira

DIA 15

- Pe. Reinaldo Braga Ferreira, SCJ
- Pe. Rômulo dos Anjos Silva
- Diác. Alexandre Lopes
- Diác. Antonio Luiz dos Santos

- Diác. Celso Luiz da Hora Couto
- Diác. Domingos J. M. Neto
- Diác. Ephon Pedro da Silva
- Diác. Genival José de Lima
- Diác. Hélio P. Machado Junior
- Diác. Jenuario Loss Gambert
- Diác. João A. Lima Walterfang
- Diác. João Luiz da Roza
- Diác. Manoel Luiz
- Diác. Marcio F. Barbosa
- Diác. Miguel Arcanjo Pinto
- Diác. Paulo Mouracio da Costa

DIA 16

- Pe. Frei José A. Lima, OM
- Pe. Frei Leandro A. Pereira, OCD

DIA 17

- Pe. Luiz A. N. Pereira, CRSP

ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO
Rua Benjamin Constant, 23 - Glória - 20241-150 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (21) 2292-3132

Arcebispo Metropolitano: Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.

Vigário Episcopal para a Comunicação Social: Padre Arnaldo Rodrigues da Silva

Diretor de Jornalismo da Arquidiocese do Rio: Carlos Moioli - MTE: 0038788/RJ

FUNDAÇÃO CULTURAL, EDUCACIONAL E DE RADIODIFUSÃO CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO
Rua Benjamin Constant, 23 - 7º andar - Glória - 20241-150 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3231-3560 - Fax: 3231-3566

Diretor Geral: Cônego Doutor Marcos William Bernardo
Diretor Administrativo/Financeiro: Padre Ionaldo Pereira da Silva
Diretora Jurídica: Doutora Claudine Milione Dutra
Diretor Adjunto: Diácono Claudino Affonso Esteves Filho
TESTEMUNHO DE FÉ: Tel.: (21) 3231-3568 / 3231-3569
Site: www.testemunhodefede.com.br
Mídias sociais: facebook.com/jornaltf / @testemunhodefede_ / otestemunhodefede.blogspot.com.br

Redação e Jornalismo: jornalismo@arquidiocese.org.br
Jornalista Responsável: Carlos Moioli
Supervisora de Jornalismo: Marcylyne Capper
Revisor: Carlos Gustavo Trindade
Diagramadora: Elizabeth Eiras
Repórter Fotográfico: Gustavo de Oliveira
Atendimento de Publicidade: Haroldo Nobre - Tel.: (21)

3231-3583 - email: haroldonobre@radiocatedral.com.br
Rimsky Fanticelli - Tel.: (21) 3231-3581 - email: rimsky@radiocatedral.com.br
Deniere Freitas Fonseca - Tel.: (21) 3231-3582 - e-mail: deniere@radiocatedral.com.br
Banca Digital: www.otestemunhodefede.com.br

Segundo as normas internacionais sobre a propriedade intelectual e direitos autorais, recordamos aos leitores que todo o conteúdo do jornal "Testemunho de Fé" pode ser reproduzido, parcial ou totalmente, desde que seja citada a fonte. Informes publicitários e anúncios são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não cabendo ao jornal responsabilidade sobre os mesmos.

Nossa Senhora Aparecida

No dia 12 de outubro, o nosso país celebra a Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. É a mesma Mãe de Jesus Cristo que, em diversos lugares, aparece e recebe títulos dados pela “devoção popular” e aprovados pela Igreja.

Nossa Senhora recebe o título “Aparecida” porque foi encontrada por pescadores humildes no Rio Paraíba do Sul, na região do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. Uma imagem quebrada e com as cores do limo do fundo do rio, por isso uma imagem enegrecida.

Nossa Senhora aparece na forma humilde — uma imagem da Imaculada Conceição. Primeiro os pescadores encontraram a cabeça e em seguida o corpo. Nossa Senhora auxilia os humildes pescadores na pesca que eles tinham que realizar. Eles não estavam encontrando peixe algum. A partir do momento em que Nossa Senhora aparece, eles encontram os peixes. Sinal da intercessão da mãe para a missão de evangelização.

Nos diversos locais de devoção mariana, Nossa Senhora sempre esteve na condição de auxiliar alguém ou, ainda, em um momento de enorme dificuldade do país ou do mundo. Na época do aparecimento aos pecadores no Rio Paraíba, o Brasil atravessava a difícil realidade da escravidão.

Os pescadores que nada pescaram e temiam voltar com a rede vazia clamam a Nossa Senhora. E eles conseguem fazer uma pesca frutuosa e ainda encontram a imagem. São muitos sinais que se seguiram pela história, entre os quais lembramos o que Nossa Senhora, então, liberta um escravo que estava como “prisioneiro”. Por um milagre, suas correntes se soltaram. E Ela aparece negra, representando a cor do povo que sofria com a escravidão.

A imagem é a mesma Mãe de Deus, representada em diferentes formas e jeitos nas regiões onde é clamada. E recebe os mais variados títulos. Em Fátima, Ela

apareceu aos pastorzinhos e recebeu esse título. Em Guadalupe, Ela aparece a um índio. Em Lourdes, recebe o título após aparecer a Santa Bernadete. Em Aparecida, a imagem que os pecadores encontram é a da Imaculada Conceição.

Aos poucos a devoção a Nossa Senhora Aparecida foi aumentando. Começou com uma singela capela. Os pescadores propagavam o milagre que receberam. Depois foi construída uma igreja, conhecida hoje como atual Basílica Velha. Em 1980, o Papa São João Paulo II consagra a nova basílica, que se encontra em fase de acabamento, com o revestimento das fachadas com a colocação de 80 mosaicos, representando passagens bíblicas.

O reitor do Santuário Nacional de Aparecida, padre Eduardo Catalfo, C.Ss.R, ao apresentar a novena deste ano escreveu: “Mais do que uma obra-prima da arte sacra, a história de Moisés, estampada na ‘Fachada Norte’ da Basílica de Aparecida, nos faz lembrar que o Egito precisa acabar. Queremos ser livres de todas as formas de escravidão que o mundo de hoje nos impõe. Vocacionados como Moisés, devemos viver em constante êxodo: sempre em êxodo missionário. Livres para a Aliança com Deus, nosso objetivo é a Páscoa de Jesus. A dolorosa experiência no deserto não tem o poder de roubar nossa firme esperança de caminhar rumo à terra prometida, sempre na direção da justiça e da paz. A Palavra de Deus, a bela ‘fachada’ de nossa vida, é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça (cf. 2Tm 3,16). Nosso principal desafio não é outro senão viver a fé à luz da Palavra!”.

A novena deste ano e a festa são galgadas num itinerário de fé em busca da vivência e do aprendizado da Palavra de Deus. Por isso mesmo, Nossa Senhora Aparecida sempre nos adverte: “Fazei tudo o que Ele vos disser!”. Essa data de 12 de outubro é dia santo no Brasil desde 1980, quando o Papa São João Paulo II

consagra a nova Basílica, que comporta cerca de 30 mil fiéis. Nossa Senhora Aparecida é a Rainha e Padroeira do Brasil, por isso devemos acorrer a Ela e pedir sua intercessão por nossa pátria, para que diminua a violência, que tenhamos mais saúde e condições dignas das pessoas procurarem um serviço médico. Nossa Senhora Aparecida nos ensina com o seu carinho terno de uma mãe a respeitar uns aos outros e fazer em tudo a vontade de Deus.

Em 6 de novembro de 1888, a princesa Isabel visitou pela segunda vez a Basílica e ofertou à santa uma promessa que foi feita em sua primeira visita, em 8 de dezembro de 1868. Ela ofertou uma coroa de ouro cravejada de diamantes e rubis, juntamente com um manto azul, ricamente ornado.

Todos os anos, no Dia da Padroeira do Brasil, acorrem milhares de fiéis ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, para pedir e agradecer as inúmeras graças que Ela nos concede. Mas este ano, devido à pandemia, devemos participar da novena e festa de nossa casa, acompanhando pelas mídias sociais, internet e TV ou através das nossas paróquias, respeitando todos os protocolos da Covid-19.

Por meio de Maria nos veio a “Palavra encarnada do Pai”, Jesus Cristo. Ela nos ensina a ouvir a voz do seu Filho e a colocar em prática a sua vontade, meditar e guardar essa palavra no coração e amar e servir as pessoas.

Com Maria somos chamados para a “missão”, assim como nos estimula a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada e aberta pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no ano de 2007. Iluminados pela graça de Deus e da Virgem Aparecida, somos impulsionados pelo Espírito Santo a sermos “sal na terra e luz no mundo”, levando a misericórdia de Deus para todas as pessoas.

Que nesta Solenidade de Nossa Se-



Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.
Arcebispo do Rio de Janeiro

nhora Aparecida sejamos conduzidos ao altar de Deus, que Maria nos conduza até seu Filho Jesus, por meio da Eucaristia. Sejam alimentados pela Palavra que nos salva e pela Eucaristia que nos sustenta.

Peçamos a Nossa Senhora Aparecida que interceda a Deus por todas as crianças do Brasil. Que elas tenham um olhar puro e inocente para Deus e que sejam livres de todos os perigos. E que Ela interceda pela nossa pátria. E, nossa gratidão, neste tempo de pandemia da Covid-19, a todos os professores, que celebrarão o seu dia no próximo dia 15, que não estão medindo esforços para transmitir conhecimento e cidadania. Amados professores, minha bênção especial no seu dia e que Deus os ilumine na sua singular e primordial missão educativa.

Aos pés do Altar de Aparecida, trocando a graça divina, colocamos todas as famílias brasileiras: “Com Maria, em família, revestir-se da Palavra” é o lema deste ano. Em nossas casas, iluminados pela Palavra de Deus, revestidos da presença de Maria Santíssima, celebremos com alegria no coração a Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, que Ela nos cubra com seu manto sagrado e conduza até Deus. Amém.

AGENDA DO ARCEBISPO

DIA 11

11h30 - Missa pelo Círio de Nazaré na Basílica Santuário São Sebastião, na Tijuca

18h - Missa de encerramento da novena na Paróquia Nossa

Senhora da Conceição Aparecida, no Cachambi

DIA 12

9h - Missa no Santuário Cristo Redentor, no Corcovado

18h - Missa de encerramento da festa da padroeira na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Santa Margarida, em Campo Grande

DIA 16

19h30 - Missa na Paróquia Santa Margarida Maria de Alacoque, em Senador Camará

DIA 17

9h - Missa “O Rio Celebra” pela instituição de leitores dos seminários São José e Missionário, na Catedral de São Sebastião, no Centro

ATOS DO GOVERNO

30 de setembro a 6 de outubro de 2020

▪ Criando a nova Paróquia São Sebastião, na 6ª Forania do Vicariato Episcopal Santa

Cruz, desmembrando-a da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Santa Cruz.

▪ Transferindo o Revdo. Pe. José Alixandre

da Silva do ofício de Vigário Paroquial na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Santa Cruz, para o ofício de

Administrador Paroquial da Paróquia São Sebastião, em Santa Cruz, Vicariato Episcopal Santa Cruz.

ANUNCIE AQUI

SÃO MAIS DE 276 PARÓQUIAS VENDO O SEU ANÚNCIO



88,82%

Demonstrativo Financeiro - Setembro/2020

Receitas	Valor (R\$)	Despesas	Valor (R\$)
Donativos Rádio	430.961,73	Salários, Férias e Rescisão	145.077,27
Donativos Jornal	33.504,90	Encargos	102.495,13
Propaganda e Publicidade Rádio	67.803,10	Benefícios	80.994,38
Propaganda e Publicidade Jornal	680,00	Pessoal S/ Vínculo	41.195,90
Outras Receitas	19.189,58	Gerais de Manutenção	12.546,88
		Energia Elétrica, Telef. Internet	46.379,87
		Impressão	3.857,84
		ECAD	48.369,87
		Correios	11.129,63
		Financeiras	19.432,95
		Impostos, Taxas e Contrib.	19.024,07
		Outras Despesas	28.467,19
		Equipamentos	3.352,00
		Despesas Meses Anteriores	18.425,39
Total	552.139,31	Total	580.748,37
Déficit	-28.609,06		

Quero agradecer a todos aqueles que sabem da importância da comunicação nesta grande cidade e Região Metropolitana do Rio de Janeiro e que tem contribuído para que nós possamos continuar a missão. No mês de setembro nós chegamos a 88,82 da meta. Foi um grande passo, mas já tivemos meses que foram muito melhores. Foi uma graça muito grande, pois tivemos a possibilidade de pagar as dívidas anteriores, que ficaram quando as metas não foram atingidas. Louvamos a Deus e somos muitos gratos pelo esforço de cada um. Já lanço um pedido para todos, para que neste mês de outubro, Mês das Missões, e portanto, com espírito missionário, possamos conseguir ultrapassar os 106.7 que é a nossa meta de todos os meses. Também peço que consigam mais amigos para a Rádio Catedral. Somos desafiados e a graça de Deus vai nos dar força para chegar a nossa meta, a dar um passo a mais.

Orani João, Cardeal Tempesta, O.Cist.

Arquidiocese do Rio se engaja no cuidado da Casa Comum para eliminar plásticos das casas, ruas e rios

FOTOS RAQUEL NERY

No dia 4 de outubro, data em que a Igreja celebra a memória de São Francisco de Assis, padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, foi lançada na Arquidiocese do Rio de Janeiro uma parceria com a empresa canadense Plastic Bank, com a finalidade de combater o despejo de plásticos nos oceanos.

“Neste ano em que celebramos os cinco anos da publicação da Laudato Si’, a encíclica social do Papa Francisco, estamos felizes com essa parceria, em mais um gesto concreto da nossa arquidiocese, que se engaja no cuidado da Casa Comum”, disse o arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta, no ato oficial da parceria, durante missa realizada no Santuário de Nossa Senhora da Penha, no bairro da Penha.

Dom Orani informou que a coleta dos plásticos será inicialmente realizada em paróquias indicadas, em cada região da cidade, mas que os locais serão multiplicados com o tempo. Ele destacou que a paróquia que aderir a parceria será uma referência de conversão ecológica, de mudança de mentalidade, e espera bons frutos.

“É uma parceria que chegou em boa hora, e trará muitos benefícios para nós, para o planeta. Com gestos simples, vamos eliminar os plásticos de nossas casas, ruas e rios, e evitar que eles cheguem aos oceanos. Eles serão reutilizados após o processo de reindustrialização, e também haverá retorno financeiro para as obras sociais da própria paróquia. Mais que tudo isso, estaremos contribuindo para uma educação de cidadãos conscientes em relação ao meio ambiente”, disse o arcebispo.

PROGRAMA DE FÉ

Segundo o coordenador do projeto “Programa de fé”, no Brasil, Cleiton Ramos, a Plastic Bank, idealizada por David Katz, é uma resposta ao apelo do Papa Francisco de que a missão da Igreja não é só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e, “sobretudo, proteger o homem da destruição de si mesmo”.

“A Plastic Bank, através do ‘Programa de Fé’, que visa unir as comunidades de fé e todas as pessoas de boa vontade no combate ao despejo de plástico

nos oceanos, já coletou mais de 14 milhões de quilos de plásticos desde a sua fundação, em 2013, e tem a ousada meta de atingir a marca de um bilhão de quilos até 2024”, disse.

Cleiton Ramos afirmou que a Arquidiocese do Rio é a primeira no Brasil a aderir a proposta da Plastic Bank, e que a parceria potencializará a propagação de uma mentalidade de comunhão, de desenvolver a solução concreta para um problema real. Também há projetos no Haiti, Filipinas e Indonésia.

“Com o engajamento dos fiéis e todas as pessoas de boa vontade, a coleta interromperá o fluxo dos plásticos até os oceanos. Os plásticos irão receber a destinação correta, e serão reintroduzidos no mercado depois de passar por um processo de reindustrialização em indústrias parceiras”, disse o coordenador.

Durante o ato da parceria, Cleiton Ramos entregou para Dom Orani um rosário embalado em uma caixa feita de garrafa Pet e com cordas tiradas do oceano por pescadores. O mesmo tipo de rosário também foi entregue ao Papa Francisco pelo fundador da Plastic Bank. Segundo o coordenador, em abril de 2021, a empresa irá realizar uma ação na Praça de São Pedro, no Vaticano, quando serão entregues 40 mil rosários ecológicos.

A empresa Plastic Bank (<https://plasticbank.com/>) é uma parceira do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, no Vaticano (www.humandevlopment.va), que tem como prefeito o Cardeal Peter Turkson, e no setor de “Ecologia e Criação” é coordenado pelo padre Joshtrom Isaac Kurethadam.

LOCAIS DE COLETA

A coleta de plásticos na Arquidiocese do Rio teve início na Associação São Martinho, na Lapa, já que a instituição é comprometida com a iniciativa da Plastic Bank pelo desenvolvimento sustentável.

“Além de apostar na iniciativa e se envolver com a causa, a parceria nos permite ampliar nossa matriz de fontes de recursos, uma vez que a São Martinho vive exclusivamente de doações e atende todos os anos 2 mil crianças em situação de vulnerabilidade no Rio”, disse o coordena-



Dom Orani, padre Sardinha, Cleiton e integrantes do ‘Programa de Fé’

nador do setor desenvolvimento institucional da São Martinho, Rodrigo Rocha.

Feliz em participar, o pároco da Catedral de São Sebastião, no Centro, cónego Cláudio dos Santos, disse que a iniciativa do projeto faz parte do coração pastoral de Dom Orani.

“A recepção dos plásticos na Igreja Mãe, trazidos pela população carioca, irá colaborar para a transformação das consciências, pois, como disse o Papa Francisco, temos que cuidar da nossa Casa Comum, afinal de contas, somos todos irmãos!”, disse cónego Cláudio.

Para o cónego Leandro Câmara, reitor do Seminário Arquidiocesano de São José, no Rio Comprido, o tema da “criação” faz parte do “processo formativo dos futuros presbíteros, integral em sua natureza e finalidade”, pois deve “contemplar todos os espaços e objetos em relação ao seminarista”.

O reitor acrescentou que na Encíclica Laudato Si’ o Papa Francisco abordou sobre a importância da “relação dos ministros da Igreja com a ‘Nossa Casa Comum’ e do quanto este deva ser um compromisso no exercício de um bom pastoreio”.

“O nosso seminário espera estar contribuindo com todas as iniciativas de promoção e manutenção da criação, seja na conservação da fauna e flora presente em seu espaço físico, seja nos programas de coleta



Cleiton Ramos, responsável pelo ‘Programa de Fé’ no Brasil



Coleta de plásticos no Santuário da Penha

promovidos para preservação do meio ambiente”, disse cónego Leandro Câmara.

Inicialmente, os demais locais de coleta de plásticos serão: Paróquia Santo André, no Caju, Santuário Nossa Senhora da Penha, na Penha, Paróquia Bom

Pastor, na Tijuca, Paróquia Imaculada Conceição, no Recreio, Paróquia São Pedro do Mar, no Recreio, Paróquia São José Operário, na Maré, e Paróquia São Judas Tadeu, em Bangu.

Dom Orani cria e instala a Paróquia São Sebastião, em Santa Cruz

Na memória dos Santos Anjos, 2 de outubro, o arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Orani João Tempesta, criou e instalou a Paróquia São Sebastião, na comunidade Rollas, em Santa Cruz, e deu posse ao administrador paroquial, padre José Alixandre da Silva.

Integrante do Vicariato Episcopal Santa Cruz, é a paróquia de número 276 da Arquidiocese do Rio e a 25ª criada no governo de Dom Orani.

CAMINHAR JUNTOS

No início da celebração, o pároco da Paróquia Nossa Conceição, em Santa Cruz, da qual a nova paróquia foi desmembrada, padre Jorge Pereira Bispo, fez a leitura do documento de criação da nova paróquia e a provisão do administrador paroquial.

“É uma alegria testemunhar a criação de uma nova paróquia em nossa região. Nossa paróquia tem crescido bastante, porque temos um povo dinâmico, missionário, que trabalha bastante. Missionários também são os padres que passaram por aqui. Cada um contribuiu com seu ministério, deixando uma marca de sua missão. Agora, com a presença mais próxima de um sacerdote nesta comunidade, o povo será mais motivado e perseverante”, disse padre Jorge Bispo.

Desde o anúncio da criação da paróquia, acrescentou o padre Jorge Bispo, os fiéis têm se empenhado nos mutirões para a construção da casa paroquial, e logo que termine, o administrador irá morar na comunidade. Também falou da construção no território paroquial do convento das religiosas da Fraternidade O Caminho, que será um grande incentivo da missão na região.

“Neste tempo em que trabalhou conosco como vigário paroquial, padre José Alixandre demonstrou muito amor por esta região e interesse pelas



Fachada da Paróquia São Sebastião. Acima, padre José Alixandre da Silva

pastorais e a construção do convento das religiosas, não medindo esforços para ajudar nossas comunidades. Ele é um padre jovem, cheio de energia, e foi providencial ter assumido a nova paróquia, já que trabalha aqui há um bom tempo. Tenho certeza que ele será uma bênção para a paróquia, que vai crescer junto com a comunidade. Será uma

experiência nova tanto para ele como para a comunidade. Com o apoio da comunidade ele vai caminhar, e juntos, serão um sinal missionário nesta região que precisa da presença da Igreja”, disse padre Jorge Bispo.

RITO DE POSSE

Antes de proclamar a Palavra de Deus, pela primeira vez, para os seus

paroquianos, padre José Alixandre fez a profissão de fé e o juramento de fidelidade, próprio de quem assume um ofício a ser exercido em nome da Igreja.

Após a homilia, o administrador recebeu as chaves da igreja e do sacristão, o batistério e o confessionário, e, por fim, na conclusão da missa, tomou posse da cadeira pre-

sidencial e deu a primeira bênção à comunidade.

PROXIMIDADE

Na homilia, Dom Orani agradeceu o trabalho e a visão missionária do padre Jorge Bispo, e desejou um bom pastoreiro para o padre José Alixandre, cuja paróquia conta com mais de 60 mil habitantes.

“Vejo com carinho os jovens sacerdotes preocupados com a evangelização, de levar adiante a missão e de iluminar o povo de Deus a fazer a experiência com o Senhor. Tenho certeza que São Sebastião, padroeiro arquidiocesano e paroquial, vai ajudá-lo, na sua juventude, a não desanimar com nenhuma flechada, mas continuar firme. Em qualquer situação somos chamados a viver a vida cristã com renovado entusiasmo e ardor, respondendo ‘sim’ ao Senhor; ‘Eis me aqui, envia-me’. A nossa vida deve ser uma constante missão na busca da justiça e da fraternidade”, disse o arcebispo.

Dom Orani destacou que a paróquia nasce na memória dos Santos Anjos, os mensageiros de Deus, e no Mês Missionário, como uma oportunidade de viver o dinamismo paroquial no contexto da proximidade.

“Os Santos Anjos nos fala da proximidade de Deus. Eles que diante

do Senhor apresentam nossas orações, ao mesmo tempo, caminham conosco para nos guiar e iluminar. Somos chamados a crer no que nossos olhos não veem e nem nossas mãos podem apalpar, mas devemos ficar atentos aos valores que os anjos colocam em nossos corações e sopram em nossos ouvidos. No dinamismo da Igreja, também devemos ser próximos uns dos outros, e como missionários, anunciar a Boa Nova, de ser uma Igreja presente na sociedade, de fazer o bem e de ajudar as pessoas a ter uma vida nova em Deus”, disse.

COMUNIDADE DE INTERCESSORES

No final da celebração, padre José Alixandre agradeceu o acolhimento e a confiança do padre Jorge Bispo, por ser “um padre que ama ser padre, e no meio de tantas dificuldades, dá testemunho da esperança”. Também agradeceu a presença dos padres amigos, aqueles “que são enviados por Deus e que nos dizem coragem, ouça o que Deus está dizendo para a sua vida”.

“A fraternidade deve ser a nossa base, tanto na comunidade, na vida ministerial, na família. Nós sonhamos, fazemos planos, mas é Deus quem tem que escrever as páginas da nossa história”, acrescentou.

Padre José Alixandre disse que a “comunidade é uma perola preciosa, e que Deus está preparando uma novidade para cada um dos paroquianos”. Disse que é o “Senhor quem edifica a casa”, e que hoje, com a criação da paróquia, “teve início a grande obra de Deus”. Concluiu sua mensagem convidando os fiéis para rezarem por todos aqueles que entram e devem entrar pelas portas da paróquia. “Sejamos uma comunidade de intercessores”, pediu.



Cardeal Tempesta, Dom Tiago Stanislaw, padre José Alixandre e padres concelebrantes

'A oração como primeira e mais importante das atitudes'

Como gesto concreto da Semana Nacional da Vida, que neste ano de 2020 tem como tema: "Vida, dom e compromisso", a Arquidiocese do Rio de Janeiro lançou a iniciativa de convidar todos a participar da Adoção Espiritual, com a finalidade de rezar por todas as crianças concebidas, mas que correm o risco de serem abortadas.

A iniciativa foi anunciada por Dom Orani e explicada pelo bispo auxiliar do Rio Dom Tiago Stanislaw, durante a Oração do Ângelus, no dia 7 de outubro, memória de Nossa Senhora do Rosário, encerramento da Semana Nacional da Vida e às vésperas do Dia do Nascituro.

Em entrevista ao jornal Testemunho de Fé, Dom Tiago esclarece os principais pontos desta iniciativa, dando ênfase ao compromisso que o cristão deve ter em relação à defesa da vida, desde a concepção até a morte natural.



CARLOS MOIOLI

mamos a deixar a oração como se fosse uma parte final – já tomei as providências, fiz tudo, tenho um plano e, agora, peço ajuda a Deus. Aqui, queremos apontar a direção contrária: a oração como primeira e mais importante gesto das atitudes, porque procuro a Deus para falar com Ele sobre a situação dessas crianças. Primeiro é a minha conversa, minha ligação com Deus. A partir disso, peço na intenção dessas crianças. Assim, a oração entra como a primeira ação concreta, também compreendendo que é nesse encontro com o Senhor que nos serão despertadas outras iniciativas.

TF – Haverá uma oração específica?

Dom Tiago – Já existe o que pode ser chamado de compromisso diário. A Adoção Espiritual começa num dia escolhido pela própria pessoa, mas o indicado é que seja numa festividade religiosa. Quando não for possível, pode ser em qualquer outro dia, inclusive sábado, tradicionalmente dedicado a Nossa Senhora. A pessoa pode assumir esse compromisso de duas maneiras: de modo particular, estando ela mesma diante de Deus, ou pode pedir a bênção de um padre. A partir da data, ela se compromete a rezar diariamente uma dezena do terço, depois uma oração diária especial pela criança adotada espiritualmente e pela família dela desta ação e acrescentar, se for o caso, um propósito diário, que pode ser um jejum, uma esmola, um ato na intenção desta criança adotada através da oração.

TF – Essa será uma criança específica ou a intenção será de uma maneira geral?

Dom Tiago – Na verdade, essa é uma criança concreta, na qual somente Deus sabe que ela necessita



de intercessão. Nós não sabemos quem é. Estamos nos colocando totalmente nas mãos de Deus. Apenas sei que rezo na intenção de uma criança concreta, mas que só Deus a conhece.

TF – Quem pode participar?

Dom Tiago – Todas as pessoas podem participar, não há nenhuma limitação, inclusive para as crianças que, obviamente, participarão com a ajuda dos pais, tornando-se, assim, um compromisso da família. Nesse caso, cada pessoa assume para si a intercessão por uma criança. Ou seja, se a família é composta por quatro pessoas, assumem-se quatro crianças ameaçadas pelo aborto.

TF – Como se inscrever e fazer parte da iniciativa?

Dom Tiago – Lançaremos o site adoacoespirital.org.br no qual haverá apoio para essa iniciativa. No site é possível encontrar a oração diária e o link de inscrição, no qual a pessoa pode colocar o nome e o endereço de e-mail para receber uma espécie de comprovante da data de início. Haverá também outras informações para que possamos encontrar ainda mais motivações para essa ação. Indico essa iniciativa, de maneira especial, para as mulheres e os homens que abortaram e hoje carregam esse 'peso'. Agora, com esta adoção, eles podem tentar ajudar a outras crianças.

TF – A criação oficial do projeto aconteceu no dia 7, no encerramento da Semana Nacional da Família. Mas qual é a ligação com Nossa Senhora?

Dom Tiago – Primeiro porque, na própria oração diária, contemplamos o mistério do terço, aqui já temos uma conexão. Além disso, ainda compreendemos a situação dela como a mulher que se colocou totalmente nas mãos de Deus, aceitando ser mãe do Salvador, num momento em que ainda não vivia com o marido. Ela sabia que, dizendo 'sim', com a possível percepção da sociedade quanto à gravidez e o abandono do marido, poderia ser no mínimo apedrejada. Ainda assim, ela confiou totalmente, dizendo 'Eis aqui a serva do Senhor'. A postura inicial de São José é daquele que sente que não pode chamar aquele de seu filho, mas, por outro lado, amando Maria e não querendo prejudicá-la, assume a culpa para si, em defesa de Nossa Senhora. Ao receber a explicação desse mistério, abraçou a gravidez e tornou-se, para nós, um padroeiro dessa adoção espiritual, porque no fim das contas ele adotou espiritualmente esse filho.

TF – Qual é a sua expectativa quanto a essa iniciativa?

Dom Tiago – Espero que possamos unir as pessoas que estão a favor da vida numa ação concreta. Essa iniciativa não tem o objetivo de entrar na discussão sobre o aborto, o rumo é um pouco diferente. Espero que as pessoas possam perceber que, além de ter opinião, de estar a favor da vida, é de fazer uma ação concreta, que é a oração em benefício das crianças que correm o risco de serem abortadas.

Jornal Testemunho de Fé (TF) – Como surgiu a iniciativa da Adoção Espiritual em favor da vida?

Dom Tiago Stanislaw – Neste ano, a Semana Nacional da Família refletiu sobre o tema: "Vida, dom e compromisso". O maior dom de Deus, ou seja, aquilo para o qual fomos abençoados é a nossa vida. Recebemos de Deus esse dom para cuidar, primeiramente, da nossa vida. Mas, obviamente, Ele nos convida ao amor a Ele e ao próximo, sendo a vida do outro um dom que também devemos ou precisamos valorizar. Nas situações em que esse dom é prejudicado, pensamos: 'como podemos assumir algum compromisso em benefício da defesa dessa vida?'. Assim surgiu a ideia de colocar a Adoção Espiritual em âmbito arquidiocesano, como gesto concreto, uma iniciativa já conhecida em outros lugares do mundo, mas também no Brasil, em nossa Arquidiocese do Rio. Se quisermos abraçar a vida, também devemos ter o compromisso de defendê-la.

TF – Onde e como surgiu essa ação?

Dom Tiago – Ela foi iniciada nos anos 1970, na Europa, onde já existiam orações específicas em benefício das crianças ameaçadas pelo aborto, como uma resposta às aparições de Nossa Senhora, em Fátima. Conheci a iniciativa em meu país de origem, na Polônia, introduzida nos anos 1980 pelos estudantes, os quais começaram a divulgá-la. Hoje em dia, em muitas paróquias da Polônia existem grupos que promovem essa adoção espiritual. No Brasil também temos vários lugares onde ela é conhecida, e em nossa arquidiocese, por exemplo, na Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Laranjeiras.

TF – Quais serão as atividades para esse gesto concreto?

Dom Tiago – O primeiro e o mais importante ato que nos cabe em todas as atividades é a oração. Por vezes, no dia a dia, já nos acostu-

89 anos do Cristo Redentor: rumo aos 90 anos

O monumento Cristo Redentor, no Corcovado, vai fazer 89 anos com um dia inteiro de comemoração em 12 de outubro. De manhã até a noite haverá atividades religiosas, sociais e culturais. Toda a programação será transmitida pelo canal do reitor do Santuário Cristo Redentor, padre Omar Raposo ([youtube.com/padreomar](https://www.youtube.com/padreomar)) e pela WebTV Redentor.

A festividade terá início com a tradicional Vigília de Oração, de meia-noite às 8h, conduzida por jovens das novas comunidades (Shalom e Canção Nova). A vigília termina com a missa em ação de graças pelos 89 anos do Cristo Redentor, presidida pelo arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta.

Em seguida, haverá o tradicional bolo comemorativo, preparado pela Sociedade Amigos da Rua da Carioca e Adjacências (SARCA), que, neste ano, serão fatias de bolo embaladas individualmente, devido à pandemia do coronavírus (Covid-19). Nesse momento, também será

divulgada a quantidade de brinquedos arrecadada pela campanha social Ativa Criança. Os brinquedos novos doados por centenas de cariocas e higienizados serão entregues a crianças em situação de vulnerabilidade social de comunidades do Rio de Janeiro ao longo da semana do aniversário do Cristo Redentor.

Ao meio-dia, o reitor do Santuário Cristo Redentor, junto à cantora Elba Ramalho, rezará o Ângelus e o Terço Mariano, em honra a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, cuja data também é celebrada. O santuário possui uma capela, localizada abaixo do monumento, dedicada a Nossa Senhora Aparecida, onde pessoas do mundo inteiro fazem preces e agradecem por graças alcançadas. Até às 18h, haverá bênção aos turistas e peregrinos de hora em hora.

Na parte da noite, que terá como mestre de cerimônia a apresentadora, colunista e empresária Gardênia Cavalcanti, a Orquestra Jovem nas Comunidades, da

cidade de Itaguaí, fará uma apresentação a partir das 18h, e, logo depois, será realizada projeção com alguns trabalhos do Santuário Cristo Redentor no ano de 2020.

A festa continua no dia 13 de outubro, às 10h, com a missa em ação de graças pela marca de um milhão de pães doados pela campanha social Cristo Redentor, "Eu Quero Doar", em parceria com a Associação Arquidiocesana Tarde com Maria. A celebração será presidida pelo padre Omar, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, no Recreio.

Através da campanha social, o Santuário Cristo Redentor também já entregou mais de 200 toneladas de alimentos e itens de higiene pessoal, proteção facial e limpeza. Ao todo, são mais de 180 comunidades carentes atendidas em todo o Estado do Rio de Janeiro.

RENATO SARAIVA



Quem é o Redentor? Se há uma cidade no mundo que pode responder a esta pergunta com facilidade é o Rio de Janeiro. Arquitetura humana e divina, assim qualificara o Rio de Janeiro o Papa João Paulo II numa de suas visitas à cidade. O Rio é, com efeito, uma arquitetura divina e humana, e o monumento ao Cristo Redentor tornou-se seu hino em pedra sabão, o poema pétreo da cidade. Neste mês em que comemoramos mais um aniversário do Cristo do Corcovado, nos preparando para o nonagésimo que celebraremos no próximo ano, festejamos também a padroeira do Brasil e, como presente, recebemos do Papa Francisco mais uma importante Encíclica, cujo título “Fratelli Tutti” nos remete a outro santo que acabamos de lembrar, Francisco de Assis. Todas estas festas

O Cristo Redentor

do teu remédio”, em *Confissões* X, c. 43. E quem são os enfermos, curados e redimidos? Os redimidos formam uma comunidade, são congregados graças a um valor alto, pois o preço pago pelo resgate de sua esposa é alto. A esposa é a Igreja, que é a casa de todos, a grande casa, *domus magna*, conforme as palavras de Santo Agostinho: “Sim, a partir do momento em que os catecúmenos recebem o sinal da cruz na testa, eles fazem parte da casa grande: de servos, agora, devem se tornar filhos” (*Comentário ao Evangelho de João II*, 4).

São Leão Magno instrui-nos sobre o mistério do redimido: “Tu, pois, quem quer que sejas, que te glorias

tros entre as religiões do nosso país não estiveram presentes no Corcovado nos últimos anos para um testemunho de paz e unidade! Que todos sejam um. Que todos os cristãos se unam sob o olhar do Redentor, mas seria pouco cristão se os não cristãos não se irmanassem nesse monumento de fraternidade. Socorre-nos o Papa Francisco: “Entre as religiões, é possível um caminho de paz. O

ponto de partida deve ser o olhar de Deus. Porque “Deus não olha com os olhos, Deus olha com o coração. E o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião. E se é um ateu, é o mesmo amor. Quando chegar o último dia e houver luz suficiente na terra para poder ver as coisas como são, não faltarão surpresas!” (*Fratelli Tutti*, 281).

E, um pouco antes, na mesma encíclica, Papa Francisco advertia: “A Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões e “nada rejeita do que, nessas religiões, existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que (...) refletem não raramente um

o Cristo Redentor também tem um coração: é o Coração de Jesus. Assim o quis seu idealizador, assim cumpriu o artista que talhou aquele discreto coração no peito de pedra que se ergue no Corcovado. Uma devoção bem consolidada no Brasil. Como o é o Dia de São Francisco, com a bênção da natureza, a bênção dos animais; como o é a solenidade da Mãe Aparecida. Tantas memórias que nos remetem à vitória do Redentor, que vivifica a fé de cada um de nós. A própria festa da Conceição Aparecida há de recobrar seu sentido no mistério do Cristo. Maria é figura da Igreja redimida, geradora de novos cristos: “Maria deu à luz a tua cabeça, a Igreja deu à luz a ti. Também a Igreja é mãe e virgem: mãe nas vísceras da caridade, virgem na integridade da fé da piedade. Ela dá à luz povos, mas eles são

exigem de nós uma reflexão acerca de seu sentido. E o sentido dessas festas leva-nos a olhar novamente para o Redentor. Que é a Redenção?

No Antigo Testamento atribuíam-se a Javé o título de redentor (*go'el*): “Javé é redentor de Israel”, diz Isaías (41, 14). Lá, no remoto Gênesis, já aparecera um anjo *redentor* (48,16). E o Salmo 72 canta: “Ele liberta o indigente que clama e o pobre que não tem protetor; tem compaixão do fraco e do indigente, e salva a vida dos indigentes. Ele os redime da astúcia e da violência” (v. 12-14b). Eis as palavras com que o salmo nos ensina a olhar o Cristo do Corcovado. Nada mais carioca e universal.

Marco, em seu evangelho, ensina-nos que o Redentor é servo, “pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10, 45). São Paulo insiste que redentor é aquele que ‘pagou alto preço pelo nosso resgate’ (1Cor 7, 23). Ora, quem pagou o alto preço foi Jesus Cristo, e o alto preço pelo nosso resgate é a redenção pela morte de cruz.

Os padres da Igreja vão debater as imensas implicações desse mistério, recorrendo, por vezes, a termos próximos, como salvador, vencedor, libertador. Santo Agostinho chama o redentor de *médico*, “pois são muitos e grandes meus males, porém mais poderoso é o poder

piamente e com fé do nome de cristão, aprecia em seu justo valor o favor dessa reconciliação. Com efeito, a ti outrora abatido, a ti, reduzido a pó e cinza, a ti, a quem não restava nenhuma esperança de vida, a ti, pois, pela encarnação do Verbo, é dado o poder de voltar de muito longe para teu Criador; de reconhecer teu Pai, de tornar-te livre, tu, que eras escravo; de ser promovido a filho, tu, que eras estranho; de nascer do Espírito de Deus, tu, que nasceras de uma carne corruptível; de receber por graça o que não tinhas por natureza; enfim, de ousar chamar Deus de Pai, se te reconheces filho de Deus pelo espírito de adoção” (Leão Magno, *Sermões*, 22, Paulus, p. 33-34).

É verdade também que o Cristo do Corcovado fez história nesses quase 90 anos. Desde seu idealizador, Cardeal Sebastião Leme, até o nosso atual cardeal-arcebispo, Dom Orani Tempesta, o monumento manteve sua fidelidade aos ensinamentos da Igreja, e também alargou suas fronteiras. Tornou filhos também os não cristãos e os não crentes. Quantos encontros ecumênicos e quantos encon-

membrados de um só povo, do qual ela é o corpo e a esposa. Também nisto ela é comparável a Virgem, porque embora dê muitos à luz, é a mãe da unidade” (Santo Agostinho. Sermão 192, 2).

Todos nós temos necessidade de olhar para o Cristo. Mas o Corcovado nos ensina a olhar como o Cristo. A impressionante experiência de ver a cidade do alto não é somente uma experiência estética ou uma experiência do sublime, aquela que nos tira o fôlego, como diria o filósofo alemão Immanuel Kant. É, sobretudo, a experiência de ver tudo com os olhos de Cristo. O monumento apura a nossa sensibilidade e, do prazer dos sentidos, nos alçamos ao amor proposto a todos os homens por Jesus Cristo. O nosso olhar torna-se acolhedor, o Redentor alarga os nossos corações. Por isso mesmo, não se podem desvencilhar todas essas experiências da fonte do mistério da Redenção.

É com esse espírito que, frequentemente, a arquidiocese dá ao Cristo do Corcovado cores gloriosas como num ícone oriental, que fazem do Redentor um Pantocrátor que a todos abençoa. O monumento torna-se o ícone de todos os brasileiros, ou, melhor, convida todos a serem *brasileiros do Redentor*.

raio da verdade que ilumina todos os homens”. Todavia, como cristãos, não podemos esconder que “se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no fato de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher”. Outros bebem doutrinas fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo” (*Fratelli Tutti*, 277).

Interessante notar que



O Cristo Redentor e a fraternidade universal

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. Em sua nova Encíclica, *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, o Papa Francisco cita este trecho do Samba da Bênção, de Vinicius de Moraes, composta em parceria com o violonista Baden Powell. Com a citação do poeta carioca, o Papa Francisco fala sobre a necessidade de fazer crescer a ‘cultura do encontro’, baseada na atitude do próprio Jesus nos evangelhos, para superar as diferenças na sociedade e realizar o projeto de sermos todos irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai nosso que está no céu (cf. Mt 6,9). Os encontros de Jesus eram verdadeiros, o Mestre sentia compaixão pelas pessoas, era capaz de sentir o seu sofrimento, como nos ensinou na parábola do Bom Samaritano: *Vai, e também tu, faze o mesmo* (Lc 10,37). O Papa Francisco nos mostra que podemos aprender sementes do Evangelho de todas as pessoas, *ninguém é inútil, ninguém é supérfluo* (FT n. 215). Neste caso, Vinicius de Moraes soube viver em sua própria vida a cultura do encontro, nos ensinando muito sobre a amizade em suas parcerias com Tom Jobim, Toquinho, João Gilberto, Baden Powell, Carlos Lyra e Chico Buarque. O Samba da

Bênção diz que “é melhor ser alegre que ser triste, alegria é a melhor coisa que existe, é assim como a luz no coração”. Como esquecer, ao ler estes versos, que Jesus é a luz do mundo (cf. Jo 8,12), a fonte da nossa alegria? A alegria é um tema fundamental nos documentos do Papa Francisco, que nos fala sobre a alegria do Evangelho, a alegria do amor, a alegria da fé, a alegria da Criação, a alegria da santidade e agora sobre a alegria da fraternidade. Neste sentido, a amizade é fundamental para a realização e a felicidade do ser humano. Como ensina a Sagrada Escritura, quem encontrou um amigo, *descobriu um tesouro* (Eclo 6,14), especialmente se este amigo é o Deus que se fez homem, Jesus, o Cristo Redentor.

Vinicius de Moraes, formado no Colégio Santo Inácio, católico por formação, conhecia esta realidade como por apalpadelas, e escreveu que “o bom samba é uma forma de oração”. De certa forma, como ensinava Santo Agostinho, a música o aproximava de Deus. As canções da Bossa Nova, como sua Carta ao Tom 74, reverenciavam a mística da estátua do Cristo Redentor. Na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco ensina que “falar de cultura do encontro significa que nos apaixona, como povo,

querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos” (FT n.216), como a estátua do Cristo Redentor. O monumento do Monte Corcovado, ao atrair a paixão de pessoas do mundo inteiro, nos permite dialogar com a pessoa e com a obra de homens como Vinicius de Moraes, que no seu Soneto de Fidelidade falava do amor que pode ser passageiro. “*Eu possa dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama mas que seja infinito enquanto dure*”. Na verdade, no Cristo Redentor, o poeta já havia encontrado o amor que não passa, a chama da sarça ardente que não se consome, o amor infinito que dura para sempre, porque é o próprio Deus (cf. I Jo 4,8). A partir do encontro com Jesus, ganhamos “um coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião” (FT n.3). O amor de Deus, encarnado no Cristo Redentor, nos conduz à fraternidade universal.

“Ponha um pouco de amor numa cadência, e vai ver que ninguém no mundo vence a beleza que tem um samba, não”, escreveu Vinicius. A Encíclica *Fratelli Tutti* não pretende resumir toda a doutrina sobre o amor fraterno, mas busca “fazer renascer, entre todos, um

anseio mundial de fraternidade” (FT n.8). Por isso o documento se dirige não apenas aos católicos, mas a todas as pessoas de boa vontade. O Santo Padre nos lembra que a pandemia do novo coronavírus tem nos mostrado que os seres humanos foram criados com igual dignidade, e que todos sofremos e morremos, independente da crença, da raça, do status ou da condição social. Porém, ao mesmo tempo que a pandemia demonstra como todos os países e as pessoas estão interligadas, a reação de cada nação ao Covid-19 revela como o mundo está fragmentado, necessitando de uma fraternidade universal que nos permita agir em conjunto (cf. FT n.7). A inspiração do Papa Francisco, assim como na Encíclica *Laudato Si'*, surge da vida de São Francisco de Assis, o patrono da natureza e dos pobres, que soube viver como ninguém o amor a Deus, o amor a terra e o amor ao próximo. O Santo Padre se baseia na visita de São Francisco ao Sultão Malik Al-Kamil, no Egito, em 1219, e ao seu próprio encontro com o Imã muçulmano Ahmed Al-Tayyeb 800 anos depois, em 2019, que gerou um documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum.

O Papa Francisco recorda que também havia encontrado uma fonte de inspiração no patriarca ortodoxo grego Bartolomeu, que propunha, com veemência, o cuidado com a terra, a nossa casa comum. Estes encontros do Papa Francisco com o patriarca Bartolomeu e o Imã Ahmed Al-Tayyeb são um exemplo concreto da fraternidade universal através do diálogo ecumênico e do diálogo inter-religioso, propostos no Concílio Vaticano II nos decretos *Unitatis Redintegratio* e *Nostra Aetate*. A estátua do Cristo Redentor representa este amor divino capaz de abraçar a todos, sem distinção: é um santuário católico a céu aberto, que recebe pessoas de todas as nações, raças e credos, unidas pela fraternidade e pela contemplação da beleza da Criação. Vinicius de Moraes conclui a canção citada pelo Papa Francisco pedindo a bênção a seus amigos, entre eles Cartola, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho e São Sebastião. Inspirado no poeta, também pedimos a bênção ao melhor amigo do ser humano, aquele que vela por nós noite e dia, e nunca nos abandona, em qualquer situação: a bênção, Cristo Redentor.



Dom Orani na celebração dos 80 anos do Cristo Redentor, no Corcovado

CARLOS MOIOLI

SEMINARISTA ALEXANDRE
PINHEIRO



CLASSIFÉ

OS CLASSIFICADOS DO JORNAL TESTEMUNHO DE FÉ

LIGUE E ANUNCIE:

3231-3580

 **VANDER COSTA**
ADVOGADO

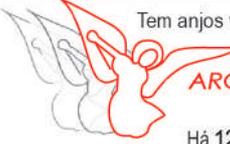
(21) 99776-0406 (21) 3357-8191
vander.advo@gmail.com
Av. Treze de Maio, 23, sala 1935
Centro, Rio de Janeiro - RJ

 **PALÁCIO DAS VELAS**

PRODUTOS RELIGIOSOS
VELAS DECORATIVAS

PALÁCIO DAS VELAS
Av. N. Sra. de Copacabana, 504 Ljs. C/D
(em frente a Paróquia de N. Sra. de Copacabana)
Tel.: 2548-1725

Tem anjos voando em todo lugar...
...agora na Tijuca!

 **ARCAJO MIGUEL DA TIJUCA**

Há 12 anos recebendo graças
Artigos Religiosos Católicos
Terços, Medalhas, Livros, CD's,
Mensagens, Imagens e Bíblias.

Rua Conde de Bonfim, 255 - lj. 117
Tel.: 2196-0217

 **Benedictus**

A sua Livraria Católica
em Jacarepaguá.

Telefone: 2051-9646 / WhatsApp: 99380-7798
Estrada do Rio Grande, 1989 Taquara - Jacarepaguá

SUA HISTÓRIA DÁ UM LIVRO?

Se ainda não está escrita, gravamos
sua voz e transformamos em livro.
Biografia, conto, poesia etc
livrolindoeditor@gmail.com
www.livrolindoeditor.com.br
3228-8918 e 99893-2202

 **COMUNIDADE BOM PASTOR**

Paróquia Nossa Senhora de Copacabana
Rua Hilário de Gouveia, 36/ 9º andar
Copacabana
www.facebook/combopastor

 **Comunidade Emanuel**

Neste momento ajudem a
Comunidade Emanuel
EM SUAS NECESSIDADES URGENTES,
adquirindo os livros de
Dom Cipriano em nossa loja virtual
www.domcipriano.org.br
ou pelo Whatsapp (21)99480-4830
Na Comunidade Emanuel - Rua Cortines Laxe, 2 - Centro
Informações - (21) 2263-3725



AGUA MINERAL NATURAL
Canção Nova

agucanconova.com
contato@agucanconova.com
(12) 3186-2100

*Eu, Serva de Maria...
Por que não?*



Jovem...
O chamado é de Deus,
mas a resposta é sua.
Seja você também uma
Serva de Maria do Brasil.

svsmb@servita.com.br www.servita.com.br

ALUGUEL DE APARTAMENTO

Apto. 140m2 - com garagem
04 quartos / 04 banheiros
(02 são suítes)
semi mobiliado

A 01 quarteirão do Ed. João Paulo II
(Arquidiocese)

Informações: (21) 99869-7170

 **Coral Vox Cordis Rio**
(Vozes Masculinas)

Músicas do Gregoriano ao Canto Erudito
Sacro e Secular, Folclóricas e Populares
VENHA PARTICIPAR

Ensaios às terças-feiras de 19:30h às 21:30h
Rua Buarque de Macedo 26/301
Contato: 21 9972-3020
Raimundo Monteiro - Coordenador

A AÇN É UMA PONTE
QUE LIGA ÀQUELES QUE
PODEM AJUDAR COM
ÀQUELES QUE PRECISAM DE
ajuda

SEJA UM BENFEITOR!
AÇN.ORG.BR/SEJA-UM-BENFEITOR
OU ACESSO O QR CODE



 **OSSUÁRIO DA CATEDRAL
DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**

Existe um ambiente propício de paz, oração e meditação para acolher os
restos mortais dos entes queridos e de todos nós, a espera da ressurreição.
Na Capela das Almas, missa às 12h todas as segundas-feiras.

Av. República do Chile, 245 • Centro - Rio
Ligue: 2240-2669 • 2240-2869 • 2262-1797 • 98212-7672
www.ossuariodacatedral.com.br

Capela das Almas

 **SEJA AMIGO
DA RÁDIO**
21 3231-3560

 **Curso presencial
de namoro
católico
no centro do Rio**
INFORMAÇÕES
amorjuvenil.com.br

Albino Pellizzon

10 MÚSICAS INÉDITAS **LANÇAMENTO**

1. NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
2. TUA PRESENÇA, SENHOR
3. DOIS MIL ANOS APENAS
4. PRECE PELO SACERDOTE
5. VEM, SENHOR JESUS
6. TE PEÇO PERDÃO
7. OH, MEU DEUS!
8. HOMENAGEM AO CRISTO REDENTOR (80 ANOS)
9. NOSSA SENHORA APENAS

Dois mil anos apenas
GARANTA JÁ O SEU CD! LIGUE 99765-9145

Assistência Funeral 24h
www.santacasacopacabana.com.br

- Planos a partir de **0,85** centavos ao dia.
- Indenizações de **R\$3.000,00** por morte natural e **R\$30.000,00** por morte acidental.
- Sorteios Mensais de **R\$30.000,00** pela Loteria Federal.
- Descontos de **até 80%** em consultas, exames, medicamentos, bem-estar, educação e odontologia
- **IGREJAS:** Compramos a carência do seu plano.
- Auxílio cesta básica de **R\$1200,00**

@santacasacopacabana
(21) 3279-8800 (0800) 021 3460
(21) 96465-6800 (21) 96485-3339



Acompanhe a Rádio Catedral nas redes sociais!

CATEDRAL FM 106,7

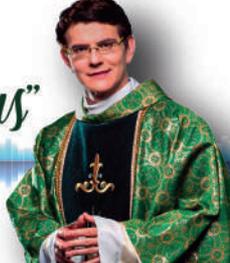


OUÇA NA RÁDIO CATEDRAL FM 106,7, DE SEGUNDA A SÁBADO

"No Colo de Jesus e Maria"
Com Pe Marcelo Rossi
Das 8h às 9h

CATEDRAL FM 106,7
Departamento Comercial
3231-3580

"Experiência de Deus"
Com Pe Reginaldo Manzotti
Das 10h às 11h



'Que a Senhora da Penha interceda por todos nós para que, como famílias cristãs, possamos dar frutos de vida eterna'

FOTOS: PASCOM



Dom Orani: "Estamos celebrando diferente, mas com o mesmo carinho e solenidade"



Dom Orani João Tempesta e padre Thiago Sardinha

Como acontece todos os anos no mês de outubro, o arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta, abriu as festividades em honra à padroeira da Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha, na Penha, no dia 4 de outubro. Neste ano, por causa da pandemia, a missa celebrativa em honra à padroeira teve um número reduzido de fiéis e devotos, e por segurança foi realizada na Concha Acústica, que fica aos pés do morro

onde se encontra o santuário arquidiocesano mariano mais antigo da cidade.

"Vamos reunir um número maior de devotos de Nossa Senhora da Penha, na Catedral de São Sebastião, no Centro, no dia 25 de outubro, às 10h. Será uma grande festa, que poderemos celebrar com mais segurança. Neste dia, haverá uma carreata, seguida por trio elétrico, com bolas, bandeiras e fogos", convidou o reitor

do Santuário da Penha, padre Thiago Sardinha, alertando que os motoristas não podem dar carona, pois os carros deverão ter somente pessoas da mesma família, que convivem juntas".

FAMÍLIAS CRISTÃS

Na acolhida, Dom Orani fez memória da presença do Papa São João Paulo II no Rio de Janeiro, quando no dia 4 de outubro de 1997, há 23 anos, abria a segunda edição do Encontro Mundial do Papa com as Famílias.

"Estamos celebrando de uma forma diferente, não como nos anos anteriores, mas com o mesmo carinho e solenidade, com o desejo de buscar a Deus, o mesmo que fez Maria. Que a Senhora da Penha interceda por todos nós para que, como famílias cristãs, sejamos uma Igreja presente na sociedade para dar frutos de vida eterna daquilo que é bom e justo, e leve a pessoas a viverem melhor", disse o arcebispo.

GESTOS CONCRETOS

Na intenção da celebração, o aniversário sacerdotal do reitor, padre Thiago Sardinha, e também do padre Thiago Faria Cardoso,

ordenados no dia 23 de outubro de 2010.

Após a homilia, o arcebispo instituiu o regente Marcos Paulo Mendes de Amorim Junior no ofício de mestre de capela, agora responsável pela animação das celebrações no Santuário da Penha. "Deus, que vos inspirou este bom propósito, vos conceda a graça da perseverança e vos una mais perfeitamente a Cristo através dos serviços a esta comunidade", disse o arcebispo, de acordo com o rito próprio.

A celebração também foi marcada com o lançamento oficial da parceria entre a Arquidiocese do Rio e a empresa canadense Plastic Bank, para retirar os plásticos das casas, ruas e rios e evitar que não cheguem aos oceanos.

A PEDRA ANGULAR

Na homilia, Dom Orani recordou que a festa em honra a Nossa Senhora da Penha, embora com limitações, se reveste de solenidade e alegria para os devotos e para quem participa.

"Vivemos tempos diferentes, mas a Igreja é acostumada a vencer as dificuldades, em várias épocas, as pandemias, perseguições, guerras, ideologias e tantas situações. Aos poucos, ela vai

encontrando caminhos, outras maneiras de viver a sua missão", disse.

Na reflexão da liturgia, o arcebispo perguntou aos fiéis que tipo de frutos cada um estava dando, já que todos foram chamados para trabalhar na nova vinha.

"Somos operários da vinha do Senhor, e Ele nos deixou responsabilidades, para dar frutos pelos dons que nos concedeu. Frutos de fraternidade, justiça e paz", disse.

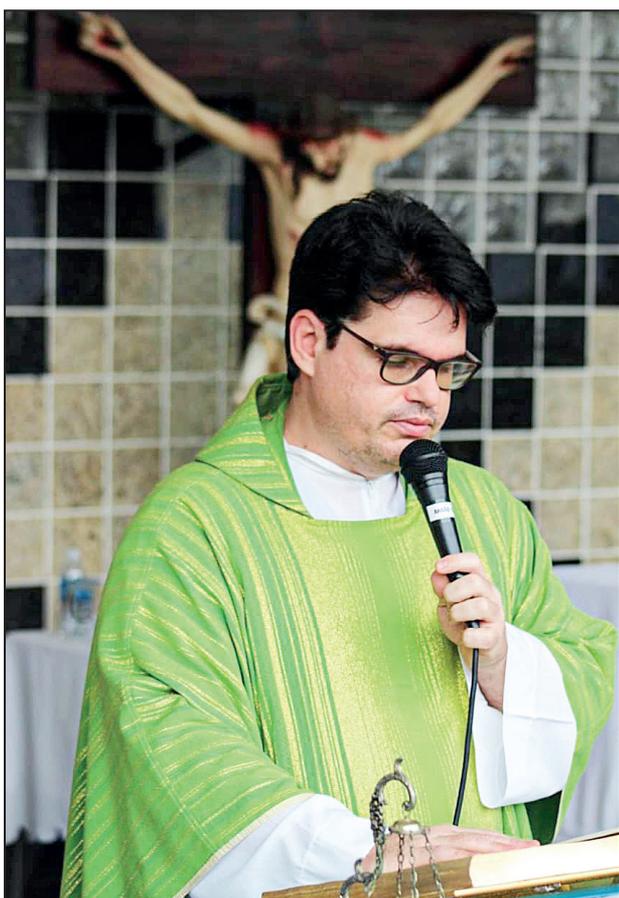
O arcebispo lembrou que Jesus Cristo é a pedra que os construtores rejeitaram, mas que se tornou a pedra angular.

"Peçamos ao Senhor que nos dê forças para anunciar à sociedade a verdadeira pedra angular, aqu'Ele que é a nossa vida, e não há outro caminho a ser percorrido", disse.

Por fim, Dom Orani convidou a todos para viver e ajudar as pessoas a encontrar a beleza da vida cristã.

"Somos chamados à conversão de vida, a deixar de dar frutos azedos e amargos. O mundo vive a disparidade, a concorrência, e entre nós ainda há muitas mazelas e desentendimentos. No coração de cada um existe a disponibilidade de crescer, de ser santo. Como vinha do Senhor, precisamos viver a fraternidade para que o mundo creia em Jesus Cristo. Enquanto Igreja que somos, precisamos ser o sal da terra e a luz do mundo, ser uma presença que contagie as pessoas com o bem, a construir um mundo melhor, mais fraterno", concluiu.

CARLOS MOIOLI



Padre Thiago Faria Cardoso



Mestre de capela, Marcos Paulo Mendes

‘Nada somos, nada é mérito nosso, quem faz é Cristo’

FOTOS DIVULDAÇÃO



Dom Roberto, diáconos Edilson e membros da Comunidade Pequena Nuvem

Ao celebrar nove anos de fundação, os membros da Comunidade Pequena Nuvem deram mais um passo na caminhada de consagração. Realizada na memória de São Francisco de Assis, dia 4 de outubro, uma missa foi presidida pelo vigário episcopal para a Vida Consagrada, Dom Roberto Lopes, na Casa de Missão Servo de Deus Guido Schäffer, com sede na Vila do João, na Maré.

“Damos mais um paço na espiritualidade, fazendo o nosso primeiro compromisso, nos consagrando a Deus servindo a Igreja por meio do carisma que nos foi dado. Deus fez um apelo e, mesmo sem compreender, prosseguimos estendendo a mão aos irmãos em situação de rua, aos vulneráveis, aos doentes, sedentos de amor”, disse o fundador da comunidade,

diácono Edilson Ezequiel de Lima.

“Nestes anos de caminhada, o Senhor atraiu outros para servi-Lo neste carisma. Estamos nos deixando modelar por Cristo. Nesta trajetória Deus operou maravilhas sobre a nossa vida e sobre a vida de muitos irmãos que pudemos alcançar. Foi e é uma trajetória de tribulações, cansaços, noites sem dormir, perseguições, mas principalmente de muita alegria, amor, cuidado, espiritualidade, crescimento espiritual, vida fraterna”, acrescentou.

Segundo o diácono Edilson, o dom comum da comunidade é amar e cuidar, e para isso os membros são impelidos a viver sob a ação do Espírito Santo.

“Somos chamados, na vida fraterna e nas formações, a crescer espiritualmente.

Pois é passado a cada servo que para encontrar o Cristo no outro precisamos ter a intimidade com Ele, para que atingidos pela misericórdia que jorra do coração de Jesus, possamos derramar misericórdia e regar os corações ressequidos. É para isso que vem essa Pequena Nuvem. É o sinal da esperança, é onde Deus fala, é aonde somos lapidados e é o nosso lugar para alcançar a santidade. Mas nada somos, nada é mérito nosso, somos simplesmente canais da graça, quem faz é Cristo. Tudo por Ele e para Ele”, disse.



Dom Roberto confirma o compromisso dos membros da comunidade

AMIZADE FRATERNA

Em nome da comunidade, o diácono Edilson agradeceu a presença de Dom Roberto que acompanha a comunidade há seis anos, e por presidir a celebração, pedindo a Mãe de Deus pelo seu ministério, carisma, saúde e pastoreio. A celebração contou ainda com a presença das irmãs Missionárias da Caridade, de Santa Teresa de Calcutá, e do fundador da Comunidade Sarça Ardente, Marcelo Barbosa.

MISSÃO

Logo após a missa, os membros da Comunidade Pequena Nuvem saíram em missão nas cracolândias do Jacarezinho, Higienópolis e Mangueira.

“No Dia de São Francisco de Assis, um dos nossos santos protetores, não podíamos deixar de ir ao encontro do Cristo no pobre. Levamos um pequeno lanche, refresco e cachorro quente. É um simples gesto de ser presença da Igreja para consolar os corações. Nossa base é Jesus Cristo, a nossa missão é amar e cuidar do pobre e conduzi-lo a Deus”, destacou o diácono Edilson.

CARLOS MOIOLI



Distribuição de lanches na cracolândia

DISTRIBUIÇÃO DE QUENTINHAS

DEL CASTILHO E REDONDEZAS - RJ



QUEM PUDER DÊ SUA CONTRIBUIÇÃO PARA QUE A COMUNIDADE PEQUENA NUVEM POSSA CONTINUAR COM SUA MISSÃO COM NOSSOS IRMÃOS DE RUA!

DEPÓSITO OU TRANSFERÊNCIA PARA:

EDILSON EZEQUIEL
BANCO ITAÚ AG. 6824
CPF 546.032.777-68
CONTA POUPANÇA 31085-5/500

Apoio: @missaoamando



Seminaristas receberão o Ministério de Leitor no dia 17 de outubro, na Catedral de São Sebastião

BRUNO CARVALHO



O leitor é instituído para a função que lhe é própria, de ler a palavra de Deus nas assembleias litúrgicas

No 17 de outubro, 20 seminaristas da Arquidiocese do Rio de Janeiro receberão o Ministério do Leitorato, durante missa presidida pelo Cardeal Orani João Tempesta, a ser realizada na Catedral Metropolitana de São Sebastião, com início às 8h30. A celebração será transmitida pela RedeVida de Televisão, Rádio Catedral e demais mídias digitais da arquidiocese.

Por conta das restrições impostas pela pandemia, o número de pessoas que participarão de modo presencial da missa será restrito e os lugares serão ocupados por ordem de chegada.

FUNÇÃO DO MINISTÉRIO

O leitor é instituído para a função que lhe é própria, de ler a palavra de Deus nas assembleias litúrgicas. Por isso mesmo, na missa e nas demais ações sagradas será ele a fazer as leituras da Sagrada Escritura (com exceção, porém, do Evangelho). Este ministério é concedido pela Igreja àqueles que aspiram às ordens sacras e, a partir da recepção deste ministério, os seminaristas aproximam-se ainda mais da Palavra de Deus, da qual nutrem a sua vida de intimidade com aqu'Ele que os vocacionou.

ASPIRANTES AO SACERDÓCIO MINISTERIAL

Para o seminarista Eduardo Carvalho, do 2º ano de configuração (teologia), o recebimento do Leitorato significa tornar-se um arauto de Deus: "Ao recebermos da Santa Igreja o Ministério de Leitor, somos incumbidos da função de, nas celebrações litúrgicas, proclamarmos a Divina Palavra, com exceção do Evangelho, o qual é reservado ao diácono propriamente. Sabemos que, além de ser proclamada por nossos lábios, a mensagem de amor e verdade deve ser, por nós, conhecida: ouvida com desejo e atenção; meditada com assiduidade e docilidade ao Espírito Santo; e praticada, sem superficialidade nem tardança. E, ao mesmo tempo que tem força para nos conduzir, ela possui também vida e eficácia para atingir os corações e fazê-los arder na assembleia reunida".

O seminarista Eduardo acrescenta que, nesse sentido "ser arauto de Deus desperta-nos para uma crescente responsabilidade e aprendizado, sem merecimento de nossa parte, pois é em virtude da sublime vocação recebida que desempenhamos este novo serviço. Sendo aspirantes ao sacerdócio ministerial, imploramos do Uno e Trino as bênçãos para servir ao povo de Deus de modo mais evidente: através da instituição

como ministros da Palavra. É uma tarefa que parece simples, porém constitui o nobre anúncio das grandezas de Deus, as suas promessas e ordens, os grandes feitos do passado, o seu plano salvífico e até a esperança futura; em suma, revela o querer de Deus, que propõe ao homem o único caminho da perfeição e felicidade, da cruz à glória. Com efeito, a Palavra — proclamada brevemente na Santa Missa e em outras ações sagradas —, pode permanecer guardada na memória e no coração do fiel, ao longo do dia e por mais tempo, sendo lâmpada para os pés e convite à vida virtuosa, gerando frutos de paz e amor, proporcionando a união com Deus".

ATO DE AMOR DO DEUS DA MISERICÓRDIA

Dentre os seminaristas que receberão o Ministério de Leitor, três realizam os seus estudos para o sacerdócio no Seminário Missionário Redemptoris Mater, que está vinculado à Arquidiocese do Rio de Janeiro e é administrado pela Comunidade Neocatecumenal.

O seminarista David, nascido na Espanha e missionário já alguns anos, receberá também o Leitorato. Segundo ele, o recebimento deste ministério é a demonstração da misericórdia de Deus e o modo de adentrar

ainda mais na Palavra de Deus, fonte da qual é nutrida a vocação sacerdotal:

"Sou David Campos, o terceiro filho de sete, nascido em Pamplona (Espanha) e oriundo de um vilarejo chamado Ágreda, aos pés do Monte Moncayo. O Ministério de Leitorato que receberei no próximo dia 17 de outubro, junto aos irmãos tanto do nosso Seminário Missionário Arquidiocesano Redemptoris Mater do Rio de Janeiro – Omar e Pedro – como do Seminário São José, é um ato de amor do Deus da misericórdia em minha vida. Há 9 anos que estou sendo formado no nosso seminário, onde tenho sido amado e impulsionado à intimidade com a Palavra. Todavia, já desde criança, graças à vivência da fé numa pequena comunidade neocatecumenal, tenho contato contínuo com a Palavra de Deus; de forma especial, no seio da minha família, onde meus pais, no contexto das Laudes do domingo, liam e explicavam para meus irmãos e para mim a história da Salvação desde o Gênesis. Posteriormente, como adolescente e jovem, participando da minha própria comunidade neocatecumenal tive o contato contínuo com a Palavra de vida que, semelhante a uma chuva fina, foi amolecendo a dureza do meu coração e tem transformado, aos poucos, a

minha mentalidade e a minha vida", disse.

O seminarista David Campos acrescentou que, precisamente, o "chamado ao sacerdócio é uma resposta à experiência da escuta da Palavra, do *Kerygma*, do Deus que me ama como sou, que não me julga pelos meus pecados, antes me chama à conversão e me dá a vida. É uma resposta a Cristo que me continua amando, porque ainda me dá uma Palavra de vida, antes na Espanha, agora por meio de uma comunidade neocatecumenal na Paróquia de Santo André, em São Cristóvão. Neste tempo de seminário, o contato com a palavra tem sido um descanso, uma alegria em meio ao deserto e muitas outras tem sido uma páscoa: uma passagem das dúvidas, do cansaço e dos medos à consolação e à coragem que vem de Deus. Por isso agradeço a Deus por estes anos de seminário, onde o ritmo de vida leva ao contato com a Palavra, não só no ambiente litúrgico da celebração eucarística, mas também por meio da *Letio* contínua e de forma especial, na prescrutação da Palavra, durante a qual a cada quinta feira rezamos e meditamos a Palavra do domingo, iluminando a situação concreta que estou vivendo naquela semana".

PARTICIPE!

Fidelidade **TOTAL**

SENDO FIEL NOS
BOLETOS DE
OUTUBRO,
NOVEMBRO E
DEZEMBRO
VOCÊ PODERÁ SER
CONTEMPLADO COM
UMA VISITA
AO
CRISTO REDENTOR
COM A
RÁDIO CATEDRAL.

LIGUE PARA 3231-3560
PARA MAIS INFORMAÇÕES

Do jejum à festa: os sinais da presença do Messias em nosso meio

Amados irmãos, na edição desta semana conheceremos a profecia de Zacarias, preparando-nos para encerrar o ciclo dos estudos proféticos da Sagrada Escritura. Através do profeta Zacarias, veremos um Messias que já se faz presente em meio ao seu povo, pelas obras realizadas no cotidiano.

Filho de Baraquias (*Zc 1,1*), Zacarias realizou sua atividade profética na época do rei persa Dario I (520-518 a.C.), alguns meses depois do encerramento do ministério de Ageu. Tendo iniciado sua missão ainda muito jovem, Zacarias viveu até o fim das obras do Templo, ao qual promoveu o afã patriótico por sua reconstrução. Baseando-se nas circunstâncias políticas de seu tempo (domínio persa), o profeta trabalhou para afiançar as promessas feitas ao resto de Israel (os repatriados), apoiando-se na autoridade imediata do governador Zorobabel e do sumo sacerdote Josué, a partir dos quais enfatizou sua mensagem profética.

O livro de Zacarias, precedido pelo de Ageu e sucedido pelo de Malaquias, reflete as circunstâncias vividas em Judá no retorno do exílio. Juntamente com Ageu, Zacarias mostra, em tom otimista, a realidade daqueles que após o retorno da Babilônia, estão realmente empenhados na reconstrução do Templo, sob a guia do governador Zorobabel, descendente de Davi (*Ag 2,20-23*). A partir do Capítulo 9, a obra amplia seu horizonte apontando à instauração final e definitiva do Reino de Deus na Terra, com Jerusalém como capital e o Templo como lugar de peregrinação de todas as nações (*Zc 14*). O livro de Malaquias, por sua vez, vai mostrar exatamente a retomada do tema do Templo e do serviço prestado nele pelos sacerdotes, proclamando-se assim novamente o dia da vinda do Senhor (*Ml 3,13-21*). Assim esses três livros, que fecham a coleção dos profetas menores, são um exemplo do modo como as promessas divinas feitas no A.T. fizeram surgir e mantiveram a esperança do povo escolhido na instauração do Reino, que Jesus proclamará como presente em Sua Pessoa e em Suas obras.

A profecia de Zacarias divi-

de-se em duas partes. A primeira, formada pelos capítulos de 1 a 8, contém uma introdução (*1,1-6*), algumas visões sobre a reconstrução do Templo (*1,7-6,14*) e termina com alguns oráculos messiânicos (*7-8*). Na Introdução se faz um chamado à conversão sincera e profunda, como condição prévia e necessária para a intervenção salvífica de Deus em favor da comunidade. Nas visões noturnas, intercaladas por sentenças proféticas, mostra-se a coroação simbólica do governador Zorobabel. Tais visões, em seu conjunto, querem transmitir a ideia de que chegou para Israel um novo momento. Instaura-se a partir de agora uma nova ordem na realidade, que precederá a vinda do Senhor sobre a cidade de Jerusalém, ainda tão devastada. Os oráculos messiânicos, por sua vez, mostram uma mudança de comportamento do povo que, no ano 518 a.C., resolveu consultar as autoridades sobre a oportunidade de interromper o jejum, em memória ao ano da destruição da cidade, uma vez que os primeiros sinais de reconstrução do Templo já se faziam ver. Assim, mesmo que ainda se tivesse viva a memória de todas as infidelidades cometidas contra o Senhor, o povo começava, por outro lado, a se dar conta de que o momento de interromper o pranto e o jejum se fazia oportuno. Isso, devido à própria autopercepção da comunidade, que já se via como um novo povo, uma comunidade edificada na esperança do Messias, chamada, portanto, a viver em paz e em harmonia, na obediência total a Deus. Desse modo, o jejum poderia dar lugar à festa!

O conteúdo doutrinal dessa primeira parte do livro é formado pelos temas da esperança em Deus e do anúncio da era messiânica. A esperança em Deus serve de resposta de fé a todas as dificuldades que a comunidade vivia nesse momento. Aqui, os judeus repatriados constataram

que as promessas feitas outrora pelos profetas durante o exílio, não se encaixavam exatamente com a situação encontrada nas primeiras semanas do retorno, devido às precárias condições da cidade, ao baixo número de membros na comunidade, às más colheitas, e principalmente à hostilidade da parte dos que não tinham ido ao exílio. Esse cenário fazia com que a sensação de prosperidade e de paz desaparecesse quase por completo, dando lugar a uma momentânea frustração. Diante disso, Zacarias é o enviado de Deus, para dizer ao povo que, primeiramente, o Senhor lhes dará a salvação, mas exige uma conversão sincera e total (*1,3; 8,14-17*). Além disso, Zacarias diz que o Messias, que virá certamente, em breve e de modo definitivo, já começa a manifestar sua presença, haja vista os sinais evidentes da reconstrução do Templo que estão em andamento e a restauração nacional, que também estava sendo realizada.

Nessa perspectiva messiânica, a segunda parte da profecia (*9-14*), mostra que o povo será regido pelo poder civil e sacerdotal, através de Zorobabel e Josué, respectivamente. Aqui, na epígrafe "A salvação messiânica do povo escolhido", o livro nos apresenta a figura do Rei Pacífico, simples e humilde, desprovido de toda pompa mundana

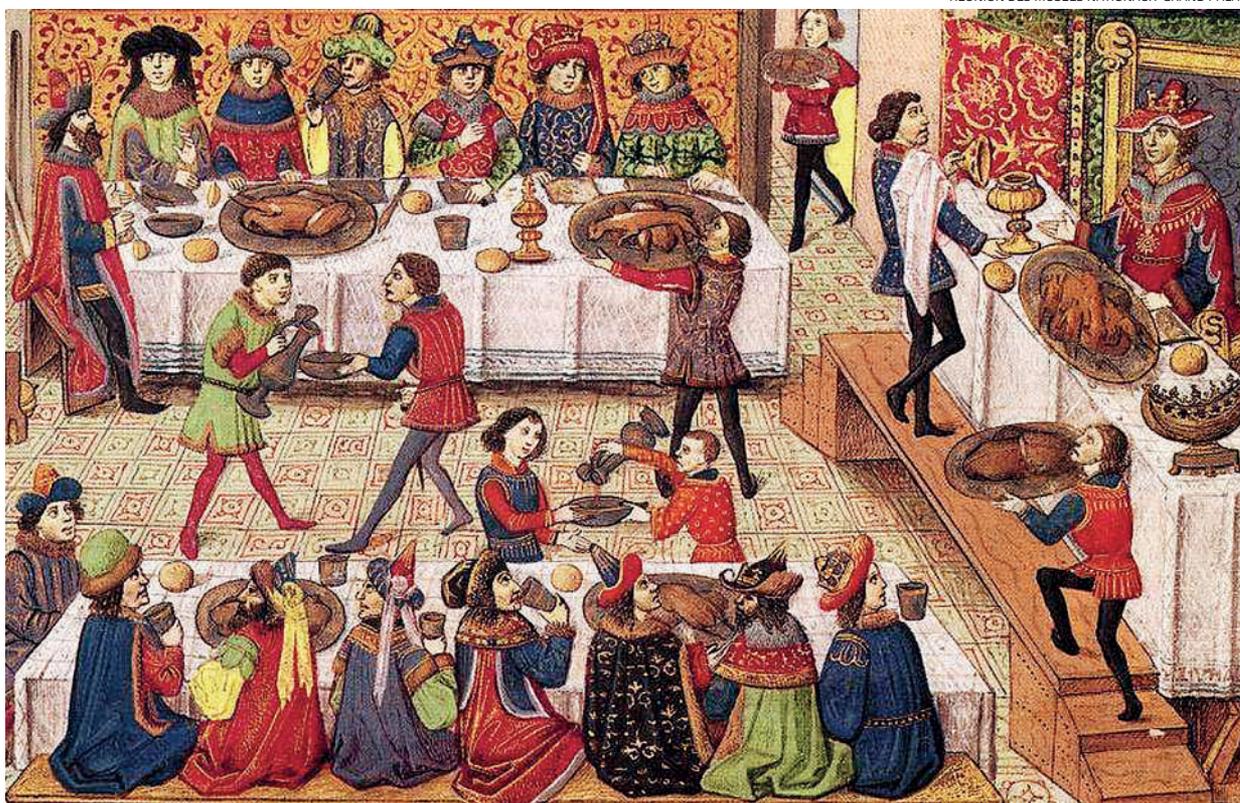
(*9,9-10*). Ele é investido como Rei Messias durante uma celebração litúrgica. É justo e vitorioso, acolhido por Israel com cantos e danças rituais, o Humilde, que vem montado num jumentinho (*cf. Gn 49,11; Jz 9,10; 10,4*), em vez de em um nobre cavalo, tal como faziam os reis guerreiros (*cf. Jr 6,23*). Assim, no episódio evangélico da entrada de Jesus em Jerusalém, celebrada em nossa liturgia de Ramos (*Mt 21,4ss; Jo 12,14ss*), vivenciamos a realização plena dessa mensagem de Zacarias, onde o Messias verdadeiro, despojado de todo caráter terreno e político, mostra-se em sua autenticidade misteriosa, humilde, pobre, espiritual e universal. Zacarias também mostra um Transpassado (*12-14*), figura misteriosa muito semelhante ao Servo Sofredor de Isaías, que alcançará a salvação por meio de sua morte, causada pela resistência dos pecadores. Essa morte se converterá em princípio de salvação e redenção!

Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso. Ele é simples e vem montado num jumento, no potro de uma jumenta. Ele suprimirá os carros de guerra na terra de Efraim, e os cavalos de Jerusalém. O arco de guerra será quebrado. Ele proclamará a paz entre as nações. Seu império se estenderá

de um mar ao outro, desde o rio até as extremidades da terra. (...) Suscitará sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de graça e de oração, e eles voltarão os seus olhos para Ele. Farão lamentações sobre aquele que transpassaram, como se fosse um filho único; e chorarão amargamente como se chora um primogênito! (*Zc 9,9-10; 12,10*)

Amados irmãos, vendo que toda essa profecia se cumpre em Nosso Senhor Jesus Cristo, o justo e vitorioso, e tendo encontrado na mensagem de Zacarias um estímulo para a perseverança em meio às tribulações cotidianas, fiquemos firmes na certeza da vitória divina sobre nós. Percebamos com gratidão os sinais da presença do Senhor em nosso meio, agindo com sua providência amorosa. Celebremos o seu louvor e não deixemos que nosso coração se fixe nas dificuldades do dia a dia. Na Jerusalém dos nossos corações entrará triunfante, um dia definitivamente, Aquele que já está no meio de nós, todos os dias. Ao seu Nome seja dada toda honra e toda a glória.

PADRE IGOR ANTÔNIO CALGARO
VIGÁRIO
PAROQUIAL DA
PARÓQUIA SANTA
TERESINHA, EM
BOTAFOGO



Na Jerusalém dos nossos corações entrará triunfante, um dia definitivamente, Aquele que já está no meio de nós

DNJ 2020: 'Ouviru e juntos com eles caminhou'

Todos os anos a Igreja celebra o Dia Nacional da Juventude, o DNJ, convidando os jovens a dar testemunhos de sua fé em Cristo. Na Arquidiocese do Rio de Janeiro, o evento será realizado no dia 24 de outubro, a partir das 17h, e poderá ser acompanhado pela WebTV Redentor, demais mídias sociais da arquidiocese e do Setor Juventude.

O DNJ contará com a presença do arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta, que irá presidir a missa de abertura, também do bispo animador do Setor Juventude, Dom Paulo Romão, e do animador do Setor Juventude, padre Jorge Carreira.

TEMA E LEMA

Neste ano, o DNJ tem como tema: "Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso", inspirado pela Campanha da Fraternidade, e o lema "Ouviru e juntos com eles caminhou" (Lc 24,15-17), versículo da passagem dos discípulos de Emaús.

A pandemia do novo coronavírus, apesar de impossibilitar eventos presenciais que sempre reúnem centenas de jovens, trou-

xe também uma nova concepção para o tema do DNJ desde ano: o valor inegociável da Vida, tê-la como a obra mais perfeita que Deus criou, e que somos responsáveis uns pelos outros, porque estamos "no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento", como salientou o Papa Francisco na homilia da bênção Urbi et Orbi do dia 27 de março de 2020.

O QUE É O DNJ?

O Dia Nacional da Juventude surgiu em 1985 (Ano Internacional da Juventude, ONU) como uma atividade permanente da CNBB que é realizada nas dioceses de todo o país. Com total apoio dos pastores de nossa Igreja, o DNJ quer celebrar a vida dos jovens de forma alegre, descontraída e comprometida com a realidade social em que vivem, tendo como base a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Para celebrar a unidade e a vida de todas as juventudes diocesanas, a cada ano, o DNJ propõe a

discussão e reflexão sobre algo relacionado à vida da juventude, sempre com temas e lemas que dão sequência às reflexões iniciadas com a Campanha da Fraternidade e que nortearam as atividades permanentes da Comissão para a Juventude da CNBB.

CARLOS MOIOLI

PRESENCAS CONFIRMADAS

**CARDEAL ORANI
JOÃO TEMPESTA**
ARCEBISPO
RIO DE JANEIRO

DOM PAULO ROMÃO
BISPO ANIMADOR
JUVENTUDE ARQRIO

PE JORGE CARREIRA
PADRE ANIMADOR
JUVENTUDE ARQRIO

**24 OUT
17H** DNJ 2020

SETOR JUVENTUDE ARQRIO

PROGRAMAÇÃO

17h: Início	19h08: Animação (música)
17h05: Missa (Dom Orani)	19h15: Show de talentos(dança/música/poesia/desenho/palestra) + integração
18h: Retrospectiva 2020 (vídeo)	19h30: Música(animação)
18h05: Animação (banda base +apresentadores)	19h35: Adoração ou pregação com Padre Jorge
18h30: Pregação Dom Paulo	20h: Show
19h: Banda base	
19h05: Flashback e testemunho-vídeo do que aconteceu nas oficinas	

7º SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
22 A 24 OUT 2020

100% ONLINE

22, 23 E 24 DE OUTUBRO

FAÇA A SUA PRÉ-INScrição!

#NOSSEMINARIO

Arquidiocese do Rio promove mais um Seminário de Comunicação

"Mídia e religião: as novas concepções de relação com o Sagrado" é o tema da 6ª edição do Seminário de Comunicação, promovido pelo Vicariato Episcopal para a Comunicação da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que acontecerá nos dias 22, 23 e 24 de outubro, totalmente on-line.

Ao realizar a sua pré-inscrição, você terá prioridade na inscrição, garantindo sua vaga, além de receber todas as informações por e-mail. As inscrições serão abertas no dia 13 de outubro, às 8h.

O objetivo do seminário é formar uma grande comunidade de comunicadores católicos, comprometidos com o anúncio do Sagrado.

Quem participar terá a oportunidade de encontrar comunicadores de todo o Brasil, aprender com palestrantes nacionais e internacionais, discutir e tirar dúvidas de temas acadêmicos e cotidianos.

Mais informações, acesse: <http://seminariodecomunicacao.rds.land/inscricao>.



Irmão benemérito

No dia 6 de outubro, o vigário episcopal para as Irmandades, Confrarias, Ordens Terceiras e Devoções, padre Valtemario Silva Frazão Junior, foi homenageado pela Irmandade de São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário e Sant'Ana, em Del Castilho, com o título de irmão benemérito.

O título foi entregue durante a cerimônia de posse da mesa diretora eleita da irmandade, que padre Valtemario presidiu na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Del Castilho, já que a igreja sede da irmandade está fechada desde o início da pandemia. A provedora, reeleita, é Tereza Simão.

CENTRAL DE MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA ONLINE



O que é Mediação?

Método de resolução de conflitos entre duas ou mais pessoas, que se desenvolve de forma pacífica, colaborativa e voluntária, contando com o auxílio de um terceiro imparcial, o Mediador. Este facilita a comunicação entre os interessados, guardando o sigilo do que lhe foi confiado, auxiliando-os a criar opções para que cheguem a uma solução que satisfaça a todos.



Tipos de atendimentos

- Guarda de menores
- Desavenças no convívio familiar
- Obrigação alimentar
- Relações de vizinhança
- Disputa de bens móveis ou imóveis
- Relação de consumo
- Descumprimento de contratos
- Renegociação de dívidas
- Relações de locação

Agende um primeiro contato enviando **mensagem**, via **WhatsApp**:

(21) 97454-2132

Este projeto faz parte de um Convênio entre a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro - TJRJ, visando atender pessoas independente de raça, gênero, cor, religião, nacionalidade, orientação sexual, classe social ou posicionamento político.

O atendimento é gratuito e é oferecido a toda e qualquer pessoa que demonstre necessidade e interesse em resolver seus próprios conflitos.

Programa

O que acontece na Missa?

com o Padre Fabio Balbino

Terça e quinta às 11h da manhã

REDENTOR WFSRV

YouTube /webtvredentor

TERÇO DOS HOMENS

PARÓQUIA SÃO JOÃO BOSCO - RIACHUELO

TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS INÍCIO ÀS 20H

f TERÇO DOS HOMENS - PARÓQUIA SÃO JOÃO BOSCO

"O MUNDO SEM FÉ, NA DOR SE CONSUME, AJUDE ESTE MUNDO COM O TERÇO DOS HOMENS"

- PADRE ANTÔNIO MARIA

RUA LUIZ ZANCHETA 134 - RIACHUELO



Santuário São Judas Tadeu Cosme Velho

ATENÇÃO!

DIANTE DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVIRUS (COVID-19), NO DIA 28 DE OUTUBRO, DIA DO NOSSO PADROEIRO,

O SANTUÁRIO ESTARÁ DE PORTAS FECHADAS PARA TODOS OS PAROQUIANOS.

Ou seja, no dia 28 de outubro NÃO será possível visitar a gruta, participar da missa de modo presencial etc.

AGRADECEMOS A COMPRENSÃO E CARINHO.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES:

(21) 99854-6006



Rosário: sinal de esperança na história da Igreja

Rosário proteção da Virgem Santíssima que envolve e protege a barca da Igreja ao longo das tempestades enfrentadas na história. Arte de Maria Clara Alves: Instagram. comclarasart



Na audiência geral do dia 30 de setembro, o Santo Padre, o Papa Francisco, ao dirigir-se aos peregrinos poloneses, recordou o mês de outubro, dedicado em toda a Igreja ao Rosário, como um tempo propício para que a oração mariana seja vínculo de unidade para as famílias: “Sejam fiéis ao costume de rezar o Rosário nas suas comunidades e, sobretudo, nas famílias. Meditando cada dia os mistérios da vida de Maria à luz da obra salvífica do seu Filho, faça com que ela participe das alegrias de vocês, das suas preocupações e dos momentos de felicidade.” Sem dúvida uma das devoções mais divulgadas em meio aos fiéis católicos, ainda hoje, a Oração do Rosário deve ser em meio aos homens sinal de esperança diante das vicissitudes do caminhar da Igreja.

A história do Rosário está tradicionalmente atrelada à ordem dominicana. Segundo venerável tradição em 1214, a Virgem Santíssima teria aparecido a São Domingos, naquele momento angustiado pela intensa luta na conversão dos hereges cátaros no sul da França, e teria lhe recordado a Oração do Rosário como poderosa oração na conquista dos corações mais endurecidos. Chamado também na época de “saltério angélico”, por ser composto de 150 Ave-Marias, numa clara referência aos 150 salmos do saltério bíblico, a Oração do Rosário logo alcançou grande divulgação e popularidade, graças ao intenso trabalho missionário dos frades dominicanos.

À medida que a devoção foi se desenvolvendo, foi também se enriquecendo com meditações que a ligavam aos

abraçados pelas suas orações, se tornaram outros homens. Dissiparam-se as trevas da heresia, e a fé católica brilha com novo esplendor” Essa certeza do Papa na eficácia da oração mariana se manifesta principalmente três anos depois. Diante da invasão dos otomanos na Europa, São Pio V conclama todos a pedirem a intercessão da Virgem pela vitória dos cristãos através da Oração do Rosário. E, de fato, a 7 de outubro de 1571 os cristãos vencem os otomanos na batalha naval de Lepanto. Atribuindo a vitória à incessante Oração do Rosário pelos fiéis, São Pio V instituiu o dia 7 de outubro como a Festa de Nossa Senhora das Vitórias, posteriormente chamada de Festa de Nossa Senhora do Rosário.

No século XIX, será o Papa Leão XIII o grande apóstolo do Rosário, escrevendo pelo menos 26 documentos pontifícios sobre o saltério da Virgem. Pela Encíclica *Supremi Apostolatus Officio*, de 1883, Leão XIII instituiu o mês de outubro como um mês dedicado ao Rosário, na esperança de que “os fiéis se hão de colocar com sempre mais ardente entusiasmo sob a proteção e assistência de Maria, e continuarão a amar com crescente fervor a prática do Rosário, que nossos pais costumavam considerar não só como um poderoso auxílio nas calamidades, mas também como um distintivo honorífico da piedade cristã”.

Em 2002, será a vez de São João Paulo II de, pela carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, exortar os fiéis a procurarem sempre no Rosário a intercessão da Virgem, na “confiança de que a sua materna intercessão tudo pode no coração do Filho.” Por esse bellissimo documento, que bem pode-se dizer um tratado do Rosário, o Santo Padre instituiu mais um conjunto de mistérios, os mistérios luminosos: “Para que o Rosário possa considerar-se mais plenamente ‘compêndio do Evangelho’, é conveniente que, depois de recordar a encarnação e a vida oculta de Cristo (mistérios da alegria), e antes de se deter nos sofrimentos da paixão (mistérios da dor), e no triunfo da ressurreição (mistérios da glória), a meditação se concentre também sobre alguns momentos particularmente significativos da vida pública (mistérios da luz). Esta inserção de novos mistérios, sem prejudicar nenhum aspecto essencial do esquema tradicional desta oração, visa fazê-la viver com renovado interesse na espiritualidade cristã, como verdadeira introdução na profundidade do Coração de Cristo, abismo de alegria e de luz, de dor e de glória”.

Percorrer o caminho da Oração do Rosário, ao longo da história da Igreja, é perceber a ação amorosa de Deus que, dando a Virgem Santíssima como mãe protetora da Igreja, envia sempre o Seu auxílio diante das dificuldades. Seja nas dificuldades com as heresias na Idade Média, nas batalhas do século XVI ou nos desafios do mundo globalizado do século XXI, o Rosário da Virgem Santíssima se insere como um sinal claro e eficaz da esperança cristã, como que envolvendo a barca da Igreja de proteção e refúgio diante do mar revoltoso desse mundo. São João Paulo II, ao fim da carta *Rosarium Virginis Mariae*, a todos exorta: “Que este meu apelo não fique ignorado!” Ele como que ecoa aquelas palavras ouvidas pelos Pastorinhos de Fátima da boca da própria Virgem: “Rezai o terço todos os dias”. Sim, que a cada dia possamos oferecer a Virgem Santíssima nossa coroa de rosas, confiando em seu materno amor, confiantes de que não deixará de apresentar nossas humildes súplicas ao Rei da eterna glória. Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós!

mistérios da vida de Cristo e de sua Mãe, fazendo do Rosário uma forma de meditação bíblica. Vão se formando, assim, os três conjuntos de mistérios – gozosos, dolorosos, gloriosos – divididos cada um em cinco mistérios. Dessa forma, vai se popularizando também o costume de rezar cada um desses conjuntos de mistérios ao longo da semana, ou seja, um terço do Rosário rezado por dia, fazendo com que a própria oração seja conhecida como “terço”.

A Oração do Rosário terá como seu grande incentivador, no século XVI, um Papa dominicano, São Pio V. Em 1569, pela Bula *Consueverunt Romani Pontifices*, o Papa exorta todo o povo cristão a ter na Oração do Rosário a grande arma diante das dificuldades pela qual passava a Igreja. Assim se expressará o Santo Pontífice: “Graças ao Rosário e à sua difusão no mundo, os fiéis excitados pela meditação,



Seminaristas participam do Encontro de Formação Missionária

O Encontro de Formação Missionária para Seminaristas (Formise) ocorreu entre os dias 25 e 27 de setembro com seminaristas do Regional Leste I. Esta atividade, neste ano, precisou ocorrer de modo on-line e teve como objetivo oferecer aos vocacionados ao sacerdócio uma formação missionária, promovendo uma prática aprofundada da Missão Permanente, tão necessária para a Igreja de hoje.

O encontro começou no dia 25 de setembro, com o padre Maurício Jardim, diretor nacional das Pontifícias Obras Missionárias, palestrando sobre o Mês Missionário baseado no tema “A vida é Missão”. A missão não pode ser um exercício limitado a alguns momentos, mas toda a vida deve estar preenchida pelo ímpeto missionário de evangelizar o outro e a si mesmo.

Para o seminarista Jonas Ronny Vicente da Silva foi muito importante a primeira palestra, pois “foi apresentada uma coisa que às vezes não fica clara na mentalidade do cristão. A missão não é uma peculiaridade para alguns ou exclusiva da vida religiosa. Tampouco a vida missionária não é um apêndice da vida cristã, mas é a própria natureza do cristão. Nesse primeiro encontro ficamos dedicados a evitar cair na armadilha de enxergar a missão com certo reducionismo, dando essas responsabilidades para outros sem querer assumir com propriedade a vocação universal à missionaridade, mesmo que seja adaptada as condições e personalidades de cada cristão.” E ainda acrescentou: “essa formação foi oportuna, pois nos fez dedicar um tempo para meditarmos e estudarmos a realidade da missão. Alegro-me de ter participado dessas formações, pois renovo meu compromisso de seguir a Cristo, deixando o que está para trás, me lanço a fim de alcançar a meta. Todos os encontros foram acompanhados dos devidos momentos de oração, partilha, perguntas e respostas para

ajudar a ampliar a discussão acerca de tão importante tema para o mundo de hoje. Com essa formação saio alegre, revivendo o firme propósito de santificar-me santificando meu próximo. Deus seja louvado!”

No dia 26 de setembro, a palestra foi ministrada por Dom Gilson Andrade da Silva (bispo de Nova Iguaçu). O tema apresentado foi “Evangelizadores pelo Espírito”. Baseado na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, Dom Gilson apresentou os velhos problemas no mundo moderno. “Compadecendo das mazelas humanas, possamos mais uma vez, reafirmar os mesmos valores que curam a Humanidade ferida: a oração pela contemplação que nos faz recordar de Cristo; a compaixão pelo povo que expressa na proximidade faz também o povo recordar de Jesus, e a fé na morte e ressurreição de Cristo, motivo pelo qual agimos confiantes na missão.” Todas essas realidades relacionam-se entre si e enriquecem o coração do evangelizador.

No último dia do encontro, padre Alexandre Mothé, diretor espiritual do Conselho Missionário de Seminaristas (Comise) Leste I, apresentou uma formação sobre a missão no ministério sacerdotal. Com o tema: “Missionários a exemplo do Mestre”: o presbítero e a sua identidade missionária. A missão relaciona-se diretamente com a identidade sacerdotal,

ao qual devemos sempre ter como exemplo o próprio Cristo, mestre e sacerdote perfeito.

O seminarista Kadun Dornelles Garcia, da etapa formativa configuração, é o responsável pelo Comise do Seminário Arquidiocesano de São José. Ele enfatizou a importância missionária na formação sacerdotal. “Quando o Senhor revela “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” é notório observar o desejo que Ele possui em estarmos abertos à missão. Esse ardor missionário deve envolver todos os seminaristas, sabendo que nossa missão é ser canal de Cristo, e levar a todos ao conhecimento d’Ele através do nosso “testemunho”, seja em qualquer ambiente social. Para isso é importante que possamos estar em comunhão com Deus, já que é o Senhor o dispensador de todos os bens. Além da grande missão de anunciar esse Amor, ser um com Cristo alimenta nossa alma e transforma o nosso coração em “uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora”, como é visto no documento *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Portanto, as formações que envolvem os aspectos fundamentais de nosso chamado são de grande valia, já que nos recordam a missão do Filho de Deus e o motivo de sua encarnação. Isto nos incentiva a continuar, sendo um jovem que diferenciado do mundo, pela escolha divina, está presente e deseja transbordar essa alegria

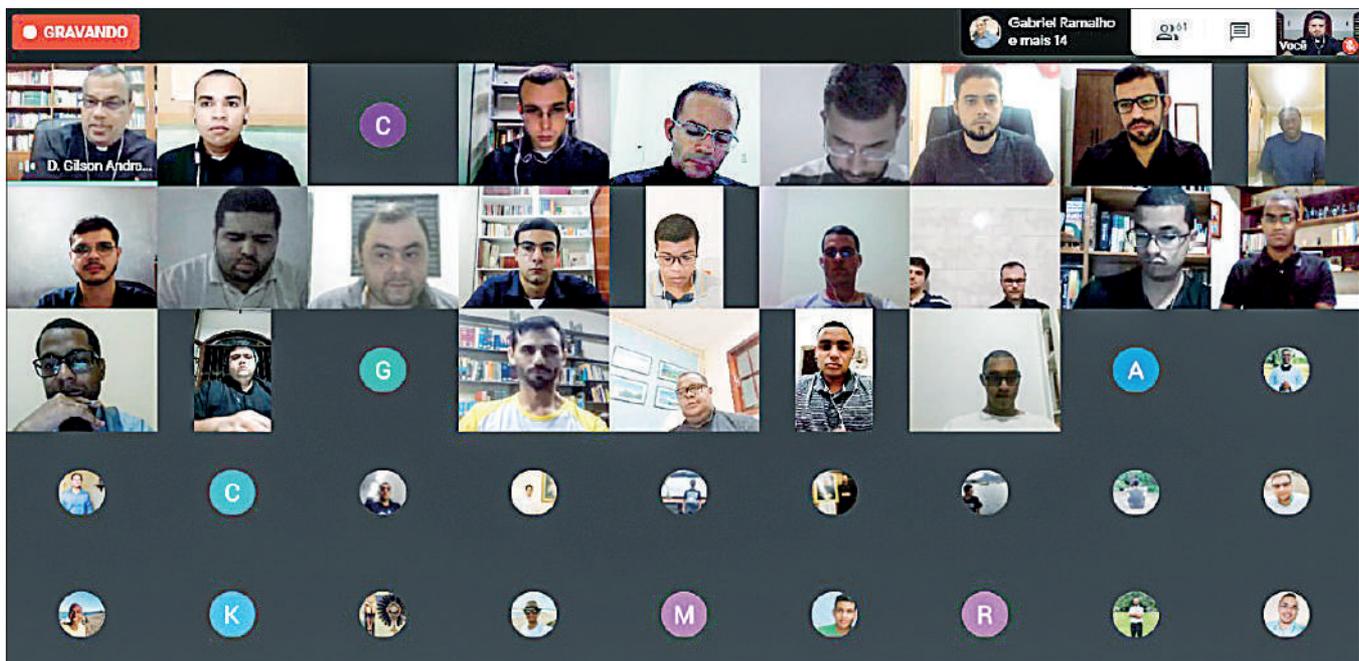
evangelizadora. Desde já agradeço a organização do Formise, pois esse trabalho de tornar vivo o ardor missionário deve estar presente nos seminários, sabendo que nossa missão é ser Cristo, um empenho de doação ao próximo”.

O trabalho missionário é desenvolvido através dos seminaristas que compõem o Conselho Missionários de Seminaristas Comises. Eles são responsáveis por articular e garantir uma formação missionária, atividades específicas de engajamento missionário que possam se concretizar de maneira efetiva e eficácia formação missionária nos seminários. O seminarista David de Assis Ramos da Silva, da etapa formativa configuração 2, que também pertence ao Comise, disse: “Em uma sociedade em que cada vez mais se preocupa com a “desconstrução” de si próprio, faz-se necessário reencontrar dentro de cada um de nós o que nos faz sermos quem somos. Esse ano com a proposta do Papa Francisco de nos lembrar a essência da alma de um cristão, que é missão, portanto, reencontrar essa essência seria reencontrar dentro da Igreja aquilo que nos faz ser outros cristos, pois assim como o Pai envia seu Filho unigênito para que todos aqueles que n’Ele creem não pereçam, mas tenham a vida eterna. Ainda mais na formação sacerdotal, pois o sacerdote é aquele que age “In

persona Cristi”, e agindo assim é em cada paróquia cabeça responsável pela evangelização da Boa Nova de Deus, que é o Cristo Vivo e reinante. Ao sermos, durante o período de formação, incentivados a buscar o outro que se encontra longe de Deus, estamos aprendendo a entender e viver a essência do chamado divino, que o Concílio Vaticano II nos recorda, que é a santidade, nos faz abrir os olhos e coração desde já para aqueles que são os mais necessitados do amor e da acolhida, para se sentirem abraçados pelo Filho que é O missionário do Pai, logo o aspirante a padre (seminarista) deve também nutrir em seu coração a necessidade de buscar a estes que se encontram em tantas periferias, aonde feridos e cansados se deixam levar por falsos pastores e acabam se perdendo. Faz, então, parte essencial da preparação do futuro presbítero a missão, pois é ela não somente uma dimensão que deve ser recordada para ser vivida dentro da Igreja, mas é a essência do chamado do cristão, que deve a nos levar a amar e cuidar do outro como o Cristo nos amou, e como futuros sacerdotes devem se revestir ainda mais desse pensamento que nos ajuda a entender ainda mais nossa essência missionária. O candidato ao presbitério deve, então, estar sempre aberto e ser sempre grato pela oportunidade de ser formado com um coração missionário, e nós que partilhemos e vivemos esse período de Formise recebemos da Igreja direção e subsídios necessários para construir melhor a vocação de bom pastor, a vocação de maior semelhança com o Cristo”.

Na formação sacerdotal no aspecto missionário ocorre de modo especial nestes momentos privilegiados de partilha de conhecimentos, orações e reflexões. Mas na rotina formativa em algumas oportunidade o futuro presbítero tem um constante convite a aprofundar essa dimensão tão importante ao sacerdócio.





Veja quais são essas atividades missionárias desenvolvidas no Seminário São José:

ESTÁGIO PASTORAL

Parte integrante da formação pastoral dos seminaristas, é o estágio que os mesmos realizam nas diversas paróquias da arquidiocese durante os finais de semana. Acompanhados pelo pároco, os formandos são convidados a conhecer as diversas realidades pastorais e a se colocarem à disposição dos irmãos na animação pastoral, na escuta da Palavra e no serviço da caridade. O período que os seminaristas passam por uma

paróquia, que varia de um a dois anos, de acordo com as necessidades formativas. Através do estágio pastoral, os seminaristas são presença missionária em meio ao povo de Deus.

MISSÃO ANUAL DAS COMUNIDADES

A Missão Anual dos seminaristas é uma atividade missionária promovida pelo seminário com o intuito de fomentar nos futuros pastores o espírito de discípulo-missionário, próprio do cristão. Geralmente, a missão é realizada no período de uma semana em uma das inúmeras paróquias de nossa

arquidiocese e acontece sempre num período próximo às férias ou ao retorno delas. Durante a missão, os seminaristas têm a oportunidade de visitar os paroquianos em suas casas, de animar encontros, ministrar palestras e participar dos momentos celebrativos da comunidade, colocando-se sempre como servos do Senhor.

Casa das Irmãs Missionárias da Caridade

Nesta frente missionária, os seminaristas auxiliam as irmãs da caridade, juntamente a outros voluntários, a servirem refeições aos irmãos em situação de rua. O serviço está suspen-

so, devido à pandemia, mas acontece todas as sextas.

INCA

Esta particular missão tem por objetivo levar o alívio e o consolo de Deus aos irmãos que se encontram enfermos. Os seminaristas da configuração III (teologia

III) saem em missão todas as quartas, na parte da tarde, e dedicam-se durante todo o ano para esta atividade.

CATEQUESE NA FUNDAÇÃO OSÓRIO

Animados pelo mandato de Cristo, os seminaristas também assumem o compromisso de ministrar os encontros de catequese para alguns estudantes da Fundação Osório. Nesta atividade, os formandos preparam semanalmente um grupo de crianças e adolescentes para o encontro com Cristo na Eucaristia, desenvolvendo suas habilidades pastorais e

catequéticas, muito necessárias no futuro exercício do ministério presbiteral.

PASTORAL CARCERÁRIA

A assistência religiosa se dará junto com os agentes da Pastoral Carcerária em auxílio aos reclusos. Esta missão está em implementação neste ano de 2020. Os seminaristas da etapa formativa configuração II já completaram a formação específica necessária, e aguardam a finalização da documentação.

MISSÕES EXTRAORDINÁRIAS

Impulsionados pelo Espírito Santo, alguns seminaristas dispõem-se generosamente a corresponder o chamado de Deus num período especial de missão. São realizadas atividades junto aos jovens reclusos no Degase, assim como à Pastoral de Rua em datas específicas, sobretudo no Natal. Alguns dos formandos ofereceram um período de seu tempo formativo para a missão na Basílica da Anunciação, em Nazaré (Terra Santa), no Haiti e na região do Xingu. Nesta profunda experiência missionária, os seminaristas são convidados a um desprendimento cada vez maior, a fim de tomarem posse do verdadeiro tesouro: Cristo reinante nas almas.

SEMINARISTA CARLOS ÉBANO

A Rádio Catedral precisa de você!

Faça sua contribuição através do depósito, transferência bancária em uma das nossas contas ou pelo PagSeguro



AGÊNCIA 0814-1
CONTA 2106-7



AGÊNCIA 0380
CONTA 56478-1



AGÊNCIA 0087-6
CONTA 13953-X



AGÊNCIA 1327
CONTA 511-3
OPERAÇÃO 003



AGÊNCIA 3370
CONTA 13000390-1

CAEDRAL
FM 106,7



3231-3560



Os níveis da imagem

Nas últimas publicações tivemos a oportunidade de tratar sobre as teses sobre o movimento de Bergson / Deleuze. Na presente, falaremos sobre os níveis da imagem: quadro e plano, enquadramento e decupagem.

Nas palavras de Deleuze o enquadramento é: “a determinação de um sistema fechado, relativamente fechado, que compreende tudo o que está presente na imagem, cenários, personagens, acessórios”. O quadro é, portanto, um grande conjunto com múltiplos elementos, que formam subconjuntos.

Para Deleuze há duas tendências no quadro: a saturação e a rarefação. A saturação, como o próprio termo já sugere, trata do quadro que conta com muitos elementos, planos variados, como Deleuze nota, tudo isso é facilitado pela largueza da tela e a profundidade do campo, que torna possível toda essa variedade. Essa variedade pode se exprimir em modalidades múltiplas, como por exemplo, o segundo plano que sobressai sobre o primeiro, pela utilização do foco, ou simplesmente pondo-os em colisão ou convergência.

O importante, de fato, no quadro saturado são as múltiplas ações que podem compor uma mesma cena e daí se estabelecem os subconjuntos em um plano.

Já na rarefação, encontramos justamente o oposto, ou seja, quadros muito mais escassos no que diz respeito aos elementos e ao plano, que é apenas um e que muitas das vezes, como é o caso do “plano detalhe”, não possui visualiza o ambiente inteiro, mas utiliza o foco para dar primazia a um elemento em cena, que pode ser simbólico ou meramente o que o diretor pensa que é suficiente para a compreensão do espectador.

Um cineasta que me parece exemplificar muito bem o “plano detalhe” é o francês Robert

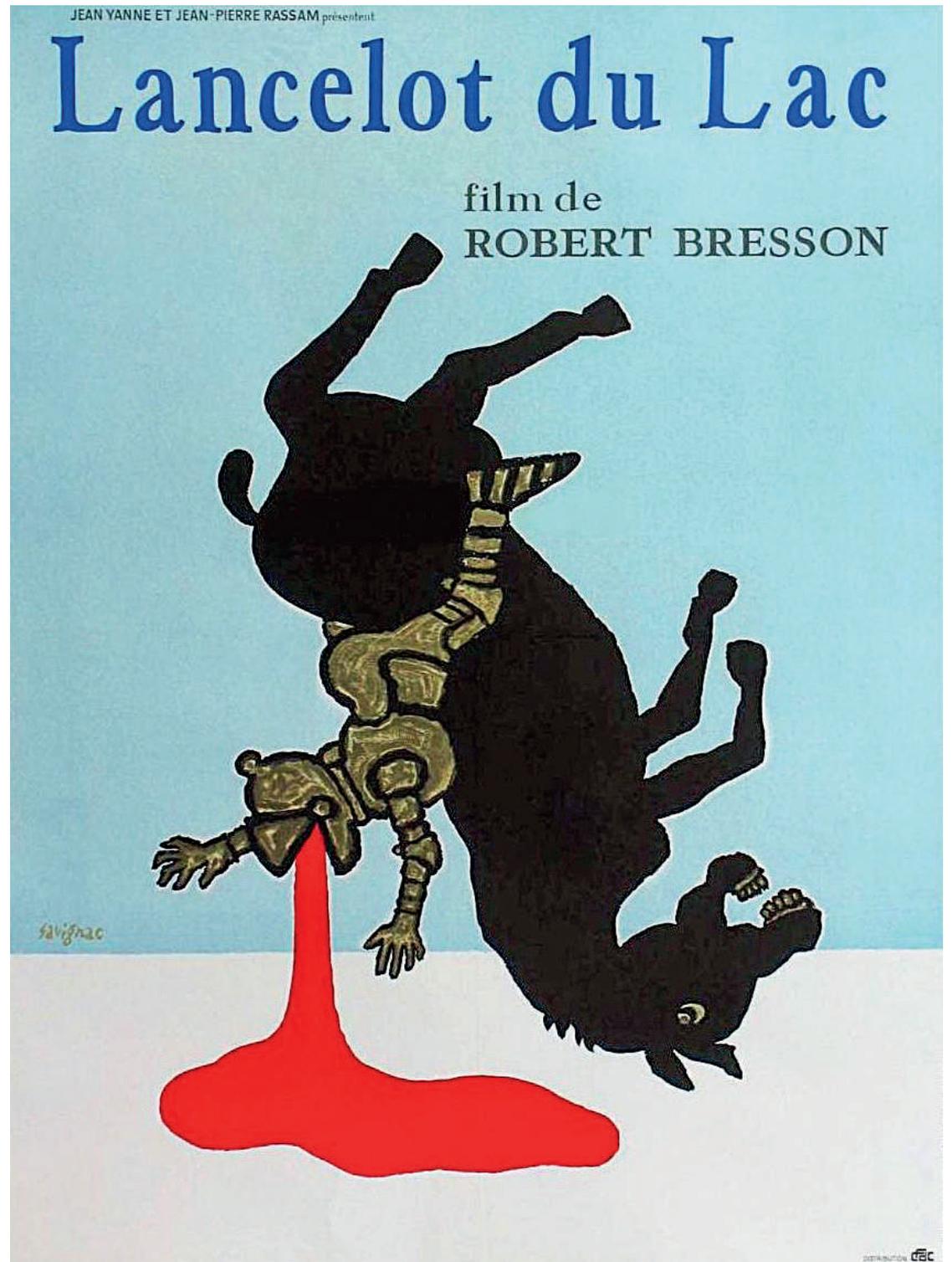
Bresson, que já tivemos a oportunidade de tratar em artigos anteriores. Bresson primava pela economia dos elementos em cena, algumas vezes em seu filme o foco desviava da ação da cena para um elemento completamente secundário. Em “Lancelot Du Lac”, filme de 1974, no clímax dele, uma batalha travada em um campo aberto, Bresson opta por focar nas patas dos cavalos em campo, de modo que o espectador intuisse os acontecimentos da guerra.

Deleuze cita outros cineastas para exemplificar, como Hitchcock, em “Suspeita”, filme de 1941, no qual o foco se desloca para um copo de leite ou em “Janela indiscreta”, de 1954, no qual a tônica da cena está na brasa do cigarro no retângulo da janela. É interessante notar que a rarefação também aparece em planos amplos, mas esvaziados de elementos, como bem cita Deleuze sobre Michelangelo Antonioni, que gostava de explorar paisagens desérticas. Há ainda o conjunto vazio, ou seja, um elemento que recebe um superfoco e enegrece ou embranquece toda a tela.

Deleuze trata de uma segunda divisão que é entre o enquadramento geométrico e físico. O primeiro trata do enquadramento que já possui um espaço delimitado para que os corpos circulem, ou seja, há um cenário para que a narrativa se desenrole em paralelas e diagonais, um receptáculo como diz Deleuze. A este primeiro, Deleuze irá cunhar como enquadramento platônico.

O segundo, que é o enquadramento físico, não está delimitado pelo espaço, na verdade é o corpo que conduz o enquadramento, há um espaço infinito que é comandado pelo movimento, contudo, de todo modo o enquadramento é limitação. A este, segundo Deleuze, irá tratar como enquadramento estoico.

Deleuze irá usar essas mes-



mas expressões: geométrico e físico, para tratar de um conceito diferente no que se refere às partes do sistema. No geométrico o quadro está sempre associado a distinções geométricas. Um bom exemplo disto é o expressionismo alemão que desenvolve o plano a partir de diagonais e contra-diagonais, figuras piramidais ou triangulares, que reúnem em si as pessoas, os cenários, ou seja, os mais variados elementos estão desse modo reunidos em formas geométricas. A própria iluminação entra nesta perspectiva, uma espécie de óptica geométrica.

Já a concepção física ou dinâmica utiliza conjuntos vagos, que se dividem em zonas ou bandas. O quadro não se divide geometricamente, mas por meio de gradações físicas. O conjunto não se divide sem necessariamente mudar de natureza.

No próximo artigo trataremos sobre outros aspectos que envolvem os níveis da imagem em Deleuze, tentando também traçar o paralelo com as grandes obras do cinema mundial.

Para este artigo recomendamos vivamente que confirmem a filmografia de Robert

Bresson como exemplo de plano detalhe, além de Karl Dreyer, cineasta dinamarquês que ilustra bastante o quadro geométrico, e que acima de tudo isso são grandes diretores que marcaram definitivamente a história do cinema.

SEMINARISTA
FILIPE FREITAS
MACHADO
f.freitas2012@
gmail.com



Bibliografia:

DELEUZE, Gilles. A imagem movimento. São Paulo: Editora 34, 2018.

BERGSON, Henri. A evolução criadora. São Paulo: Unesp, 2010



Faça parte da família Catedral.
Seja um Amigo da Rádio

(21)3231-3560
radiocatedral.com.br

CAEDRAL
FM 106,7

De quanto deve ser o dízimo?

CREDITO PASCOM

É evidente que não se trata da obrigação de se dar a décima parte de tudo quanto se possui. Aqui, e acima de tudo, vale o espírito cristão de cada um. Oferece-se aquilo que se pode dar.

O dízimo não é uma campanha financeira! É sim, uma campanha formativa; poderíamos chamá-la “campanha da fraternidade”. Faz com que a pessoa se sinta responsável pelo irmão, procurando ajudá-lo para que ele também se realize como pessoa humana, filho de Deus.

É uma campanha que deixa a cada um a liberdade de participar ou não. Deve haver absoluta liberdade, tanto sobre a sua participação, quanto sobre a quantia com que contribuirá. De mais a mais, tudo isso depende do grau de inserção de cada um na comunidade. Quem compreende mais dá mais, quem compreende menos dará menos, ou mesmo, quem não compreende nada, poderá até não dar nada também. O certo é que “Deus ama quem dá com alegria” (2 Cor. 9,7).

Deus não precisa da esmola de ninguém! Por isso, a sua contribuição também não deve ser esmola. O que Deus quer é que todos vivam e formem a comunidade que Ele deixou



Agentes da Pastoral do Dízimo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Ilha do Governador

como lugar de Sua presença no meio de nós. Nesta comunidade todos são igualmente importantes, igualmente irmãos, igualmente filhos de Deus.

O dízimo ajudará você não só a repartir, não só a formar comunidade, mas também, e principalmente, a sentir-se verdadeiro filho de Deus.

O QUE NÃO É DÍZIMO:

- Não é pagamento: o dízimo não é pagamento dos sacramentos, de bênçãos ou orações.

- Não é esmola: não é esmola dada à Igreja ou ao padre.

- Não é compra de privilégios: não compra privilégios em detrimento de outros paroquianos. Ninguém é melhor do que ninguém porque dá o dízimo.

- Não é isenção: de outros trabalhos ou colaborações dentro da comunidade; não é compra de favores.

- Não é prestação: não é um simples pagamento para o batismo de nossos filhos, para o matrimônio, nem significa direito a abatimento no aluguel do salão

paroquial... Também não é transação financeira etc...

- Não é sobra: também não é uma sobra do que ganhamos no mês.

- Não é barganha com Deus: dou isto e quero aquilo

- Não é título de honra ou diploma de cidadão honorário na Igreja.

- Não é passe livre para deixar de cumprir a Lei de Deus ou os preceitos da Igreja.

DIÁCONO CLAUDINO AFFONSO ESTEVES FILHO
COORDENADOR ARQUIDIOCESANO DA PASTORAL DO DÍZIMO

Indique um Amigo

Você, que é um Amigo colaborador desta obra de evangelização, indique um Amigo para fazer parte desta família.

Abrace esta ideia e ligue:

(21) 3231-3560

CAEDRAL
FM 106,7



TERÇO DA MISERICÓRDIA

De segunda a sexta às 15 h.

Agendamento e informações através do email:
tercodamisericordia@radiocatedral.com.br

CAEDRAL
FM 106,7



Carlo Acutis: Um jovem a caminho dos altares

Com a beatificação de Carlo Acutis no dia 10 de outubro, na Basílica papal de São Francisco, em Assis, a juventude passou a ter o exemplo de vida de um jovem apaixonado por Cristo, pela Eucaristia, sua “autoestrada para o céu”, o Rosário, o amor pelos outros, e um comunicador muito atual do Evangelho.

Carlo Acutis nasceu no dia 3 de maio de 1991 em Londres, onde a família estava a trabalhar. Mais tarde, em Milão, começou a ter uma relação cada vez mais intensa com a fé, desde o ensino fundamental. Apaixonado pela internet, faz dela um meio de evangelização. Testemunha disto é uma exposição virtual por ele organizada, quando tinha 14 anos, sobre os milagres eucarísticos.

É a história daquelas que tocam profundamente pela morte prematura e pela limpidez de sua alma. Faleceu no dia 12 de outubro de 2006, em Monza, aos 15 anos, vítima de leucemia fulminante. Foi declarado Venerável no verão de 2018.

No dia 6 de abril de 2019, seus restos mortais foram transladados para o Santuário do Despojamento em Assis, a pedido do arcebispo de Assis-Nocera Úmbria-Gualdo Tadino, Dom Domenico Sorrentino.

MILAGRE

A ele foi reconhecido o milagre de um menino brasileiro, ocorrido em 2013. A criança sofria de distúrbios significativos do trato digestivo, com uma rara anomalia anatômica congênita do pâncreas, mas a cirurgia não foi realizada. A família e sua comunidade pediram a intercessão de Carlo para salvar seu filho.

LIGAÇÃO COM O BRASIL

Carlo Acutis morreu no Dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Antes de ser anunciada a beatificação, sua mãe, Antonia Salzano, numa entrevista disse: “Eu não entendo. Carlo nunca foi ao Brasil, mas tem esta ligação muito forte. Ele morreu no Dia de Nossa Senhora Aparecida, está numa paróquia em

“Todos os dias vivo a Eucaristia como um diálogo constante com Jesus, como uma autêntica esperança. A Eucaristia é a minha autoestrada para o céu.”

que o padre é brasileiro, se chama Carlo, tem as irmãs capuchinhas brasileiras que estão cuidando do Carlo e o milagre que está sendo avaliado é no Brasil”. Então ela diz assim: “Eu não entendo”. E pediu: “que o povo brasileiro, que é um povo fervoroso, nas nossas devoções, rezem pela beatificação deste jovem. Estamos pedindo que ele interceda pela nossa juventude no Brasil, que ele possa ajudar a salvar muitos jovens a sair das drogas, da violência, e que leve para Deus”.

“A tristeza é o olhar voltado para si; a felicidade é o olhar voltado para Jesus.”

QUEM É CARLO ACUTIS?

“A santidade da porta ao lado” tantas vezes evocada pelo Papa Francisco, à qual todos podem aspirar. Assim como na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, Francisco convida os jovens a seguirem pelo caminho da santidade, a exemplo do que fez o jovem Carlo Acutis.

“Tinha uma grande abertura aos outros, sobretudo aos mais necessitados, sem nenhuma distinção de raça ou religião”, afirmou o postulador de sua causa de beatificação, o jornalista do *L'Osservatore Romano* Nicola Gori.

APÓSTOLO NA INTERNET

Carlo Acutis foi sempre um jovem normal, com hábitos semelhantes aos seus pares, amava estudar, jogar futebol e estar com os outros. “Porém - ressalta Gori - descobriu um grande amigo, Jesus. E esse precioso tesouro queria compartilhá-lo com todos, tornando-se assim um apóstolo. Como? Por meio do que mais gostava: tecnologia da informação”.

Em virtude disso, realizou uma exposição sobre os milagres eucarísticos, para compartilhar com todos a alegria de um encontro concreto com Jesus.

O GÊNIO

Gori é autor de “Um gênio da ciência da computação no céu”, biografia de Acutis publicada pela Livraria Editoria Vaticana (LEV), acompanhada pelo documentário produzido pela Officina della Comunicazione e Vatican Media intitulado “La mia autoestrada per il cielo”.

“Ele era um gênio - diz Gori - porque mesmo não tendo completado os estudos especializados, era capaz de criar programas de computador melhor que os acadêmicos e de usar as mídias



sociais com o objetivo de evangelização e promoção humana”.

AS OBRAS

Os pilares de sua espiritualidade eram Nossa Senhora e a Eucaristia, que encontrava todos os dias no altar e também na busca pelos pobres. Em casa, pedia para colocar a sobra de comida em recipientes, para então levá-la aos desabrigados locais.

“À noite - conta Gori - ele costumava ir com os pais pelas ruas de Milão, para distribuir cobertores e refeições quentes aos desabrigados”.

Dava a justa medida ao dinheiro e se zangava quando queriam comprar-lhe um segundo par de sapatos. Além disso - acrescenta o postulador - “ele tinha o hábito de juntar as ajudas semanais que lhe eram dadas pela família, para entregá-las aos necessitados da Obra de São Francisco, em Milão”.

IMIGRANTE CONVERTIDO

Entre as tantas histórias, há também aquela sobre os porteiros de alguns imó-

veis próximos a sua escola. “Quando ele saía de bicicleta de manhã - conta Gori - ele parava para conversar com essas pessoas, sobretudo imigrantes pertencentes a outras religiões”.

E depois tem a história sobre o batismo do empregado de Carlo, vindo das Ilhas Maurício, e no centro do processo de beatificação. “O homem - especifica o postulador - declarou que foi convertido por Carlo, a partir do testemunho e da coerência de vida deste jovem, mais do que de palavras”.

SOFRIMENTO

No hospital disse aos pais: “Ofereço os sofrimentos que deverei sofrer ao Senhor, pelo Papa e pela Igreja, para não ir ao purgatório e ir direto ao céu”. E diante dos sofrimentos, procurava minimizar. “Há pessoas que sofrem muito mais do que eu”, respondia às enfermeiras que lhe perguntavam como ele estava. E acrescentava: “não acorde a mãe que está cansada e se preocuparia mais”.

Simpósio da PUC-Rio: importância do Padre Cícero na história eclesial



Padre Cícero Romão Batista

Em discurso na abertura do simpósio “Um padre e sua fé: Cícero, história e legado”, no dia 6 de outubro, o arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta, destacou que a realização do evento em modo virtual não impediu de compartilhar o vivo interesse pelo Padre Cícero Romão Batista, personagem tão importante para a religiosidade popular e, conseqüentemente, para a Igreja no Brasil, o “Patriarca do Nordeste”.

“Falar sobre a pessoa e a mensagem do Padre Cícero tem um grande significado eclesial.

Mais que uma novidade que vivenciamos, se configura como uma experiência cheia de criatividade”, disse.

O simpósio acadêmico foi organizado pelo Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em parceria com a Arquidiocese do Rio de Janeiro e a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). O simpósio integra o programa de atividades promovidas em comemoração aos 150 anos de ordenação sacerdotal do Padre Cícero Romão Batista.

A mesa de abertura também

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Cardeal Tempesta, Dom Gilberto Pestana e os padres Waldecir Gonzaga e Cícero José

reuniu o bispo diocesano do Crato (CE), Dom Gilberto Pastana, o reitor da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte (CE), padre Cícero José, e o diretor do Departamento de Teologia, padre Waldecir Gonzaga.

Previsto para acontecer em março, o simpósio foi suspenso por causa da pandemia de Covid-19. Adaptado ao formato virtual, na plataforma de videoconferência Zoom, registrou 500 inscrições. As palestras apresentadas irão compor um livro e um acervo de pesquisas referentes ao catolicismo e a espiritualidade popular a partir da história e do legado do Padre Cícero.

Ainda no seu discurso, Dom Orani recordou que o Rio de Janeiro conta com uma “grande parcela de povo nordestino e seus descendentes”. Nesse sentido ele lembrou com muito carinho um dos idealizadores do simpósio, o padre Marcos

Vinício Miranda, falecido neste ano, que inclusive “fez em sua paróquia de Rio das Pedras um monumento ao Padre Cícero”. “O seu entusiasmo pela cultura nordestina o fez colocar inclusive na igreja uma via-sacra especial inspirada em temas do Nordeste”, disse.

Dom Orani recordou também que, “em 2001, a pedido do então Cardeal Joseph Ratzinger, na época, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, solicitou um estudo sobre o Padre Cícero, e coube a Dom Fernando Panico, que era bispo de Crato, apresentar o processo de reabilitação, que o fez, em 2006”.

A Carta da Reconciliação, com as conclusões do pedido, foi enviada pelo Papa Francisco a Diocese de Crato, em 2015, o Ano da Misericórdia.

“Ao assumir a Diocese do Crato, Dom Gilberto Pastana logo se empenhou em continuar a missão de aprofundar o fenômeno de Juazeiro”, frisou o

arcebispo.

Por fim, Dom Orani acrescentou que o “simpósio é uma ressonância do sopro do Espírito, que agiu para que uma parcela tão grande do nosso povo, sobretudo no Nordeste, pudesse encontrar na Igreja acolhida à sua devoção ao Padre Cícero, na qual encontra forças para prosseguir na caminhada, frequentemente muito árdua”.

A programação do simpósio “Um padre e sua fé: Cícero história e legado” seguiu até o dia 7 de outubro com seis conferências e oito grupos de estudos. Dentre os conferencistas também esteve o arcebispo de Maceió (AL), Dom Antônio Muniz.

Quem quiser ver as conferências do simpósio deve acessar canais digitais da PUC-Rio, Diocese de Crato e da TV Web Mãe das Dores no YouTube e nas redes sociais.

CARLOS MOIOLI

A Rádio Catedral precisa de você!

Faça sua contribuição através do depósito, transferência bancária em uma das nossas contas ou pelo PagSeguro



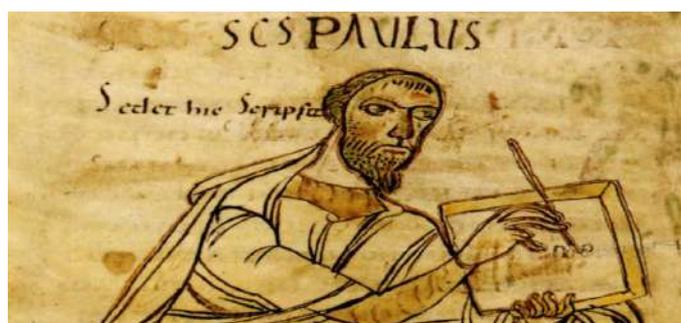
Livros do Novo Testamento (32)

Neste artigo concluímos alguns aspectos importantes acerca dos Escritos do Novo Testamento. Percorremos vastos territórios de conhecimento acerca da Formação e do Desenvolvimento do Cânon do Novo Testamento. O ambiente cultural, religioso e político da Palestina de Jesus de Nazaré.

AS COLEÇÕES DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento é composto por 27 livros, divididos em vários grupos ou coleções de escritos:

1. Quatro Evangelhos e
2. Atos dos Apóstolos,
3. Cartas de Paulo,
4. Carta aos Hebreus,
5. Cartas Católicas (Tiago, 1 e 2 de Pedro, 1, 2 e 3 de João, Judas)
6. Apocalipse de João.



Trata-se de uma grande quantidade de livros e de diferentes gêneros literários, o que exige mais cuidados para a sua correta compreensão. A ordem acima referida é temática e pouco tem a ver com a cronologia.

Tudo indica que o escrito mais antigo do Novo Testamento é a Primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses; e o Evangelho de João foi um dos últimos escritos a aparecer.

Isto não quer dizer que São Paulo é o inventor do cristianismo, como queriam os protestantes do século passado. Ele escreve suas cartas à luz dos evangelhos, que mesmo ainda não plenamente publicados eram a base da catequese do próprio Paulo, sem os quais ele não poderia ter se tornado cristão, nem escrito suas cartas.

Tais escritos, portanto, estão organizados segundo a temática e o gênero literário.



PADRE PEDRO PAULO A. SANTOS
DOCTOR EM TEOLOGIA BÍBLICA
pedosantos@gmail.com

UMA TABELA CRONOLÓGICA

A seguinte tabela pode ajudar-nos a situar melhor os diferentes textos sagrados do Novo Testamento nas suas circunstâncias históricas:

Ano	Imperadores romanos	Herodianos e Procuradores romanos	Vidas de Jesus e Paulo	Livros do Novo Testamento
10	Augusto	Herodes o Grande (37-4 a.C.)	Nascimento de Jesus (pelo ano 6 antes da era atual)	
d.C. 1		Arquelau (até 6 d.C.) Filipe (até 34) Herodes Antipas (até ao ano 39)		
10	Tibério (1-37)			
20	Calígula (37-41)	Pilatou (26-36) Herodes Agripa (37-44)	Batismo de Jesus (28) Morte e Ressurreição de Jesus (30) Conversão de Paulo (ano 34)	
40	Cláudio (41-54)	Félix (52-60)	1ª Viagem missionária de Paulo (47 d. C.) 2ª Viagem missionária	1 e 2 Ts (ano 50)
50	Nero (54-68)		3ª Viagem missionária	Gl; 1 e 2 Cor; Fl; Rm (anos 54-58)
60		Festo (60-62) Vespasiano (69-79)	4ª Viagem, para Roma (60-61) Morte de Paulo (67)	Cl; Flm; Fl; 1 e 2 Tm; Tt (61-67) 1 Pd; Mc; Mt; Heb;
70		Tito (79-81)		Lc; At; Cartas Católicas
80		Domiciano (81-96)		



Dr. Wellington Vasques

Novo Conceito em Odontologia



Especialidades Com atuação

Bichectomia
Cirurgia Buco Maxilo-Facial
Endodontia
Implantodontia
Lente de Contato
Odontogeriatría
Odontopediatria
Ortodontia-Pacientes especiais
Periodontia-Prótese
Toxina Botulínica (Botox)

Vila da Penha Campo Grande

(021) 2415-0014 / 2413-4884 (021) 3301-1271 / 3301-1147
(021) 97301-2655 (021) 96715-5131
@odontovasquescg @odontovasquesvp
www.odontovasques.com www.doutorvasques.com

PSOG

PROGRAMA SOCIAL ODONTOLÓGICO GESTACIONAL
PRÉ NATAL ODONTOLÓGICO

PSITI

PROGRAMA SOCIAL DE IMPLANTE DA TERCEIRA IDADE



Na casa do Senhor, habitarei eternamente

REPRODUÇÃO: JW.ORG



“Preparais à minha frente uma mesa, bem à vista do inimigo, e com óleo vós ungis minha cabeça; o meu cálice transborda”.

O evangelho deste domingo encerra o conjunto das três parábolas que encontramos nos caps. 21-22 de Mateus e que Jesus dirige aos sumos sacerdotes e aos anciãos do povo (cf. Mt 21,23) que lhe interrogam a respeito da sua autoridade. As três parábolas – a dos dois filhos (Mt 21,28-32); a dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-46) e a que ouvimos neste domingo, a do banquete nupcial (Mt 22,1-14) – têm o mesmo desfecho: o Reino dos Céus, ao qual foi convidado em primeiro lugar o povo da primeira aliança, os judeus, será entregue, agora, a todo aquele que aderir a Cristo pela fé, acolhendo seu convite e tomando sobre si o jugo suave do Evangelho.

O texto de Mt 22,1-14 está em consonância com a primeira leitura: Is 25,6-10a, que é um texto escatológico, contextualizado no grande conjunto formado pelos caps. 24-27 do livro de Isaías¹, onde o profeta anuncia o juízo de Deus e os novos tempos que serão inaugurados. Nestes novos tempos o Senhor reunirá sobre “esta montanha”, ou seja, em Jerusalém, “todos os povos” e ali oferecerá um grande banquete. A comensalidade indica a comunhão de vida que deverá unir todos estes povos, outrora divididos, mas agora unidos pelo Senhor. O profeta segue enumerando quais serão as demais ações divinas: Ele removerá a cadeia que ligava os povos; eliminará a morte; enxugará as lágrimas de todas as faces e acabará com a desonra do seu povo na terra. Esse conjunto de

ações divinas produzirá no povo a fé, eles reconhecerão que Deus atua em seu favor, e dirão: *Este é o nosso Deus, esperamos nele, até que nos salvou...* (Is 25,9).

Uma imagem de banquete também nos é apresentada pelo Salmo 22(23),5: *Preparais à minha frente uma mesa, bem à vista do inimigo, e com óleo vós ungis minha cabeça; o meu cálice transborda.*

Tanto a primeira leitura, quando o Salmo responsorial, nos apresentam, assim, a imagem do banquete como sinal da comunhão com Deus, a mesma imagem que encontramos no Evangelho. Na parábola deste domingo, onde Jesus quer mostrar como é o Reino dos Céus, o rei prepara a “festa de casamento” de seu Filho. Os vv. 1-10 são um resumo da história da salvação, tal como a parábola dos vinhateiros homicidas que ouvimos no último domingo: o rei é Deus Pai, que preparou as núpcias do seu Filho, as núpcias do Cordeiro como diz Ap 19,7.9. Para estas núpcias foram convidados primeiro os membros do povo da primeira aliança, os judeus, aqueles a quem a Palavra de Deus se dirigiu em primeiro lugar. Diante de sua recusa, o Pai lhes enviou mais empregados. Podemos ver nesse envio dos empregados do rei, a atuação dos profetas. Ao chamar o povo à conversão, eles o chamavam a uma comunhão de vida com o próprio Deus. A recusa a esse convite se expressa de modo concreto na recusa a reconhecer no Cristo o Messias esperado. Não reconhecendo o Cristo como Salvador, eles não entram nas

núpcias, na festa que o Pai preparou com tanto esmero.

Os vv. 8-10 concluem a primeira parte da parábola. A parábola dos vinhateiros homicidas foi concluída com a afirmação de Jesus: *...o Reino de Deus vos será tirado e entregue a um povo que produza frutos* (Mt 21,43), indicando com isso que o projeto do Pai se realizava agora em plenitude, ou seja, o Reino está aberto a todo aquele que quiser aderir a Cristo pela fé, produzindo frutos. A parábola de hoje termina dizendo a mesma coisa de uma outra forma. O convite feito a todos os que estavam pelas encruzilhadas, bons e maus, que acabaram por lotar a sala das núpcias é anúncio do tempo novo, também predito pelo profeta Isaías, onde Deus vai reunir todos os homens, bons e maus, judeus e pagãos, chamando-os à salvação. Todos os que vierem às núpcias, ou seja, todos os que acolherem a boa nova do Evangelho, serão admitidos à comunhão com o Senhor e possuem um lugar em seu Reino.

O v. 14 encerra toda a parábola: *Muitos são os chamados, poucos os escolhidos.* Não que Deus queira escolher poucos, ou que o Reino seja para uma elite, mas de fato, nem todos acolhem o chamado divino. Deus não cessa de chamar para o seu Reino, mas muitos se fecham em seus afazeres, recusam-se à acolher sua Palavra e, por isso, se excluem do banquete nupcial.

A Eucaristia é este nosso banquete. Ela realiza a profecia de Isaías em nossa

vida. O Salmo 22 acontece para nós cada domingo, porque Deus nos unge com seu Espírito e prepara para nós, diante do inimigo de nossas almas, diante daquele que nos acusa, essa mesa de irmãos, onde nos nutrimos quer da Palavra, quer do Corpo e Sangue do Ressuscitado. Eis aqui, cada domingo, as núpcias do Filho de Deus às quais todos somos chamados. Esta mesa antecipa as núpcias eternas: a mesa do Reino, aquela que o Senhor prepara para nós, no céu.

Que possamos ouvir sempre o convite daquele que não cessa de nos chamar a comunhão com Ele. Que não fechemos jamais nosso coração ao seu chamado de amor. Seja a assembleia dominical nosso gozo, nossa alegria, da qual nunca nos excluímos e na qual estamos sempre presentes, portando nossas vestes, porque fomos delas revestidos em nosso Batismo; vestes essas que não cansamos de lavar e lavar no Sangue do Cordeiro, que nos purifica de nossos pecados para que possamos viver em plena comunhão de vida com Ele.

PADRE FÁBIO SIQUEIRA

VICE-DIRETOR DAS ESCOLAS DE FÉ E CATEQUESE MATER

ECCLESIAE E LUZ E VIDA

ESSA PUBLICAÇÃO TAMBÉM ESTÁ EM:

www.arqrio.org.br

¹Esse conjunto é equivocadamente chamado de Apocalipse de Isaías. Não se trata de textos apocalípticos, mas sim de textos escatológicos, que apresentam a palavra do profeta anunciando o juízo divino e a instauração de uma nova ordem. A apocalíptica é gênero literário muito específico, e só encontramos textos apocalípticos, no Antigo Testamento, dentro do livro de Daniel.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM - LITURGIA DIÁRIA - ANO A
11 DE OUTUBRO DE 2020

1ª Leitura - Is 25,6-10a
Salmo - 22

2ª Leitura - Fl 4,12.19-20
Evangelho - Mt 21,1-14

SEGUNDA-FEIRA

Dia 12 de outubro

1ª Leitura - Est 5,1b-2; 7,2b-3

Salmo - 44(45)

2ª Leitura - Ap 12,1.5.13a.15-16a

Evangelho - Jo 2,1-11

TERÇA-FEIRA

Dia 13 de outubro

1ª Leitura - Gl 5,1-6

Salmo - 118

Evangelho - Lc 11,37-41

QUARTA-FEIRA

Dia 14 de outubro

1ª Leitura - Gl 5,18-25

Salmo - 1,1-2. 3. 4.6

Evangelho - Lc 11,42-46

QUINTA-FEIRA

Dia 15 de outubro

1ª Leitura - Ef 1,1-10

Salmo - 97(98)

Evangelho - Lc 11,47-54

SEXTA-FEIRA

Dia 16 de outubro

1ª Leitura - Ef 1,11-14

Salmo - 32,1-2. 4-5. 12-13

Evangelho - Lc 12,1-7

SÁBADO

Dia 17 de outubro

1ª Leitura - Ef 1,15-23

Salmo - 8,2-3a. 4-5. 6-7

Evangelho - Lc 12,8-12

A Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Recordando os Ensinamentos de “*Marialis Cultus*” do Papa Paulo VI.

“Viva a Mãe de Deus e nossa, sem pecado concebida, Salve ò Virgem Imaculada, ò Senhora Aparecida (...)”



CARLOS MOULI

Por mais um lustro a Igreja em todo o Brasil se volta para o olhar materno e amoroso da Virgem Mãe de Deus. Em tempos rudes, de pandemias e sofrimentos, nossa prece se intensifica para que Ela, nossa Mãe, acuda a nação em busca de saúde, emprego e concórdia.

O Brasil acordou neste dia 12 de Outubro de 2020, ainda mais retumbante, munido com uma alegria particularmente filial e de intensidade límpida em relação à Beata Sempre Virgem Maria, cognominada Nossa Senhora Aparecida! No coração dos brasileiros e católicos urge cantar e louvar a Mãe do Senhor.

Já em plena Idade Média, São Bernardo. Cantor da Virgem! declarava com ênfase a urgência da Virgem do ‘Sim’:

Ó Virgem cheia de bondade, o pobre Adão, expulso do paraíso com a sua mísera descendência, implora a tua resposta; Abraão a implora, Davi a implora. Os outros patriarcas, teus antepassados, que também habitam a região da sombra da morte, suplicam esta resposta. O mundo inteiro a espera, prostrado a teus pés. Apressa-te, ó Virgem, em dar a tua resposta; responde sem demora ao Anjo, ou melhor, responde ao Senhor por meio do Anjo. Pronuncia uma palavra e recebe a Palavra; profere a tua palavra e concebe a Palavra de Deus; dize uma palavra passageira e abraça a Palavra eterna (São Bernardo).

Mas em tempos foscas e tão carregados de ideologias estranhas, de compromissos redutores (‘politicamente corretos’) que tanto afetam nossa

pregação e ação pública, e considerando, sobretudo, a urgente e a nobre tarefa do *Diálogo Ecumênico*, a pretexto da passagem de mais um lustro da Aparição brasileira da Virgem, não estaríamos extrapolando a identidade cristã ao considerarmos com tal ênfase o papel a *Virgem Maria*, e, não estaríamos colocando em perigo nossa verdadeira e imprescindível missão, o culto e seguimento exclusivo à Cristo?

De que maneira nosso culto e devoção à Virgem Maria, por ocasião e a propósito das celebrações da Virgem Aparecida nos colocam a necessidade de refletirmos sobre a validade de nosso comportamento pessoal (devoção) e eclesial (liturgia) em relação à *Mãe de Deus e nossa*? Onde encontraríamos alguns marcos modernos para avaliarmos serena e aprofundadamente estes questionamentos sobre a devida Devoção à Virgem?

Nosso intento é recordar após 46 anos (1974) o forte posicionamento mariológico do Papa do Concílio Vaticano II, em seu encaminhamento após a desaparecimento do saudoso Papa João XXIII, e que por isso, teve a difícil tarefa de acompanhar a sua justa recepção em tempos muito difíceis, de contestação e crise de identidades, o memorável Papa, São Paulo VI na Exortação Apostólica “*MARIALIS CULTUS*” (1974).

Queremos percorrer algumas passagens da Exortação Apostólica ‘*Marialis Cultus*’, que buscou esclarecer a presença da Virgem na Liturgia e na vida e prática devocional da Igreja, sem deixarmos de pensar também, na mensagem forte do Documento de Aparecida (2007)², expressão do Episcopado Latino Americano e do Caribe, em comunhão com toda a Igreja (presidido então pelo Santo Padre emérito, Bento XVI), que sugestivamente, foi celebrado nos ‘âmbitos’ da terra de Nossa Senhora da Conceição Aparecida:

Maria, Mãe de Jesus Cristo e de seus discípulos, tem estado muito perto de nós, tem-nos acolhido, tem cuidado de nós e de nossos trabalhos, amparando-nos, como a João Diego e a nossos povos, na dobra de seu manto, sob sua maternal proteção. Temos pedido a ela, como mãe, perfeita discípula e pedagoga da evangelização, que nos ensine a ser filhos em seu Filho e a fazer o que Ele nos disser (cf. Jo 2,5) Para o Cristianismo a veneração da Virgem Maria é um exercício filial desde as primeiras horas de sua existência, com matizes e tons diferentes em cada época, mas com igual intensidade e certeza de estar em sintonia com o Evangelho do Filho (pedagoga da evangelização)³.

I. MARIALIS CULTUS (Beato Papa Paulo VI – 02 de fevereiro de 1974)

Desde quando fomos assumidos para ocupar a Cátedra de Pedro, esforçamo-nos constantemente por dar incremento ao culto mariano, não apenas com o intuito de interpretar o sentir da Igreja e o nosso pendor pessoal, mas também porque ele, como é sabido, se insere, qual parte nobilíssima, no contexto daquele culto sagrado, em que vêm confluir a culminância da sapiência

e o vértice da religião, e que, por conseguinte, é dever primário do Povo de Deus⁴.

O Santo Padre, o Papa Paulo VI após o Concílio Vaticano II (1965), com diversas ordenações, incrementava o culto e a figura da Virgem, no momento em que, em nome de certa ‘centralidade’ cristológica, parecia necessário diminuir o brilho e a relevância do Culto à Santíssima Virgem Maria:

O desenvolvimento, por nós auspiciado, da devoção para com a Virgem Maria, inserida, conforme acima aludimos, no alveo do único culto que, com razão e justeza, é chamado “cristão”, pois de Cristo se origina e assume eficácia, em Cristo encontra completa expressão e por meio de Cristo, no Espírito, conduz ao Pai, é elemento qualificante da genuína piedade da Igreja. Por uma necessidade íntima, de fato, essa piedade reflete, na prática cultural, o plano redentor de Deus; pelo que, ao lugar singular que coube a Maria em tal plano, corresponde também um culto singular para com ela (LG 66); como, ainda, a todo o progresso autêntico do culto cristão segue-se necessariamente um correto incremento da veneração para com a Mãe do Senhor. De resto, a história da piedade demonstra que “as diversas formas de devoção para com a Mãe de Deus, que a Igreja aprovou, dentro dos limites da doutrina sã e ortodoxa” (LG 66) se desenvolvem em subordinação harmônica ao culto de Cristo, e gravitam à volta deste, qual ponto de referência natural e necessário das mesmas. Também na nossa época assim sucede. A reflexão da Igreja contemporânea, sobre o mistério de Cristo e sobre a sua própria natureza, levou-a a encontrar, na base do primeiro e como coroa da segunda, a mesma figura de mulher: a Virgem Maria, precisamente, enquanto ela é Mãe de Cristo e Mãe da Igreja. E o acrescido conhecimento da missão de Maria transmutou-se em veneração repassada de alegria, para com ela, e em respeito de adoração para com o sapiente desígnio de Deus, que colocou na sua família - a Igreja - como em todo e qualquer lar doméstico, a figura de uma mulher, que, escondidamente e em espírito de serviço, vela pelo seu bem e “benignamente» protege, na sua caminhada em direção à Pátria, até que chegue o dia glorioso do Senhor”⁵.

São Paulo VI chamava a atenção para ‘necessidade íntima’ de estabelecer relações sólidas entre o culto a Cristo, isto é, a Liturgia e a autêntica *devotio mariae* na Igreja. A saber, o lugar e as modalidades da Veneração à Virgem no conjunto do ano litúrgico, como também no conjunto dos atos devocionais, de popular e autêntica piedade mariana

Por uma necessidade íntima, de fato, essa piedade reflete, na prática cultural, o plano redentor de Deus; pelo que, ao lugar singular que coube a Maria em tal plano, corresponde também um

culto singular para com ela (LG 66); como, ainda, a todo o progresso autêntico do culto cristão segue-se necessariamente um correto incremento da veneração para com a Mãe do Senhor.

Nesta argumentação, Paulo VI afastava a *falácia* de uma concorrência indesejável entre o incremento da devoção mariana e a Fé em Cristo, seu Filho.

E se os anos 70 marcavam o intenso interesse ‘ecumênico’ oriundo do próprio Concílio, era preciso ao mesmo tempo, distinguir as coisas e atitudes autênticas que nos aproximavam uns dos outros e a ameaça (sempre real) da perda de elementos essenciais da *identidade católica*, silhueta imprescindível no estabelecimento de um sadio e correto diálogo com os irmãos da reforma. Eram tempos que, segundo Paulo VI, ‘podiam provocar em alguns uma desorientação momentânea’:

Nos nossos tempos, as mudanças que se operaram nos costumes sociais, na sensibilidade dos povos, nos modos de expressar-se da literatura e das artes e nas formas de comunicação social, influíram também sobre as manifestações do sentimento religioso. Certas práticas culturais, que em tempos não distantes pareciam aptas para exprimir o mesmo sentimento religioso dos indivíduos e das comunidades cristãs, aparecem hoje como insuficientes e inadequadas, porque ligadas a esquemas socioculturais do passado, ao mesmo tempo que, em muitas partes, se vão buscando novas formas expressivas da imutável relação das criaturas com o seu Criador, dos filhos com o seu Pai. Ora, isto pode provocar em alguns uma desorientação momentânea; no entanto, quem com espírito confiante em Deus, refletir sobre tais fenômenos, descobrirá que muitas tendências da piedade contemporânea, a interiorização do sentimento religioso, por exemplo, estão destinadas a concorrer para o progresso da mesma piedade cristã em geral, e da piedade para com a Virgem Santíssima em particular. Deste modo, a nossa época, no atender fielmente à tradição, e ao considerar atentamente os progressos da teologia e das ciências, contribuirá para o louvor daquela, a quem, segundo as suas proféticas palavras, haveriam de chamar bem-aventurada todas as gerações (Lc 1,48)⁶.

As mudanças no modelo da Igreja, isto é, as eclesiologias pós-Conciliares também apontavam para superações de exageros, era hora de deixar para trás as ‘*maríolatras*’, camufladas em comportamentos de resistências *tradicionalistas*, ao mesmo tempo em que se reinseria de modo inequívoco, através da fundamental Constituição Dogmática ‘*Lumen Gentium*’, a figura da Virgem, como ‘*Mãe e Modelo da Igreja*’.

O nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: «não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos (1 Tim. 2, 5-6). Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, havendo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece (LG 60).

A liturgia cristã, reorientada pela Constituição Dogmática ‘*Sacrosanctum Concilium*’ garantia, sem

peias um lugar adequado e digno da Virgem no conjunto do ‘Ano Litúrgico’, como se através do Mistério Pascal do Filho acedêssemos reciprocamente aos frutos do *Mistério Virginal da Mãe*, visitados e saboreados ao longo do Calendário anual:

Quando a Liturgia, depois, volve o seu olhar quer para a Igreja primitiva, quer para a contemporânea, aí encontra, amiúde e sem esforço, Maria: nos primórdios, como presença orante, juntamente com os Apóstolos;⁽²¹⁾ mais proximamente, como presença operante, juntamente com a qual a Igreja quer viver o mistério de Cristo: “Dai à vossa Igreja, unida a Maria na paixão de Cristo, participar da ressurreição do Senhor”;⁽²²⁾ além disso, como voz de louvor, juntamente com a qual quer glorificar a Deus: “...fazei-nos dóceis ao Espírito Santo, para cantar com ela o vosso louvor”;⁽²³⁾ e dado que a mesma Liturgia é um culto que exige um modo de proceder na vida coerente, nela se implora poderem os fiéis traduzir o culto à Virgem Maria, num amor bem concreto e sofrido pela Igreja, como admiravelmente propõe, a oração após a comunhão da festa de 15 de setembro: “...que, recordando as dores de Nossa Senhora, completemos em nós, para o bem da Igreja, o que falta à paixão do Cristo”⁷.

O Papa Paulo VI respeitava perfeitamente o ‘espírito do Concílio’, por isso expôs este aprofundamento amoroso e intenso sobre o culto e a devoção à Virgem Maria, na Igreja pós-Conciliar.

Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio (188). Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe (189). Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogênito de muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe (LG 64)

Arrefecer estes aspectos do *culto mariano* ou confiá-lo à simples *devotio* privada era ‘trair’ as exigências teológicas que se revelaram nos Desígnios Divinos, que em sua Sabedoria quis colocá-la no centro da *Encarnação Redentora do Cristo*, incumbindo-a de ‘*tarifa*’ (eis aqui a *Serva do Senhor!* Lc 1, 38) tão primordial, no *Sim* que modificou definitivamente os rumos da História (da Salvação) Humana!

Desejamos acentuar bem isto: o culto que a Igreja universal tributa hoje à Santíssima Virgem é derivação, prolongamento e acréscimo incessante daquele mesmo culto que a Igreja de todos os tempos lhe rendeu, com escrupuloso estudo da verdade e com uma sempre vigilante nobreza de formas. Da tradição perene, viva, em virtude da presença ininterrupta do Espírito e do contínuo dar ouvidos à Palavra, a Igreja do nosso tempo extrai motivações, argumentos e estímulo para o culto que presta à bem-aventurada Virgem Maria. E a própria Liturgia, que recebe do Magistério aprovação e alento, é expressão altíssima e documento probatório dessa mesma tradição viva⁸.

Uma questão foi ‘*bem acentuada*’ pelo Sumo Pontífice, a Igreja contemporânea ao Concílio, com todas as necessárias mudanças e renovamentos que teve que exercer presentes em ‘*Marialis Cultus*’, não se distanciou, nem traiu aquilo que ininterruptamente a *Igreja Apostólica* o fez desde os primórdios!

Mais ainda, não se pode ‘*exilar*’ a Memória da Virgem do contexto litúrgico. Ela pertence, com o devido mérito, à memória cristã da Salvação celebrada e atualizada no decorrer do Ano Litúrgico. Isso é uma exigência de compreensão e fidelidade ao Mistério de Cristo, verdadeiro Centro da Liturgia (*Per ipsum, et cum ipso, et in ipso*). O autêntico culto à Mãe se verifica como uma exigência que promana da excelência Salvífica do Filho Encarnado.

Além disso, São Paulo VI insistiu que a apreciação das virtudes humanas da Mãe por parte da Igreja, na Liturgia, compõe uma verdadeira ‘*escola*’ de catequese cristã, em vista do único seguimento ao Cristo.

Mas, ao passo que, na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cfr. Ef. 5,27), os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos. A Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo. Pois Maria, que entrou intimamente na história da salvação, e, por assim dizer, reúne em si e reflecte os imperativos mais altos da nossa fé, ao ser exaltada e venerada, atrai os fiéis ao Filho, ao Seu sacrifício e ao amor do Pai. Por sua parte, a Igreja, procurando a glória de Cristo, torna-se mais semelhante àquela que é seu tipo e sublime figura, progredindo continuamente na fé, na esperança e na caridade, e buscando e fazendo em tudo a vontade divina. Daqui vem igualmente que, na sua acção apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido por acção do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afecto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens (LG 65).

Pela apreciação da vida da Virgem, sempre em união com o Filho, aprendem-se as necessárias facetas do bom seguir a Cristo, no mundo. Pelos Mistérios da Mãe e pelos Méritos de Cristo somos inseridos no centro da história da Salvação, que é Cristo inteiro. Assim nos ensinou o Concílio:

A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça (LG 61)

A mesma ‘*Exortação Apostólica*’ insiste que, não somente o Culto litúrgico seja palco adequado à necessária e devida veneração à Mãe de Deus, mas se aprofunde e renove a *devotio Mariae* nas diversas instân-

cias de uma longa tradição filial e afetuosa, constante ao longo do caminho da Igreja. Imediatamente a dupla preocupação do Concílio. De um lado, posicionar o desenvolvimento da devoção popular no interior da mais profunda doutrina da Igreja, do outro, considerar a importância da devoção nas identidades particulares das Igrejas, formando um imenso tesouro para a Universidade Eclesial. A Virgem está inserida plenamente no âmbito do Mistério do Filho e a da Santíssima Trindade, da qual é Serva.

É evidente que aqui se buscou corrigir duas rotas, aquela que a separava e enclaustrava exclusivamente na imaginação e no afeto popular, sem perceber claramente a plena cidadania da Mãe de Deus, na Igreja, através dos vínculos místéricos. Do outro, insistindo com os ‘minimalistas’ em termos marianos, que de certa maneira, reduziam a relevância da figura da Virgem, em vista de engrandecer e centralizar aquela de Cristo:

Na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente d’Ele: foi em vista d’Ele que Deus Pai, desde toda a eternidade, a escolheu Mãe toda santa e a plenificou com dons do Espírito a ninguém mais concedidos. A genuína piedade cristã, certamente, nunca deixou de pôr em relevo essa ligação indissolúvel e a essencial referência da Virgem Maria ao divino Salvador (LG 66). Parece-nos, contudo, sobremaneira conforme com uma certa linha espiritual seguida na nossa época, dominada e absorvida pela “questão de Cristo”, que nas expressões do culto à Virgem Maria se dê um relevo especial ao aspecto cristológico e se envidem esforços no sentido de elas refletirem o plano de Deus, o qual preestabeleceu “com um só e mesmo decreto a origem de Maria e da Encarnação da divina Sapiência”. Isto concorrerá, sem dúvida, para tornar mais sólida a piedade para com a Mãe de Jesus e fazer dela um instrumento eficaz para que alcancemos todos “o pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem perfeito, a medida da plena estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Por outro lado, contribuirá isso também para aumentar o culto devido ao mesmo Cristo, porque, segundo o sentir perene da Igreja, refor-

çado autorizadamente nos nossos dias (LG 66), “é referido ao Senhor aquilo com que se procura agradar a Serva; desse modo, redundando em pro do Filho aquilo mesmo que é devido à Mãe... De tal sorte, transfere-se para o Rei aquela honra que, em humilde tributo, se presta à Rainha”⁹.

Chama à atenção a preocupação de São Paulo VI para que se incremente a piedade popular mariana sob sólidas bases bíblicas num esforço claro de ‘diálogo ecumênico’, de modo a afastar as dúvidas ou críticas ao sadio exercício de chama-la de Mãe de Deus, com todos os privilégios deste título:

A necessidade de um cunho bíblico em toda e qualquer forma de culto é hoje algo sentida, como um postulado geral da piedade cristã. O progresso dos estudos bíblicos, a crescente difusão das Sagradas Escrituras e, sobretudo, o exemplo da tradição e a íntima moção do Espírito, orientam os cristãos do nosso tempo para servir-se cada dia mais da Bíblia, qual livro fundamental de oração e para tirar dela genuína inspiração e modelos insuperáveis. O culto à bem-aventurada Virgem Maria não pode ser eximido a esta orientação geral da piedade cristã (DV 25); antes pelo contrário, deve ele inspirar-se particularmente em tal orientação, para adquirir novo vigor e dela tirar seguro proveito¹⁰

Concluo este breve passeio pela doutrina e a orientação dadas pela Exortação Apostólica de São Paulo VI (1974), com a esplêndida chamada de atenção para o estranho fenômeno de ‘desafeição’ à Virgem Maria em ambientes contemporâneos nos quais ela parece retrógrada e inadequada para as novas exigências e feições femininas. Não se pode esquecer que então, eram intensas as exigências do ‘feminismo’. Venerando:

Observa-se, na realidade, que é difícil enquadrar a imagem da Virgem Maria conforme resulta de certa literatura devocional, nas condições de vida da sociedade contemporânea, e em particular nas da mulher. E isso, quer a consideremos no ambiente doméstico, onde tanto as leis como a evolução dos costumes tendem justamente para lhe reconhecer a igualdade e a co-

-responsabilidade com o homem, na direção da vida familiar; quer a consideremos no campo político, onde ela conquistou, em muitos Países, um poder de intervenção na coisa pública, a par do homem; quer a consideremos, ainda, no campo social, onde ela desenvolve a sua atividade, nos mais variados setores operativos, deixando cada dia mais o restrito ambiente do lar; quer a consideremos, enfim, no campo cultural, onde lhe são proporcionadas possibilidades novas de pesquisa científica e de afirmação intelectual¹¹.

São João Paulo II retomará esta temática em ‘*Mulieris Dignitatem*’ (1988)¹².

Ao recordarmos alegremente, por mais um ano, a passagem da Memória de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, percorramos por caminhos verdadeiramente Eclesiais, uma longa tradição de Fé e de devoção autenticamente cristãs:

**Viva a Mãe de Deus e nossa,
Sem pecado concebida!
Salve, ó Virgem Imaculada,
Ó Senhora Aparecida!**

1. *Aqui estão vossos devotos,
Cheios de Fé incendiada,
De conforto e de esperança,
Ó Senhora Aparecida!*

2. *Lá no cimo do Calvário,
De tormentos combalida,
Jesus fez-Vos nossa Mãe,
Ó Senhora Aparecida!*

3. *A cumprir divinos planos,
Por Deus fostes escolhida,
Padroeira do Brasil,
Ó Senhora Aparecida!*

4. *Protegei a Santa Igreja,
Ó Mãe terna e estremecida,
Protegei a nossa Pátria,
Ó Senhora Aparecida!*

¹ São Bernardo nasceu em 1090, no Castelo de Fontaine, região de Borgonha, França. Em 1112, aos 22 anos, Bernardo entra na Abadia de Cister, também em Borgonha. Esta abadia era um mosteiro cisterciense fundado por São Roberto de Molesme. Foi então que Bernardo convenceu mais de trinta homens, irmãos, tios e vários amigos a entrarem para a ordem, causando enorme surpresa e alegria para a Abadia e para Santo Estevão Harding, abade sucessor do fundador São Roberto. Por que desejais reter aqui um homem tão miserável? Usai da misericórdia para comigo e deixai-me ir para Deus. Assim, São Bernardo falecia no dia 20 de agosto de 1153, aos 63 anos de idade. É sua a notória prece: “Lembra-vos, ó piíssima Virgem Maria, que jamais se ouviu dizer que algum daqueles que tem recorrido a vossa proteção, implorando o vosso auxílio, e reclamando o vosso socorro, fosse por vós desamparado. Animado, pois, com igual confiança, ó Virgem das virgens, como à Mãe recorro e de vós me valho e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro a vossos pés; não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus, mas dignai-vos de as ouvir propícia e me alcançar o que vos rogo. À vossa proteção recorreremos, Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita. Amém.

² “As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus amor e a tradição católica na vida e na cultura. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados e na piedade popular que expressa “o amor a Cristo sofredor,

o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação (...), o amor ao Senhor presente na Eucaristia (...), – o Deus próximo dos pobres e dos que sofrem, – a profunda devoção à Santíssima Virgem de Guadalupe, de Aparecida ou dos diversos títulos nacionais e locais” http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf n. 7.

³ http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf

⁴ Marialis Cultus, 1974. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

⁵ Marialis Cultus, 1974. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

⁶ Marialis Cultus, 1974. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

⁷ MC II: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

⁸ MC 15: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

⁹ MC 25: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

¹⁰ MC 25: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

[-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html)

¹¹ MC 34: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

¹² ‘A DIGNIDADE DA MULHER e a sua vocação — objeto constante de reflexão humana e cristã — têm assumido, em anos recentes, um relevo todo especial. Isso é demonstrado, entre outras coisas, pelas intervenções do Magistério da Igreja, refletidas nos vários documentos do Concílio Vaticano II, que afirma em sua Mensagem final: « Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire no mundo uma influência, um alcance, um poder jamais alcançados até agora. Por isso, no momento em que a humanidade conhece uma mudança tão profunda, as mulheres iluminadas do espírito do Evangelho tanto podem ajudar para que a humanidade não decaia ». As palavras desta Mensagem retomam o que já fora expresso no Magistério conciliar, especialmente na Constituição pastoral *Gaudium et Spes* [2] e no Decreto sobre o apostolado dos leigos, *Apostolicam Actuositatem*. Cf. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html

ANIMADORES PAROQUIAIS

- 12/10 - Lucia Gonçalves Covinha
- 13/10 - Maria Gracile F. Oliveira
- 13/10 - Maria da Penha Prudente

AMIGOS**11 DE OUTUBRO****São Bruno, O Grande**

- Alessandra dos S. Almeida
- Alex Cabral dos Santos
- Alice da Cunha Barros
- Ana Consuelo Vieira Munhoz
- Benedita Menino da Silva
- Candida Galeno Lima
- Clarinda de Jesus Fonseca
- Conceição Gonçalves de Sousa
- Delair Silva do Vale
- Diana Almeida de Freitas
- Dorotea Racca da Silva
- Elaine Moreira Alves
- Elia Teodoro
- Eva Maria Soares Cipriano
- Geraldo de Souza Pereira Junior
- Gleice Amaral Albino
- Gloria Regina Manhães P. Souza
- Jaci Araujo Cerqueira
- Jorgina de Oliveira Karl
- Jose Ronaldo Correa da Silva
- Leonilia Arminda Monteiro
- Luciana Cristina Montes Mota
- Luis Carlos Barreto
- Luis Eduardo da Silva Lima
- Luiz Claudio de Souza Ribeiro
- Marcos Antonio S. Santos
- Marcos Luiz Coimbra
- Margarida Ludovina de Sousa
- Maria Angelina L. Dias Pereira
- Maria Aparecida Carvalho
- Maria da Penha Silva Laurentino
- Maria da Piedade Ferreira
- Maria do Socorro do Nascimento
- Maria Helena Araujo Vieira
- Maria José de Santana Marinho
- Maria Joeseltes dos Santos
- Maria Rosa de Souza
- Maria Suely Lopes dos Santos
- Maria V. Lima Carvalhoza
- Moacyr Mesquita
- Patricia Cristina L. Campos
- Pedro Fernando Passos Peixoto
- Rita de Cacia Costa Brochado
- Rita de Cassia Aguiar Cabral
- Rosângela da Silva Melo Costa
- Solimar Cavalcanti Pessoa
- Sueli Baptista de Almeida
- Tatiane da Silva Amoedo
- Terezinha Dionisio da Silva
- Valdir Rodrigues Pereira
- Vera Lucia Cardoso Dantas
- Vilma Pinto de Magalhães
- Wanda de Oliveira C. Rocha
- Wellington I. Noronha Machado
- Zilda Martins dos Reis Flores
- Zilma Figueira Santana Campos

12 DE OUTUBRO**Nossa Senhora da Conceição Aparecida**

- América Beatriz Fernandes
- América de Oliveira Testa
- Ana Maria da Silva P. Freitas
- Carla Fernanda C. A. Gomes
- Carlos Henrique Antunes
- Deraldo da Silva Pereira
- Elisomar Oliveira da Silva

- Eni Sanches
- Eurides Américo Cardoso
- Glória Maria Salles
- Hozana Rodrigues Vieira
- Ivone Batista Bastos
- Jorge Luiz Januário de Castro
- José Augusto Musquiera
- Jovenilia Lopes do Nascimento
- Lara Barbosa Dias da Conceição
- Maria Alice de Oliveira Melitão
- Maria Aparecida Alves
- Maria Aparecida V. dos Santos
- Maria de Lourdes F. Matheus
- Maria de Oliveira Silva
- Maria Dias
- Maria José Ramos Ferreira
- Maria Moraes de Lima
- Maria Paulino de Oliveira Alonso
- Marilena G. Almeida Braga
- Marisa Castro da Silva Riscado
- Marlene de Sá Cardoso
- Nerusa Barbosa Siqueira
- Nilson Conceição de Souza
- Noeme Maria Felix
- Paulo Ferreira da Silva
- Rosinete dos Santos Borges
- Sandra Leite da Silva
- Solange da Silva
- Ubirajara Cruz
- Vanderlei de Oliveira
- Vanderlucia Santana Tofani
- Victor Louzada Ferreira Arcanjo
- Welson Nunes da Silva

13 DE OUTUBRO**Santo Eduardo**

- Alvim Chaves e Mello
- Antonio Netto Monteiro
- Arlete Gomes da Silva
- Aurelia Maria Rodrigues Silva
- Claudia de Fátima F. Neves
- Claudio de Moraes Carvalho
- Cleide Duarte Dias
- Doroteia N. Souza Araujo
- Eduarda Rosa dos Santos
- Eduardo da Silva
- Fátima Cristina G. Santos
- Fátima Jurema Lima de Andrade
- Florinda Gradina Belmiro
- Helois Christina Pereira Briggs
- Ildete Miranda Pontes
- Iolanda da Silva
- José Luis Franco Costa
- Josélia Cruz Silva
- Léa Coelho Ferreira
- Ludmila Serejo Miranda Costa
- Marcia Luzia Bromonschenkel
- Maria Cristina Valeria de Oliveira
- Maria das Neves Oliveira da Silva
- Maria de F. Rocha Cardoso
- Maria José Silva
- Maria Josenilde de Santana
- Maria Tereza C. Santos
- Regina Lucia Villote
- Rosalina de Oliveira Carvalho
- Sonia Maria dos Santos Sampaio
- Sonia Regina da Veiga Costa
- Tarcisio Andreas Jansen
- Tereza Maria da Silva Dantas
- Valdira Rodrigues de Faria
- Zelia Oliveira de Sousa

14 DE OUTUBRO**São Calixto I**

- Adelaide de Castro Barbosa

- Adélia Miguel de Oliveira
- Alessandra S. Carvalho Meili
- Andresa Vieira de Mattos
- Antônio Francisco da Silva
- Antônio Mariano Ramos Saúde
- Célia Maria S. Santos Correia
- Cordelia Lopes da Costa
- Creuza França e Silva
- Elisângela das Graças Araujo
- Elza Luiza Laureano
- Freder Williams P. Martins
- João Carlos Amorim Torres
- José Carlos Caracoci da Silva
- Joventina de Salles Pereira
- Julia Emilia Rocha
- Katia Regina S. Cardoso Silva
- Leci Silva Mesquita
- Leila Baptista Mattos
- Leonardo Souto Garcia
- Lorici Aparecida F. Sousa
- Magda Maria Fernandes
- Maria Aparecida de F. Pereira
- Maria Carmen Serrer Berquo
- Maria C. Oliveira Coelho
- Maria da Glória F. de Oliveira
- Maria da Graça F. C. da Silva
- Maria de F. Sotero Fernandes
- Maria de Lurdes F. Francisco
- Maria Helena Paes
- Marie Louise Thuronyi
- Marlene da Roza Cipriano
- Neide Ferreira Pinto
- Nilda Pereira Gonçalves
- Nilda Vianna Barreto
- Orlando Ferreira Brito Junior
- Patrícia Buarque V. Galhardo
- Robson da C. Santos Ribeiro
- Rosali Maria dos Santos Santos
- Rose Mary dos Reis Câmara
- Rosemary Rodrigues Cruz
- Ruth Bogado Monteiro
- Sandra Lucia Santos Pereira
- Terezinha Alves da Silva
- Terezinha P. Jesus Marques
- Ulcinea Matheus Silvestre
- Valeria Feitosa da Silva
- Valter Francisco da Luz Filho

15 DE OUTUBRO**Santa Teresa de Ávila**

- Aenir Galvão
- Albertina Lopes Ribeiro
- Alcemar Nunes da Silva
- Alcides de Paula Braga Filho
- Ana Maria Pereira
- Antônia F. Barbosa Franco
- Barbara de Souza F. Amorim
- Carlos de Araujo
- Cecília Fernandes de Oliveira
- Célia Simões
- Cesar Augusto Fonseca Roza
- Cícero Alfredo Nascimento
- Cristiana Valéria de S. Ricardo
- Doralice Alves Teixeira
- Edice Ferreira
- Edson da Silva Costa
- Elisa dos Anjos Afonso
- Ely Lourenço Moreira
- Emy Kupler da Silva
- Eneida Dionisio Manoel
- Heliana Simas Baeta Neves
- Iowanda de A. Mendes Correa
- Ivone Maria da Silva Gabriel
- Joaquim Eduardo Pereira
- Joelma Estevo Fernandes
- Jubelina Fernandes Rodrigues

- Katia Maria Cardoso Rodrigues
- Leonor Ângela F. Silva Barros
- Luis Diegues Fernandes
- Marcia Cristhyne Serejo Braz
- Marcos Antônio de Sousa
- Maria da Glória Vieira
- Maria Geralda Guerra
- Maria José Nunes Bastos Curty
- Maria Luiza Pereira
- Maria M. Oliveira Garcia
- Maria P. Freitas Vulgo Fátima
- Maria Ruth da Silva
- Marinez Custodio de Lima
- Marlene Pereira de Azevedo
- Marli Marques de Oliveira
- Maura Lopes da Silva Pereira
- Monique Ferreira de Almeida
- Neide Soares Lima
- Osdiva Rodrigues de Oliveira
- Paulo Cesar Candido Bastos
- Rafael F. Sattamini Duarte
- Rita Lacerda
- Sérgio Lazarini
- Suely de Almeida Castro
- Teresa Bruno
- Teresinha de C. F. Pereira
- Tereza Araujo Nascimento
- Tereza Gomes da Silva
- Terezinha de Barros Lobo
- Therezinha Barboza Gama
- Vilma Bastos Reis

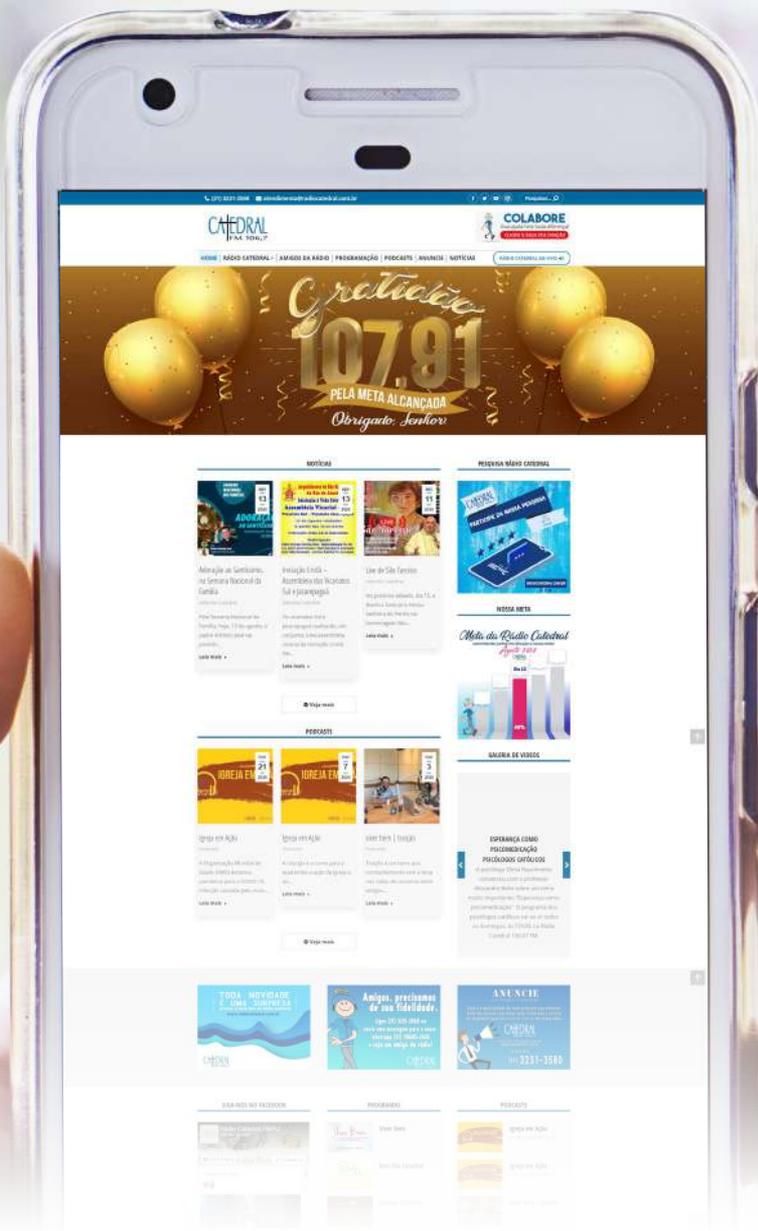
16 DE OUTUBRO**Santa Edwiges**

- Acineia Peixoto J. Corrêa
- Adriana F. Santos Bichão
- Aida Mantuano Sales
- Alexandre Barbosa Feitoza
- Athyde Campos de Oliveira
- Bianca Michelle de Souza Cruz
- Carmen Lucia Q. Ferreira
- Carmen Lucia Rodrigues Ferreira
- Cecília Farias de Albuquerque
- Débora Albuquerque Tavares
- Domingos H. Guimarães Bulus
- Edmilson Pio Sabino
- Edvigis Hilario Vieira
- Eliane Maria Batista da Cruz
- Eronidina Nascimento Barboza
- Eva Coletto
- Evangelina das G. Silva Lemos
- Francisca L. Silva de Oliveira
- Georgina de Oliveira Pereira
- Hebe Fonte Fonseca
- Iracilda Vieira Barros
- Ivanilda Silva do Nascimento
- Ivone dos Santos Dilma de Luna
- Izabel Abade Purcino
- Jane Fátima Carvalho Judice
- Joaquina R. Silva Pinheiro
- Leda Marlene de Souza
- Leusula Silveira Gomes
- Luciano Gomes da Silva
- Lucilia da C. Esteves Pereira
- Luiza Helena Rezende Machado
- Manoel Pereira dos Santos
- Marcia Martins de Barros Neto
- Marcos V. D. D'Oliveira Ramos
- Margarida M. Araujo Santos
- Maria A. Souza Feliciano
- Maria Cristina Novabo Ibiapina
- Maria Dalca Botelho de Oliveira
- Maria das Graças R. C. Mello
- Maria de Fátima Felix Vieira
- Maria de Fátima M. Martins
- Maria de L. N. Rodrigues

- Maria do Carmo
- Maria Fernanda H. Monteiro
- Maria Gabriela Barbosa Teixeira
- Maria José da Silva Novaes
- Maria Paranhos dos Santos
- Monica da Costa Fonseca
- Neuza Maria Ribeiro Gonçalves
- Regina Crivano Reis Werneck
- Rita de Elizier Barcellos Liborio
- Romildo Luis Martins Santos
- Rosana do Rosário da Cruz Lima
- Sonia Maria Barbosa Chagas
- Sueli Souza Passos
- Teresa Maria de Jesus
- Thiago Dantas Rodrigues
- Vilma Teresa F. Barbosa
- Virginia de A. Silva Bezerra
- Zelia Bastos G. C. de Miranda

17 DE OUTUBRO**Santo Inácio de Antioquia**

- Adalgisa Pontes Rocha
- Adenair Torres da Silva
- Alexandre Mattos Luiz
- Alice Fernandes dos Santos
- Andrea Maria V. Salgado Ferreira
- Andrea Pires Carneiro
- Antônio Francisco de Assis
- Antonio José de Carvalho
- Carmen Botelho Marinho
- Celestina da Silva Camacho
- Celina Silva de Magalhães
- Cleusa Moreira F. dos Santos
- Debora Marques da Paz
- Dinah Maria Augusto
- Diocy de Jesus Pereira Mendes
- Edelvigie Paula Vieira
- Eugenia da C. A. Baptista
- Fátima Regina Revoredo da Silva
- Fernanda Martins da Costa
- Francisco Ciro Bento
- Helenice Rangel Esteves
- Hezilandio Pires Xavier
- Ivete Ribeiro dos Santos
- Jaqueline de Sales Carvalho
- Jaqueline Vieira Mendes
- José Nicefuro Correa
- Lucia da Costa
- Lucinda Rodrigues da Silva
- Luiz Claudio Oliveira da Silva
- Margarida Maria D. Oliveira
- Margarida Maria L. Chaves Silva
- Margarida Martins Figueiredo
- Maria da Silva Cipriano
- Maria de N. Montojas Tacques
- Maria do Carmo Cardoso
- Maria do C. Couto de Amorim
- Maria Gertrudes Parreira
- Maria José de Oliveira
- Maria Thereza C. Candreva
- Maria Vanilda Menezes Oliveira
- Marlos Augusto Alves Alfradique
- Mauricio Damazio dos Santos
- Olívia Maria da Silva
- Ormindia de Barros
- Paulo Roberto da Silva Caeiro
- Regina Helena Nunes Loureiro
- Regina Maria Hille
- Regina Maria Lima
- Rita de Cassia Souza Sá
- Rosângela Santos de Oliveira
- Sandra Mariusa J. Fernandes
- Sonia Maria da Silva
- Vera Lucia dos Santos Aguiar
- Vera Lucia Vieira de Araujo
- Vilma Joesettini da Silva Maia
- Wanderley Santos de Oliveira
- Zeni Antunes da Silva



Indique um Amigo

**VOCÊ, QUE É UM
AMIGO COLABORADOR
DESTA OBRA DE
EVANGELIZAÇÃO,
INDIQUE UM AMIGO
PARA FAZER PARTE
DESTA FAMÍLIA.
ABRACE ESTA IDEIA E**

**LIGUE:
(21) 3231-3560**

Atualização de Cadastro

Amigos, precisamos de vocês

Faça sua atualização cadastral



Tel: (21) 3231-3560

Wpp: (21) 96611-4451

E-mail: atendimento@radiocatedral.com.br

Rede Social: fb.com/catedralfmrj

A nova encíclica social 'Fratelli tutti'



O Santo Padre escolheu lugar pequeno, de recolhimento, mas visitado todos os anos por milhares de pessoas dos quatro cantos da terra. Na tarde do dia 3 de outubro, na cripta da Basílica inferior, em Assis, o Papa Francisco celebrou missa e no final, no túmulo de São Francisco, assinou a sua terceira encíclica, “Fratelli tutti”, dedicada à fraternidade e à amizade social, valores imprescindíveis para restaurar a esperança e o impulso a uma humanidade ferida também pela pandemia da Covid-19.



Artigos:

Orani João, Cardeal Tempesta, O. Cist.

Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro

A nova encíclica social 'Fratelli tutti' (I)

O Papa Francisco publicou neste dia 4 de outubro, memória de São Francisco de Assis, neste ano celebrando o 27º domingo do tempo comum, uma nova Encíclica social sobre a fraternidade e a amizade social. Ele a assinou neste sábado, dia 3, na Basílica inferior de São Francisco, em Assis. Ela se inicia com as palavras do pobrezinho de Assis, em italiano: “Fratelli tutti” (*Admoestações*, 6, 1): “Todos irmãos”, em português.

Logo no início, como ocorre em todas as encíclicas, o Papa lhe dá o título e expõe sinteticamente o seu grande objetivo: “FRATELLI TUTTI”: escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, ‘o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si’ (*Admoestações*, 25: o. c., 175). Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar a todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita” (n. 1).

O desejo do Santo Padre não é senão o de fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade (cf. n. 8). Embora não pretenda resumir de modo total a doutrina sobre o amor fraterno, quer deter-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos; por isso, é dirigida a todas as pessoas de boa vontade (cf. n. 6).

Confessa o Papa que o estímulo para escrever a “Fratelli tutti” nasceu de um muçulmano. São palavras do Sumo Pontífice: “Senti-me especialmente estimulado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem



me encontrei, em Abu Dhabi, para lembrar que Deus ‘criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos’ (Francisco – Ahmad Al-Tayyeb, *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (Abu Dhabi 4 de fevereiro de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 05/II/2019), 21). Não se tratou de mero ato diplomático, mas duma reflexão feita em diálogo e dum compromisso conjunto. Esta encíclica reúne e desenvolve grandes temas expostos naquele documento que assinamos juntos. E aqui, na minha linguagem própria, acolhi também numerosas cartas e documentos com reflexões que re-

cebi de tantas pessoas e grupos de todo o mundo” (n. 5).

E por que, depois da *Laudato Si*, inspirada em São Francisco de Assis, o Santo Padre se volta novamente para ele ao tratar da fraternidade e da amizade social, tema tão central ao cristianismo? – Uma vez mais, o próprio Papa explica que foi por ver na vida do Santo de Assis um fato que dá a cada ser humano exemplo grandioso. Ei-lo: “Na sua vida, há um episódio que nos mostra o seu coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião: é a sua visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito. A mesma exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, aos poucos recursos que possuía, à distância e às diferenças de língua,

cultura e religião. Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes ‘entre sarracenos e outros infiéis (...), não façais litígios nem contendias, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus’ (São Francisco de Assis, *Regra não bulada dos Frades Menores*, 16, 3.6: *Fonti francescane*, 42-43). No contexto de então, era um pedido extraordinário.

É impressionante que, há 800 anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma ‘submissão’ humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé” (n. 3).

Antes de prosseguir na leitura e no compartilhamento de trechos da encíclica em foco, desejo lembrar um ponto essencial que – de modo explícito ou implícito – se acha presente no documento pontifício. Trata-se do fato de que, segundo a natureza, todos somos filhos de Deus; há uma pertença de cada um dos seres humanos à fraternidade universal. Realçar isso numa Encíclica já era – segundo fontes fidedignas – desejo do Papa Pio XI, pois essa doutrina – como hoje – se fazia importante no período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) no qual ideologias anticristãs – nazismo, fascismo e comunismo – se arvoravam como falsas soluções aos problemas humanos. Vejamos esse ponto que, por certo, muito ajudará cada um(a) a melhor entender o substrato teológico da abarcativa e oportuna “Fratelli tutti”.

A teologia reconhece que, além da *filiação divina sobrenatural* – dada a cada um de nós pelo Batismo, que nos possibilita, de modo pleno, o consórcio com Deus já aqui na terra e, depois, na eternidade feliz – há a *filiação natural* que nos faz todos irmãos, pois filhos do mesmo Pai. Duas citações vêm a propósito. A primeira é de Dom Estêvão Bettencourt, OSB, afamado teólogo brasileiro, a afirmar o seguinte: “Todo ser humano, pelo fato de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, é filho de Deus. Os vestígios desta filiação se encontram na realidade mesma do ser humano: em todos existe a sede do Infinito ou do Absoluto (muitas vezes mal entendido), todo homem pode reconhecer Deus como o Autor deste mundo e Pai da sua vida. Com outras palavras: todo homem aspira a algo de melhor do que aquilo que ele tem... aspira ao Bem que não se acaba, embora nem sempre saiba como atingir este Bem. Tais são as

marcas do Criador ou de Deus, que se imprimem em toda criatura feita à imagem do Pai celeste”.

“Mais ainda: todo homem tem em si a capacidade de cultivar as quatro virtudes cardeais, que ajudam a atingir o Fim Supremo ou a caminhar corretamente neste mundo: – a prudência, que sabe escolher os meios que levam ao fim e sabe evitar os obstáculos que a ele se oponham; – a justiça, que procura dar a cada um o que lhe compete; – a fortaleza, que robustece a vontade para que enfrente e supere os desafios da vida cotidiana; – a temperança, que modera os apetites da pessoa e a torna equilibrada entre os atrativos da vida presente. O homem que assim vive pode chegar a um certo grau da perfeição, fazendo muitos esforços para tanto. Era essa perfeição meramente humana que os filósofos estoicos gregos e romanos desejavam alcançar mediante a prática da apatia (isenção de paixões), prática esta que os próprios estoicos julgavam muito difícil de ser sustentada. Todavia, é de notar que, mesmo antes de Cristo, podiam alcançar a salvação os homens e as mulheres que não conheciam o verdadeiro Deus sem culpa própria, mas viviam corretamente, seguindo os ditames de sua consciência cândida e sincera, julgando, com certeza subjetiva, que o erro era a verdade” (*Pergunte e Responderemos* n. 547, janeiro de 2008, p. 10-11).

Também Dom Amaury Castanho, 3º. bispo diocesano de Jundiá- SP, já falecido, oferece-nos importante reflexão ao escrever, à luz de Gênesis 1-2, que “todos os homens pertencendo à mesma espécie humana e descendendo de um só casal, segue-se, por natural consequência, que todos somos fundamentalmente iguais e irmãos entre nós. Nada, portanto, justifica o racismo ou qualquer tipo de discriminação entre os homens. As diferenças são acidentais, secundárias, devendo ser superadas pela solidariedade e fraternidade universais. Entre indivíduos e povos somente deveria haver diálogo e entreajuda, jamais ódios e guerras, jogando-se irmãos

contra irmãos. Isso não está no plano de Deus. A fraternidade deve traduzir-se em gestos cotidianos de serviços e delicadezas” (*Iniciação à leitura da Bíblia*. 5ª ed. Aparecida: Santuário, 2007, p. 45). Perguntaria, talvez, alguém aqui: aquele bispo teria intuído, naquele tempo, o que o Papa Francisco escreveria agora? Afinal, na transcrição que fiz, Dom Amaury parece, a seu modo, sintetizar a “Fratelli tutti”... Não é nada disso. Propus esta citação para deixar muito claro aos leitores que o tema abordado hoje pelo Santo Padre é, em sua essência, pertencente ao patrimônio da nossa fé católica.

Sim, foi publicado, em 1995, o livro *L'Encyclique cachée de Pie XI* (A encíclica oculta de Pio XI. Editions La Découverte. Paris 1995. p. 320 pp.), da autoria de Bernard Suchechky, historiador judeu, e do padre Georges Passelecq, beneditino belga que trabalhou na Resistência ao nacional-socialismo e foi vice-presidente da Comissão Nacional Belga para as Relações com Povo Judeu. Eles apresentam, no referido livro, o texto de um esboço de Encíclica de Pio XI sobre antissemitismo, esboço que nunca foi ulteriormente elaborado e, por isto, também não publicado. Tal Encíclica devia começar pelas palavras *Humani Generis Unitas* (A Unidade do Gênero Humano). Contudo, aquele Pontífice faleceu na noite de 9 para 10 de fevereiro de 1939, deixando-nos apenas o esquema do documento.

Como quer que seja, os dois renomados historiadores, afirmam que “a intenção dominante do texto era colocar as bases filosóficas, científicas e teológicas da unidade do gênero humano; todos os homens têm a mesma origem; por conseguinte, são iguais entre si; daí serem perversas as discriminações de ordem racial, religiosa, econômica, etc. [...]. O racismo é condenado como contrário à unidade do gênero humano e como avesso à liberdade e à dignidade da pessoa humana”. Além da forte defesa dos judeus perseguidos pelo nazismo, o esboço do documento se volta para outros pontos fundamen-

tais: *Unidade da estirpe humana*: “A unidade do gênero humano pausa, em primeiro lugar, sobre um fundamento que é a natureza humana comum a todos” (n. 72). *Mistério do Sangue*: “O sangue e o parentesco de sangue fundamentam a realidade da comunidade dos homens... ligam todos os homens entre si por aquilo que eles têm de mais profundo, a saber: as suas relações com Deus” (n. 75). *Racismo*: “A teoria e a prática do racismo, distinguindo raças superiores e inferiores, ignoram o vínculo da unidade, cuja existência está demonstrada” (n. 112). O Papa Pio XII usou fragmentos desse rascunho de seu antecessor, principalmente os concernentes à unidade do gênero humano, em sua encíclica inaugural do pontificado, a *Summi Pontificatus*, de 20/10/1939 (cf. *Pergunte e Responderemos* n. 407, abril de 1996, p. 159-163).

Que assentimento o fiel católico é chamado a dar a essa importante encíclica? – Aquele que nos recomenda a Mãe Igreja na *Lumen Gentium*: a religiosa submissão da vontade e do entendimento no que ela traz do magistério autêntico (fé e moral). Diz textualmente o documento conciliar citado: “Esta religiosa submissão da vontade e do entendimento é por especial razão devida ao magistério autêntico do Romano Pontífice, mesmo quando não fala *ex cathedra*; de maneira que o seu supremo magistério seja reverentemente reconhecido, se preste sincera adesão aos ensinamentos que dele emanam, segundo o seu sentir e vontade; estes manifestam-se sobretudo quer pela índole dos documentos, quer pelas frequentes repetições da mesma doutrina, quer pelo modo de falar” (LG, 25).

Dito isso, a título de oportuno pano de fundo da encíclica “Fratelli tutti”, será muito importante o aprofundamento dos temas que o Papa Francisco desenvolve e atualiza com relação às questões sociais em seus longos capítulos. Que isso estimule a leitura integral e a reflexão profícua deste novo documento que vem integrar a rica Doutrina Social da Igreja.

A nova encíclica social '*Fratelli tutti*' (II)

A nova encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, do Papa Francisco – que se inicia com as palavras de São Francisco de Assis: “Fratelli tutti”, em italiano, “Todos irmãos”, em português – foi publicada no domingo passado: são oito densos capítulos.

No Capítulo I, intitulado “As sombras de um mundo fechado” (n. 9-55), o Santo Padre expõe, sem pretender ser exaustivo, algumas tendências do mundo atual que atrapalham ou mesmo impedem a fraternidade universal. Eis suas palavras: “Sem pretender efetuar uma análise exaustiva nem tomar em consideração todos os aspetos da realidade que vivemos, proponho apenas manter-nos atentos a algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento

da fraternidade universal” (n. 9). E quais são essas sombras?

São muitas: as regressões na história que reacendem conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos, ideologias egoístas, nacionalistas e fechadas ao próximo (cf. n. 11 e 37); o mundo globalizado que se desinteressa pelo bem comum e, por isso, em vez de aproximar, afasta as pessoas. “O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes econômicos transnacionais que aplicam o lema

“Divide e reinarás” (n. 12); parece reinar um “desconstrucionismo”, em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero. De pé, deixa apenas a necessidade de consumir sem limites e a acentuação de muitas formas de individualismo sem conteúdo [...]. Para isso, precisam de jovens que desprezem a história, rejeitem a riqueza espiritual e humana que se foi transmitindo através das gerações, ignorem tudo quanto os precedeu” (n. 13); perde-se, assim, a identidade espiritual e social com seus grandes conceitos norteadores; semeia-se o desânimo e a polarização, especialmente no campo político. Nesse contexto, “a política deixou de ser um debate saudável sobre projetos a longo prazo para o desenvolvimento de todos e o bem comum, limitando-se a receitas efêmeras de marketing

cujo recurso mais eficaz está na destruição do outro” (n. 15). Também os defensores do meio ambiente ou da “casa comum” são ridicularizados (cf. n. 17).

Ainda: a “cultura do descarte” é denunciada com ênfase: “no fundo, as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se ‘ainda não servem’ (como os nascituros) ou ‘já não servem’ (como os idosos). Tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício, a começar pelo alimentar, que aparece entre os mais deploráveis. A falta de filhos, que provoca um envelhecimento da população, juntamente com o abandono dos idosos numa dolorosa solidão, exprimem implicitamente que tudo acaba conosco, que só contam os nossos interesses individuais” (n.



18-19). Não deixa o Papa de lembrar ainda os baixos salários a prejudicar os mais vulneráveis que por vezes prescindem do necessário para viver (cf. n. 20-21); os direitos humanos não são iguais para todos, as mulheres sofrem preconceitos e uma nova forma de escravidão atinge a não poucas pessoas em várias partes do mundo. Usam-se para se seduzir mulheres e crianças as redes sociais e desse tráfico de pessoas surgem gravidezes e, por conseguinte, abortos (cf. n. 23-24).

Temos ainda as guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos e tantas afrontas contra a dignidade humana; o etnocentrismo, ou seja, tudo o que vem do outro ou de um grupo diferente do meu é suspeito ou não aproveitável (cf. n. 25-27); nesse cenário, surge o crime organizado ou as máfias. São palavras do Papa: “A solidão, os medos e a insegurança de tantas pessoas que se sentem abandonadas pelo sistema, fazem com que se crie um terreno fértil para as máfias. Com efeito, estas impõem-se apresentando-se como ‘protetoras’ dos esquecidos, muitas vezes através de vários tipos de ajuda, enquanto perseguem os seus interesses criminosos” (n. 28 e 38).

Há ainda uma obsessão pelo próprio bem-estar que os demais são esquecidos; apareceu também a Covid-19 que poderá ajudar a humanidade a repensar o seu futuro e trocar o exagero do “eu” pela grandeza do “nós” (cf. n. 31-35); no campo virtual, tem-se um paradoxo: as pessoas podem perder sua intimidade expondo-se, mas também há o isolamento de quem troca o virtual pelo real e é nas redes sociais que, quase sempre, surgem ofensas contra o próximo. É preciso romper essas barreiras e encontrar-se, de fato, com o outro na sã convivência (cf. n. 42-50). O Santo Padre conclui o capítulo com uma mensagem alentadora: “Convido à esperança que ‘nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de

vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna’ (*Discurso no encontro com os jovens do Centro Cultural Padre Félix Varela* (Havana – Cuba 20 de setembro de 2015): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 24/IX/2015), 9.). Caminhemos na esperança!” (n. 55).

No Capítulo II, intitulado “Um estranho no caminho” (n. 56-86), o Papa Francisco deixa – como ele mesmo afirma – as respostas às questões levantadas no Capítulo I para refletir sobre a conhecida parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37). Eis as palavras do Sumo Pontífice: “Com a intenção de procurar uma luz no meio do que estamos a viver e antes de propor algumas linhas de ação, quero dedicar um capítulo a uma parábola narrada por Jesus Cristo há dois mil anos. Com efeito, apesar desta Encíclica se dirigir a todas as pessoas de boa vontade, independentemente das suas convicções religiosas, a parábola em questão é expressa de tal maneira que qualquer um de nós pode deixar-se interpelar por ela” (n. 56). Em se tratando de um texto bíblico apto a despertar profundas reflexões, convido a cada um(a) a lê-lo e meditá-lo com vagar e, em seguida, tomar o capítulo II da “*Fratelli tutti*” e sentir-se desafiado pelas reflexões do Papa.

Sem “estragar” o gosto de beber na própria fonte da encíclica, chamo a atenção para alguns pontos mais interpeladores. O primeiro é a síntese “atualizada” que Francisco oferece da parábola ao escrever: “A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próxi-

mos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola advertimos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências iniludíveis da realidade humana” (n. 67). Nessa passagem bíblica, “já não há distinção entre habitante da Judeia e habitante da Samaria, não há sacerdote nem comerciante; existem simplesmente dois tipos de pessoas: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo” (n. 70). E, recorrendo aos Santos Padres, vai além: “São João Crisóstomo expressou, com muita clareza, este desafio que se apresenta aos cristãos: ‘Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez’ (*Homiliae in Matthaëum*, 50, 3-4: PG 58, 508)”.

Depois, vem outro problema: Quem é o meu próximo? – pergunta o jovem a Jesus. Daí uma explicação: “Importa notar que para os israelitas só era considerado ‘próximo’ dois pastores que se associam (*re’á*), os amigos, os sócios, os compatriotas, pois eles não deviam se misturar com outros (cf. Lv 19,19). O estrangeiro, salvo se fosse um oficial romano, não tinha valor algum. Ninguém era obrigado a ajudá-lo. Certo é que em Lv 19,34 e Dt 10,19 é preceituado o amor ao estrangeiro, porém não a qualquer um, mas, sim, apenas, ao estrangeiro domiciliado em Israel e, de certo modo, assimilado, por adoção ao povo de Israel (*ger*). Eis, pois, um importante pano de fundo da parábola” (*Recorramos a Santa Gertrudes de Helfta*. São Paulo: Cultor de Livros, 2019, p. 81 – nota 42). Dito isso, notemos – com o Papa – que tal mentalidade foi se abrindo no próprio Antigo Testamento (cf. Tb 4,15; Sir 18,13 etc.), mas só ganha contornos claros no Novo Testamento (cf. Mt 7,12; Mt 5,45; Lc 6,36; 1Ts 3,12 etc.).

Ao olhar, no entanto, o sacerdote, o levita e o samaritano, somos confrontados. Daí a indagação firme do Santo Padre: “Com quem te identificas? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles te assemelhas? Precisamos de reconhecer a tentação que nos cerca de se desinteressar dos outros, especialmente dos mais frágeis. Digamos que crescemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas. Habitamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima” (n. 64).

Nós, como o Bom Samaritano, “gozamos dum espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejamos parte ativa na reabilitação e apoio das sociedades feridas” (n. 77). E mais: fazer tudo por amor de Deus, ou seja, sem esperar recompensa humana alguma: “O samaritano do caminho partiu sem esperar reconhecimentos nem obrigados. A dedicação ao serviço era a grande satisfação diante do seu Deus e na própria vida e, conseqüentemente, um dever. Todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da terra. Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano” (n. 79). Cristo está nos abandonados e excluídos (cf. Mt 25,40.45).

Aprendamos, pois, a olhar os problemas de nosso tempo e a enfrentá-los por amor de Deus que é também amor ao próximo. Ambos são indissociáveis, pois ninguém consegue amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê (cf. 1 Jo 4,20-21). Peçamos a graça de uma fé que opera pela caridade (cf. Gl 5,1-6) perante todos os necessitados que o Senhor coloca em nosso caminho a fim de que lhes sejamos também bons samaritanos do século XXI.



A nova encíclica social 'Fratelli tutti' (III)

Reflitamos sobre os Capítulos 3 e 4 da nova Encíclica “Fratelli tutti”: a fraternidade e a amizade social, do Papa Francisco. Espero despertar em cada um o gosto pela leitura integral desse precioso documento.

Recordo, a título de contextualização, que no Capítulo I, intitulado “As sombras de um mundo fechado” (n. 9-55), o Santo Padre expôs algumas tendências do mundo atual que atrapalham ou mesmo impedem a fraternidade universal. Deixou de lado, por um tempo, esses questionamentos para iluminar sua reflexão com a parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37). Eis que, agora, no Capítulo III, cujo título é “Pensar e gerar um mundo aberto” (n. 87-127), o Papa como que se volta para as respostas aos desafios por ele recolhidos no Capítulo II. Acompanhemos com atenção.

É preciso amar de verdade e concretamente, diz o Papa: “O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude ‘a não ser no sincero dom de si mesmo’ (*Gaudium et spes*, 24) aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: ‘Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que comunico com o outro’ (Gabriel Marcel, *Du refus à l’invocation* (Paris 1940), 50). Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que ‘a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações

e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte’ (Francisco, *Alocução do Angelus* (10 de novembro de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 12/XI/2019), 3)” (n. 87). Aliás, a) “o individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a Humanidade” (n. 105) b) mesmo na defesa da verdade, devemos agir com amor, pois “o maior perigo é não amar (cf. 1Cor 13,1-13)” (n. 92).

O que foge disso tudo está, via de regra, mais voltado a si mesmo do que ao próximo e pode ser doentio: “A pessoa humana, com os seus direitos inalienáveis, está natural-

mente aberta a criar vínculos. Habita nela, radicalmente, o apelo a transcender-se a si mesma no encontro com os outros” (n. 111). Até mesmo em nível micro, nas comunidades, “os grupos fechados e os casais autorreferenciais, que se constituem como um ‘nós’ contraposto ao mundo inteiro, habitualmente são formas idealizadas de egoísmo e mera autoproteção” (n. 89). Ninguém deve se isolar, somos “todos irmãos (Mt 23,8)” (n. 95). Aqui entra o racismo: “um vírus que muda facilmente e, em vez de desaparecer, dissimula-se, mas está sempre à espreita” (n. 97). Nesse contexto, quem ama os que com ele convivem numa comunidade local, deverá amar também os de mais longe: é assim o exercício da fraternidade universal (cf. n. 99-104). Sim, pois “todo ser humano tem direito de viver com dignidade

e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental” (n. 107). Somos, portanto, chamados a dar o melhor aos outros na verdadeira solidariedade (cf. n. 112 e 114), sem nos esquecermos do cuidado para com a “casa comum”, conforme foi longamente tratado na *Laudato Si*, e com o uso correto da terra.

Sobre a terra, em especial, escreve o Pontífice: “Faço minhas e volto a propor a todos algumas palavras de São João Paulo II, cuja veemência talvez tenha passado despercebida: ‘Deus deu a terra a todo gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém’ (*Centesimus annus* (1 de maio de 1991), 31: *AAS* 83 (1991), 831). Nesta linha, lembro que ‘a tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada’ (Carta enc. *Laudato si*’ (24 de maio de 2015), 93: *AAS* 107 (2015), 884). O princípio do uso comum dos bens criados para todos é o ‘primeiro princípio de toda a ordem ético-social’ (Carta enc. *Laborem exercens* (14 de setembro de 1981), 19: *AAS* 73 (1981), 626), é um direito natural, primordial e prioritário (cf. Conselho Pontifício «Justiça e paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 172). Todos os outros direitos sobre os bens necessários para a realização integral das pessoas, quaisquer que sejam eles incluindo o da propriedade privada, ‘não devem – como afirmava São Paulo VI – impedir, mas, pelo contrário, facilitar a sua realização’ (*Populorum progressio* (26 de março de 1967), 22: *AAS* 59 (1967), 268). O direito à propriedade privada só pode ser considerado como um direito natural secundário e derivado do princípio do destino universal dos bens criados, e isto tem consequências muito concretas que se devem refletir no funcionamento da sociedade. Mas acontece muitas vezes que os direitos secundários se sobrepõem aos prioritários

e primordiais, deixando-os sem relevância prática” (n. 120; cf. n. 124).

Francisco louva os empresários em seus esforços, porém também os desafia: “Mas estas capacidades dos empresários, que são um dom de Deus, deveriam em todo o caso orientar-se claramente para o desenvolvimento das outras pessoas e a superação da miséria, especialmente através da criação de oportunidades de trabalho diversificadas” (n. 123). Afinal, só ante uma lógica que considera a dignidade humana é possível sonhar com e ter um mundo melhor (cf. n. 123).

No Capítulo IV, cujo título soa “Um coração aberto ao mundo inteiro” (n. 128-153), o Papa se volta por primeiro a um problema que lhe é muito especial: o dos migrantes. Para o Santo Padre, o ideal seria ninguém deixar a sua terra natal, mas se, forçado por algumas circunstâncias específicas, as pessoas tiverem de buscar outras regiões, que vigore para elas a fraternidade universal: onde quer que esteja ou vá, encontre irmãos e irmãs capazes de lhes aplicar concretamente quatro verbos: “acolher, proteger, promover e integrar” (n. 129). A quem já se encontra instalado em um lugar faz algum tempo, importa que lhe seja reconhecida a cidadania, ou seja, a pertença legal à população local (cf. n. 131); ele há de ser um dom para ela, pois sempre traz algo novo (cf. n. 133).

“As várias culturas, cuja riqueza se foi criando ao longo dos séculos, devem ser salvaguardadas para que o mundo não fique mais pobre. Isso, porém, sem deixar de as estimular a que permitam surgir de si mesmas algo de novo no encontro com outras realidades” (n. 134 e 148). Nesse cenário, “a ajuda mútua entre países acaba por beneficiar a todos” (n. 137), dado que “hoje nenhum Estado nacional isolado é capaz de garantir o bem comum da própria população” (n. 153). Isso tudo sem perder, é certo, a identidade local (cf. n. 142) à luz de intercâmbios sadios e enriquecedores (n. 144). Nessa perspectiva não cabem os “narcisismos bairristas que não expressam um

amor sadio pelo próprio povo e a sua cultura. Escondem um espírito fechado que, devido a uma certa insegurança e medo do outro, prefere criar muralhas defensivas para sua salvaguarda” (n. 146). Pensa, assim, o Santo Padre, junto com Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, no bom relacionamento entre o Ocidente e o Oriente (cf. n. 136).

Antes de prosseguir na leitura da *Fratelli Tutti*, desejo lembrar, a título pessoal, as palavras do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) sobre os muçulmanos, uma vez que a relação entre o Ocidente e o Oriente envolve cristianismo e islamismo: “A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum. E se é verdade que, no decurso dos séculos, surgiram entre cristãos e muçulmanos não poucas discórdias e ódios, este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens” (*Nostra aetate* n. 3). Neste ponto específico, como fonte de aprofundamento, indico uma obra que trata do islamismo de modo sério: *Religiões: respostas para as perguntas do homem moderno*. São Paulo: Mundo e missão, 1998, p. 73-95 (volume I).

Retornando à Encíclica, vemos que Francisco se volta para a gratuidade cristã que é, em síntese, fazer o bem sem esperar nada em troca.

Eis suas palavras sobre a gratuidade: “é a capacidade de fazer algumas coisas, pelo simples fato de serem boas, sem olhar êxitos nem esperar receber imediatamente algo em troca. Isto permite acolher o estrangeiro, mesmo que não traga de imediato benefícios palpáveis. Mas há países que pretendem receber apenas cientistas ou investidores. Quem não vive a gratuidade fraterna, transforma a sua existência num comércio cheio de ansiedade: está sempre a medir aquilo que dá e o que recebe em troca” (n. 139-140). É óbvio que “os nacionalismos fechados manifestam, em última análise, esta incapacidade de gratuidade, a errada persuasão de que podem desenvolver-se à margem da ruína dos outros e que, fechando-se aos demais, estarão mais protegidos. O migrante é visto como um usurpador, que nada oferece” (n. 141).

Daí afirmar o Papa sobre a interação social: “Esta abordagem exige, em última análise, que se aceite com alegria que nenhum povo, nenhuma cultura, nenhum indivíduo pode obter tudo de si mesmo. Os outros são, constitutivamente, necessários para a construção duma vida plena. A consciência do limite ou da exiguidade, longe de ser uma ameaça, torna-se a chave segundo a qual sonhar e elaborar um projeto comum. Com efeito, ‘o homem é o ser fronteiriço que não tem qualquer fronteira’ (Georg Simmel, *Brücke und Tür. Essays des Philosophen zur Geschichte, Religion, Kunst und Gesellschaft* (Estugarda 1957), 6)” (n. 150).

Possam estas reflexões do Santo Padre levar-nos a repensar, à luz do Evangelho, nossa relação com todos os que passam por nós no dia a dia. Peçamos a Deus a graça de sermos realmente acolhedores como manda o Evangelho (cf. Mt 25,35) e recomenda a Regra de São Bento (53,15) citada pelo Papa no número 90 da *Fratelli Tutti*.

A nova encíclica social 'Fratelli tutti' (IV)

Com este artigo sobre os Capítulos 5 a 7 da nova Encíclica "Fratelli tutti", sobre a fraternidade e a amizade social, do Papa Francisco, avanço um pouco mais na minha apresentação desse documento que muito tem a dizer a todos os fiéis católicos e demais homens e mulheres de boa vontade.

O Capítulo V, com o título "A política melhor" (n. 154-197), é um convite muito prático a superar as "más" ou até as consideradas "boas" políticas por uma "melhor". Que é essa política melhor? – É "a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum" (n. 154; cf. n. 176-177) e que vista desta maneira, "é mais nobre do que a aparência, o marketing, as diferentes formas de maquiagem mediática" (n. 197). Ela se choca com a forma liberalista e populista de fazer política, que é longamente explanada na "Fratelli tutti" (cf. n. 155-161). No entanto, o Santo Padre recorda que populismo é diferente de popular, este último vocábulo se aplica apenas a quem promove o bem do povo em geral, não só oferecendo dinheiro aos pobres, mas, sim, garantindo-lhes vida digna. Afinal, "por mais que mudem os sistemas de produção, a política não pode renunciar ao objetivo de conseguir

que a organização dum sociedade assegure a cada pessoa uma maneira de contribuir com as suas capacidades e o seu esforço" (cf. n. 162).

Ainda: são falsamente acusados como "populistas quantos defendem os direitos dos mais frágeis da sociedade" (n. 163); todavia, não pode haver garantias aos sadios direitos particulares sem a presença apoiadora do Estado, dado que "de fato, não há vida privada, se não for protegida por uma ordem pública; um lar acolhedor doméstico não tem intimidade, se não estiver sob a tutela da legalidade, dum estado de tranquilidade fundado na lei e na força e com a condição dum mínimo de bem-estar garantido pela divisão do trabalho, pelas trocas comerciais, pela justiça social e pela cidadania política" (Paul Ricoeur, 'Le socius et le prochain', in: Idem, *Histoire et vérité* (Paris 1967), 122). A verdadeira caridade inclui tudo isso e nada desperdiça do que pode servir – de verdade e não por interesses escusos – o próximo. Sim, afirma o Papa que "às vezes deparamo-nos com ideologias de esquerda ou pensamentos sociais cultivando hábitos individualistas e procedimentos ineficazes, porque beneficiam a poucos; entretanto a multidão dos abandonados



Papa Francisco ✓
@Pontifex_pt

Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras.

[#FratelliTutti](#)

fica à mercê da possível boa vontade de alguns. Isto demonstra que é necessário fazer crescer não só uma espiritualidade da fraternidade, mas também e ao mesmo tempo uma organização mundial mais eficiente para ajudar a resolver os problemas prementes dos abandonados que sofrem e morrem nos países pobres" (n. 165). Também a política econômica ativa, que é necessária, deve ser acompanhada pela solidariedade e confiança mútua, tendo a dignidade humana no centro (n. 168) e o apoio ao chamados "movimentos populares" (n. 169).

Seria importante uma autoridade internacional capaz de garantir a vivência da justiça entendida como o "dar a cada um o que lhe é devido" (n. 171). Contudo, "quando se fala dum possível forma de autoridade mundial regulada pelo direito (Cf. Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), 67: *AAS* 101 (2009), 700-701.), não se

deve necessariamente pensar numa autoridade pessoal. Mas deveria prever pelo menos a criação de organizações mundiais mais eficazes, dotadas de autoridade para assegurar o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais" (n. 172). Não se pode esquecer que, na debilidade ou ausência de atuação de Organizações Internacionais, alguns grupos civis têm ajudado a suprir a lacuna (cf. n. 175). Em tudo, no entanto, há de reinar a caridade, síntese de toda lei (cf. Mt 22,36-40). "Esta caridade política supõe ter maturado um sentido social que supere toda a mentalidade individualista" (n. 182), pois só "a caridade pode construir um mundo novo" (n. 183), à luz da razão e da fé, sem relativismos (cf. n. 185). Ainda mais: "Esta caridade, coração do espírito da política, é sempre um amor preferencial pelos últimos, que subjaz a todas as ações realizadas



Papa Francisco ✓
@Pontifex_pt

O esforço para construir uma sociedade mais justa implica uma capacidade de fraternidade, um espírito de comunhão humana.

[#TempoDaCriação](#) [#FratelliTutti](#)

em seu favor” (cf. São João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), 42: *AAS* 80 (1988), 572-574; Idem, Carta enc. *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), 11: *AAS* 83 (1991), 806-807). Sejam pois lembrados os princípios “de *subsidiariedade*, inseparável do princípio de *solidariedade*” (n. 187) e uma política voltada a “eliminar efetivamente a fome” (n. 189).

Vem a título de fecho deste capítulo um ponto destacado por Francisco: “Neste contexto, gostaria de lembrar que eu, juntamente com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, pedimos ‘aos artífices da política internacional e da economia mundial para se comprometerem seriamente na difusão da tolerância, da convivência e da paz; para intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente’ (*Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (Abu Dhabi 4 de fevereiro de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 05/II/2019), 21). E quando uma determinada política semeia o ódio e o medo em relação a outras nações em nome do bem do próprio país, é necessário estar alerta, reagir a tempo e corrigir imediatamente o rumo” (n. 192).

O capítulo VI, “Diálogo e amizade social” (n. 198-224), reafirma – em suma – um verbo muito caro ao atual Pontífice: dialogar (cf. n. 198) e promover, apesar das dificuldades, a “cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro” (n. 215; cf. n. 216-217). Tal diálogo jamais se confunde com “uma troca febril de opiniões nas redes sociais, muitas vezes pilotada por uma informação mediática nem sempre fiável” (n. 200) com menosprezo a quem pensa diferente (cf. n. 201). Aliás, essa “falta de diálogo supõe que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas com obter as vantagens que o poder lhe proporciona ou, na melhor das hipóteses, com impor o seu próprio modo de pensar” (n. 202). Sim, “o diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto

de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos” (n. 203). Nisso, se bem usada, “a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos” (n. 205).

Contudo – e isso é deveras importante –, o diálogo não pode ceder lugar ao relativismo a professar sermos incapazes de chegar à verdade como tal (cf. n. 206), ao qual se junta “o risco de que o poderoso ou o mais hábil consiga impor uma suposta verdade” (n. 209). E dá exemplo do não matar. “É uma verdade irrenunciável que reconhecemos com a razão e aceitamos com a consciência. Uma sociedade é nobre e respeitável, nomeadamente porque cultiva a busca da verdade e pelo seu apego às verdades fundamentais” (n. 207). “Temos de nos exercitar em desmascarar as várias modalidades de manipulação, deformação e ocultamento da verdade nas esferas pública e privada” (n. 208). Afinal, as verdades morais básicas vão além do mero consenso, estão inscritas na natureza humana (cf. n. 211-212).

Mais: “Se devemos em qualquer situação respeitar a dignidade dos outros, isto significa que esta não é uma invenção nem uma suposição nossa, mas que existe realmente neles um valor superior às coisas materiais e independente das circunstâncias e exige um tratamento distinto” (n. 213). Nessa sociedade há de se reconhecer no outro o direito de ser ele mesmo, sem violência, dado que “por trás da repulsa de certas formas visíveis de violência, muitas vezes esconde-se outra violência mais dissimulada: a daqueles que desprezam o diferente, sobretudo quando as suas reivindicações prejudicam de alguma maneira os próprios interesses” (n. 218).

Também somos convidados a respeitar os povos nativos, especialmente os indígenas (cf. n. 220), bem como abrimo-nos ao diálogo com todos os povos e até a ceder algo pelo bem comum (cf. n. 221). Já contra o individualismo consumista (cf. n. 222), São Paulo propõe “um fruto do Espírito Santo com a palavra grega *chrestotes* (Gl 5,22), que expressa um estado de ânimo não áspero, rude, duro, mas benigno, suave, que sustenta e conforta. A pessoa que possui esta qualidade ajuda os outros, para que a sua existência seja mais suportável, sobretudo quando sobrecarregados com o peso dos seus problemas, urgências e angústias” (n. 223) e é levada a viver a amabilidade do “com licença”, “desculpe”, “obrigado” (n. 224).

Ao concluir este capítulo da “Fratelli tutti”, a tratar da amizade social, não posso, enquanto monge cisterciense agradecido a Deus pelo dom da minha consagração, deixar de recomendar a obra de um grande padre cisterciense. Trata-se da

“Amizade espiritual”, de Aelredo de Rievaulx, monge e abade do século XII, que ajuda a cada ser humano a, valendo-se dos sadios laços humanos, transcendê-los ou elevá-los a Deus. Para Aelredo, a amizade deve ser uma escada que conduz ao céu (cf. *Amizade espiritual. Oração pastoral*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017). Elevemo-nos – pela graça divina que a ninguém falta –, com esse monge inglês, a tão altos patamares espirituais!

Chegamos, assim, ao capítulo VII que tem por título “Percurso dum novo encontro” (n. 225-270) capazes de nos conduzir à paz sem desejos de vingança (cf. n. 226-227), mas a sermos promotores da reconciliação e do encontro (cf. n. 229 e 232). Importa perdoar o rival de fora

como se fosse membro da nossa família (cf. n. 230). Embora longo, devo apenas apontar os itens tratados que recordam, na sua quase totalidade, temas trabalhados recentemente pelo Papa Francisco e que abordei, inclusive, de algum modo, em meus artigos à imprensa.

Podemos dizer que o Santo Padre recomenda neste capítulo: 1) a amizade social com os mais pobres (cf. n. 233), uma vez que a desigualdade e a falta de inclusão social pode ser geradora de violência (cf. n. 234-235); 2) o perdão e a reconciliação (237-239) superando o mal com o bem (cf. n. 243), apesar de que “amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal; nem levá-lo a pensar que é aceitável o que faz” (n. 241); 3) não se esquecer de fatos graves da história para não repeti-los: A *Shoah*, os bombardeios atômicos de Hiroxima e Nagasáqui (cf. n. 246-247), “as perseguições, o comércio dos escravos e os massacres étnicos que se verificaram e verificam em vários países, e tantos outros fatos históricos que nos fazem envergonhar de sermos humanos” (n. 248). Alguém poderia perguntar: mas como entender o Papa se ele convida a perdoar, e, ao mesmo tempo, a não esquecer dos erros cometidos?

Eis sua própria explicação: “Aqueles que perdoam de verdade não esquecem, mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que os lesou” (n. 251). O que também não redundam em impunidade: quem erra tem de pagar pelo erro (cf. n. 252); 4) condena a guerra injusta e pede que elas nunca mais aconteçam, pois todas deixam o mundo pior do que antes (cf. n. 256-262); 5) recrimina a pena de morte, a prisão perpétua e as ações extrajudiciais (cf. n. 263-268) e 6) defende um mundo de paz no qual se cumpra a profecia de Isaías para os tempos messiânicos: “transformarão as suas espadas em relhas de arado” (2,4).

Eis, assim, mais um trecho da “Fratelli tutti” a cada irmão e irmã interessado(a) em meditar, com alegria, este novo documento social da Igreja.



A nova encíclica social 'Fratelli tutti' (V)

Concluindo as primeiras reflexões e tentando fazer uma pequena apresentação da Encíclica "Fratelli tutti", sobre a fraternidade e a amizade social, publicada pelo Papa Francisco, tratando, de modo mais amplo do que nos artigos anteriores, do Capítulo VIII – "As religiões ao serviço da fraternidade no mundo" (n. 271-287) –, pois trata da nossa vida cristã em diálogo com os demais cristãos e com as outras religiões – na sociedade e a importância da presença da religiosa no mundo.

O Santo Padre assim expõe a linha mestra do capítulo: "As várias religiões, a partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bis-

pos da Índia, 'o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor' (Conferência dos Bispos Católicos da Índia, *Response of the church in India to the present day challenges* (9 de março de 2016)" (n. 271). Em outras palavras, no reconhecimento de Deus como Pai, nos vemos todos como irmãos (cf. n. 272). "Para muitos cristãos, este caminho de fraternidade tem também uma Mãe, chamada Maria. Ela recebeu junto da Cruz esta maternidade universal (cf. Jo 19, 26) e cuida não só de Jesus, mas também do 'resto da sua descendência' (Ap 12,17)" (n. 278).

Sem isso, só há devaneios que, longe de libertar, ameaçam as justas relações entre os homens ou a verdadeira fraternidade: "Nesta linha, quero lembrar um texto memorável: 'Se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identida-

de, então não há qualquer princípio seguro que garanta relações justas entre os homens. Com efeito, o seu interesse de classe, de grupo, de nação contrapõe-nos inevitavelmente uns aos outros. Se não se reconhece a verdade transcendente, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro. (...) A raiz do totalitarismo moderno, portanto, deve ser individuada na negação da transcendente dignidade da pessoa humana, imagem visível de Deus invisível, e precisamente por isso, pela sua própria natureza, sujeito de direitos que ninguém pode violar: seja indivíduo, grupo, classe, nação ou Estado. Nem tampouco o pode fazer a maioria de um corpo social, lançando-se contra a minoria' (São João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), 44: *AAS* 83 (1991), 849)" (n. 273).

E mais: "Julgamos que, 'quando se pretende, em nome duma ideologia, expulsar Deus da sociedade, acaba-se adorando ídolos, e bem depressa o próprio homem se sente perdido, a sua dignidade é espezinhada, os seus direitos violados. Conheceis bem a brutalidade a que pode conduzir a privação da liberdade de consciência e da liberdade religiosa, e como desta ferida se gera uma humanidade radicalmente empobrecida, porque fica privada de esperança e de ideais' (Francisco, *Discurso no Encontro Inter-religioso* (Tirana – Albânia 21 de setembro de 2014): *Insegnamenti* II/2 (2014), 277; *L'Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 25/IX/2014), 11)" (n. 274). "Temos de reconhecer que, 'entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o domínio do individualismo e das filosofias materialistas que divini-



zam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentes’ (Francisco – Ahmad Al-Tayyeb, *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (Abu Dhabi 4 de fevereiro de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 05/II/2019), 21). Não se pode admitir que, no debate público, só tenham voz os ateus e os cientistas. Deve haver um lugar para a reflexão que provém de um fundo religioso que recolhe séculos de experiência e sabedoria. ‘Os textos religiosos clássicos podem oferecer um significado para todas as épocas, possuem uma força motivadora’, mas de fato ‘são desprezados pela miopia dos racionalismos’ (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), 256: *AAS* 105 (2013), 1123)” (n. 275).

É em nome da Lei natural moral que a Igreja tem o direito e o dever de orientar seus fiéis também no campo político. Note-se bem: não se trata da política partidária ou das formas de governo, mas, sim, dos interesses mais nobres do ser humano, ou seja, dos campos da fé e da moral, como bem escreve o Papa: “embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado. Pelo contrário, não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor nem deixar de ‘despertar as forças espirituais’ (Bento XVI, Carta enc. *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), 28: *AAS* 98 (2006), 240) que possam fecundar toda a vida social. É verdade que os ministros da religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência (Aristóteles, *Política*, parágrafo 1253a, linhas 1-3) que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral. A Igreja ‘tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação’, mas busca a ‘promoção do homem e da fraternidade universal’ (Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de

junho de 2009), 11: *AAS* 101 (2009), 648.). Não pretende disputar poderes terrenos, mas oferecer-se como ‘uma família entre as famílias – a Igreja é isto –, disponível (...) para testemunhar ao mundo de hoje a fé, a esperança e o amor ao Senhor, mas também àqueles que Ele ama com predileção. Uma casa com as portas abertas... A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe’ (Francisco, *Discurso no encontro com a comunidade católica* (Rakovsky – Bulgária 6 de maio de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 07/V/2019), 9). E como Maria, a Mãe de Jesus, ‘queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação (Idem, *Homilia durante a Santa Missa* (Santiago de Cuba 22 de setembro de 2015): *AAS* 107 (2015), 1005)” (n. 276).

Mais: A Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões e ‘nada rejeita do que, nessas religiões, existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que (...) refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens’ (Conc. Ecum. Vat. II, Decl. sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs *Nostra aetate*, 2). Todavia, como cristãos, não podemos esconder que, ‘se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no fato de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher’ (Francisco, *Discurso no encontro ecumênico* (Riga - Letônia 24 de setembro de 2018): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 27/IX/2018), 11). Outros bebem dou-

tras fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, ‘para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a Humanidade inteira, como vocação de todos’ (Idem, «*Lectio divina*» na *Pontifícia Universidade Lateranense* (26 de março de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 09/IV/2019), 6).

Ainda no campo sociopolítico, “como cristãos, pedimos que, nos países onde somos minoria, nos seja garantida a liberdade, tal como nós a favorecemos para aqueles que não são cristãos onde eles são minoria. Existe um direito humano fundamental que não deve ser esquecido no caminho da fraternidade e da paz: é a liberdade religiosa para os crentes de todas as religiões” (n. 279), assim como também “pedimos a Deus que fortaleça a unidade dentro da Igreja, unidade que se enriquece com diferenças que se reconciliam pela ação do Espírito Santo” (n. 280). Mais: “Como crentes, somos desafiados a retornar às nossas fontes para nos concentrarmos no essencial: a adoração de Deus e o amor ao próximo, para que alguns aspectos da nossa doutrina, fora do seu contexto, não acabem por alimentar formas de desprezo, ódio, xenofobia, negação do outro. A verdade é que a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações” (n. 282). Aliás, o fundamentalismo terrorista pode aparecer em qualquer religião pela imprudência de seus líderes (cf. n. 283-284).

E continua Francisco: “Naquele encontro fraterno, que recorde jubilosamente, com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb ‘declaramos – firmemente – que as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das

interpretações de grupos de homens de religião que abusaram – nalgumas fases da história – da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens (...). Com efeito Deus, o Todo-Poderoso, não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas’ (Francisco – Ahmad Al-Tayyeb, *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (Abu Dhabi 4 de fevereiro de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 05/II/2019), 22.)” (n. 285).

A longa Encíclica, além de lembrar vários líderes de outros segmentos religiosos, conclui, fazendo memória do Beato Charles de Foucauld: “O seu ideal duma entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto afloravam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão (cf. Carlos de Foucauld, *Meditação sobre o Pai Nosso* (23 de janeiro de 1897): *Opere spirituali* (Roma 1983), 555-562), e pedia a um amigo: ‘Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos’ (Idem, *Carta a Henry de Castries* (29 de novembro de 1901)). Enfim queria ser ‘o irmão universal’ (Idem, *Carta a Madame de Bondy* (7 de janeiro de 1902)). Assim o designava também São Paulo VI, elogiando o seu serviço: Carta enc. *Populorum progressio* (26 de março de 1967), 12: *AAS* 59 (1967), 263). Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire este ideal a cada um de nós. Amém” (n. 287; cf. n. 286).

Possam estes longos, densos e desafiadores ensinamentos do Papa Francisco chegar a cada um de nós que desejamos um mundo mais humano e fraterno como sonharam e viveram, por exemplo, Francisco de Assis e Charles de Foucauld, homens de fé e conduta santa muito valorizados, com justiça, pelo Santo Padre. Que eles intercedam por nós junto a Deus a fim de sermos cada dia melhores e fazermos o mundo também melhor...